



SAÚDE DOS TRABALHADORES

Número de afastamentos pelo INSS aumenta 26% na Paraíba

*Problemas de coluna e transtornos mentais lideram as concessões de benefício realizadas no estado. **Página 5***

Foto: Divulgação/DER-PB



Ponte do Futuro facilitará novos investimentos no Litoral Norte

Complexo rodoviário que ligará Cabedelo, Lucena e Santa Rita vai desafogar o tráfego da BR-230 e impactar diretamente o cotidiano da população desses municípios. Com investimentos que já somam R\$ 465,5 milhões, obra do Governo Estadual avança e promete facilitar a instalação de novos empreendimentos na região.

Página 3

■ “Levaram a estátua, dessa vez o busto de Antônio Pessoa. Nas minhas contas, é a segunda que destronam desde que assumi a vigilância desse patrimônio”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Quando olhamos para os resultados do último quadriênio nas instituições públicas e privadas, observamos evolução da pós-graduação no estado”.

Claudio Furtado

Página 19

■ “‘Ó abre alas!’ levou Chiquinha Gonzaga a tornar-se pioneira em composições de Carnaval. A música permanece na memória afetiva de carnavalescos”.

Francelino Soares

Página 27



Consciência ambiental tem alcance ampliado pela literatura de cordel

Folhetos unem ciência e linguagem popular, propagando conhecimentos sobre o meio ambiente de maneira lúdica.

Página 20

Carnaval Tradição celebra legado dos povos originários no estado

Com desfiles na capital paraibana até a próxima terça-feira (17), grupos também enaltecem as raízes periféricas locais.

Página 8

Foto: Rafael Passos/Secom-JP



Igualdade racial ainda é desafio para os municípios paraibanos

Apenas 57 prefeituras possuem estruturas governamentais específicas voltadas à paridade de direitos.

Página 13

Estudo aponta que mercado aguenta fim da escala 6x1 no país

Redução da jornada de trabalho traria impacto de menos de 1% para os grandes setores, segundo o Ipea.

Página 18

Serra Branca estreia na Copa do Brasil em partida contra Porto-BA

Jogo acontece na próxima quarta-feira (18), às 16h, em Porto Seguro (BA). Botafogo e Sousa são os outros representantes da Paraíba na competição.

Página 21



Editorial

Corte de verba

Ao que parece, a ciência social conhecida como “contabilidade” precisa evoluir muito para dar conta do volume de dinheiro — ou pelo menos um valor aproximado — subtraído da sociedade brasileira pela criminalidade, numa escala que vai, a título de exemplo, dos assaltos à mão armada e saidinhas de bancos à invasão de dispositivos informáticos e tráfico de drogas. São muitas as formas de apropriação do patrimônio alheio.

Ao anunciar o balanço de ações empreendidas somente no ano passado, a Polícia Federal (PF) informou que apreendeu cerca de R\$ 9,5 bilhões de “supostas organizações criminosas”. No entanto, de acordo com declarações do diretor-geral da PF, Andrei Rodrigues, esse valor não é definitivo, ou seja, entende-se que pode crescer muito, ainda, uma vez que diz respeito apenas às apreensões feitas com autorização judicial.

Os confiscos da PF, com anuência da Justiça, referem-se a imóveis, veículos, aeronaves e joias, entre outros bens, e fazem parte da política federal de enfrentamento de grupos criminosos, com vistas a desmantelar a principal base de sustentação das facções celeradas, que é o poder econômico. Mas, e o “dinheiro vivo” amealhado pelos criminosos com a venda de drogas, por exemplo, como contabilizar o total?

E a lista de produtos comercializados ilegalmente no Brasil também é sortida. Vale lembrar, como ilustração, o balanço anual, referente a 2025, feito também há poucos dias, pelo diretor da Polícia Rodoviária Federal (PRF), Antônio Fernando Souza Oliveira. Segundo o policial, foram apreendidos 48,3 milhões de maços de cigarros ilegais, um prejuízo para as organizações facínoras estimado em cerca de R\$ 241 milhões.

O rol de apropriações materiais protagonizadas pela PRF inclui, ainda, várias toneladas de cocaína e maconha e quase 40 mil metros cúbicos de madeira. Ou seja, a máquina do crime é uma engrenagem assassina e lesiva aos bolsos do povo e aos cofres do empresariado e do poder público brasileiros. Isso sem falar no principal bem consumido pela criminalidade, que é a vida das pessoas, também em números avassaladores.

O esforço das Forças de Segurança federais, com o propósito de desmantelar as organizações criminosas, “descapitalizando-as”, deve receber o melhor apoio dos governos federal, estaduais e municipais, e também da população, para que as políticas de combate ao crime se tornem cada vez mais robustas e, portanto, mais equipadas e capacitadas, única forma de fazer frente a um tipo de problema social que cresce a olhos vistos.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A guerra ideológica contra a universidade

O vídeo postado recentemente pela família do ex-jogador de futebol Túlio Maravilha, no qual afirma não concordar que a filha se matricule em uma universidade pública, integra uma ofensiva ideológica destinada a deslegitimar as instituições de Ensino Superior custeadas pelo Estado. Sob o argumento de preservar “valores familiares”, o casal reforça o velho e seletivo falso moralismo das elites, que veem na educação pública um espaço incômodo de crítica social e pluralidade de ideias.

É cada vez mais evidente a existência de um projeto político para desmontar a universidade pública. Esse projeto não se limita ao discurso: materializou-se em cortes orçamentários sistemáticos, que provocaram asfixia financeira, comprometeram o custeio, os investimentos, a assistência estudantil e reduziram bolsas de pesquisa. Trata-se de uma ofensiva conduzida por lideranças da extrema direita, com apoio de setores da elite econômica e cultural, que pretendem submeter o Ensino Superior à lógica neoliberal, extinguindo a gratuidade e transferindo recursos públicos para instituições privadas.

Multiplicam-se ataques que tentam rotular as universidades públicas como ineficientes, irrelevantes e ideologicamente “doutrinadoras”. Recusam-se a reconhecer que nelas se produz a maior parte do conhecimento científico do país, que se desenvolvem pesquisas estratégicas e que se formam profissionais altamente qualificados. Esse negacionismo é político. Suas consequências são concretas: fuga de cérebros, sucateamento de laboratórios, dificuldades de permanência para estudantes pobres e um ambiente de intimidação que ameaça a liberdade de cátedra.

Os inimigos da universidade pública não toleram que ela seja espaço do contraditório e da crítica. Rejeitam a ideia de que ciência, tecnologia e conhecimento sejam instrumentos de emancipação social.

Declarações como as do casal Túlio Maravilha reforçam a narrativa de “doutrinação de esquerda” e “balbúrdia”, estigmatizando professores e pesquisadores e expressando a histórica aversão das elites brasileiras a uma universidade gratuita, inclusiva e crítica.

Defender a universidade pública é defender a soberania científica, a mobilidade social e a democracia. Enquanto instituição pública, ela não serve ao lucro, mas ao interesse coletivo. Atacá-la é atacar o futuro do país. Em síntese, esses ataques não são apenas contra as universidades, mas contra a própria democracia.

“

É cada vez mais evidente a existência de um projeto político para desmontar a universidade pública, que não se limita ao discurso

Foto Legenda

João Pedrosa



No passinho do frevo

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

A duração de nossas estátuas

Levaram a estátua, dessa vez o busto de Antônio Pessoa. Vim notar neste fim de semana, ao sair da lotérica com o olhar na direção de uma velha minha conhecida, a antiga casa de Wills Leal, quando jovem, morando com os pais.

Nas minhas contas, é a segunda escultura que destronam do pedestal desde que assumi por conta própria (e faz tempo) a vigilância desse pequeno segmento do patrimônio histórico e artístico da cidade. Antes, faz uns vinte anos, já haviam surrupiado o *pince-nez* do busto de Camilo de Holanda, o presidente que marcou época em seu pioneirismo de modernização da cidade; anos depois levaram o busto inteiro, o desassombro certamente ajudado pelo total abandono de um dos postais encantadores da antiga cidade, em suas características mais autênticas, naquele final maltratado e triste das Trincheiras, de um lado os palacetes arruinados da aristocracia defunta e ao poente o anfiteatro verde com toda uma balaustrada de mirante, hoje ocupado pelo arruamento periférico a trocar o cromo antigo, presente da natureza, pelo amontoado de telheiros de zinco da nossa pobreza sem fim.

O busto, como já lembrei outras vezes, fora erguido trinta anos depois de Camilo ter largado o poder e num gesto de reparo do prefeito Oswaldo Pessoa ao tratamento dado por Epitácio, o grande oligarca, ao fim do mandato de Camilo, excluindo-o da lista de deputados por conta de um chiste que, em confiança, teria largado ao receber a notícia da morte de Antônio Pessoa, mão forte do irmão presidente.

Já na Praça Álvaro Machado, antigo desembarcadouro do Porto do Capim, não foi confiada a colocação de sua estátua. Seus admiradores, que não eram poucos, quase todos monarquistas liderados pelo Barão do Abiahy, preferiram assentar a sua enorme estátua na Praça do Carmo, mais central e próxima às antigas repartições da Segurança. Mesmo em iguais condições, certamente melhores, foi erguido o mais imponente dos monumentos ao presidente João Pessoa, às vistas de dois palácios e de sentinelas, e mesmo assim arrancaram das mãos de um guardião simbólico a

“

É a segunda escultura que destronam do pedestal desde que assumi por conta própria a vigilância desse pequeno segmento do patrimônio histórico e artístico da cidade

folha da espada.

E entremos direto no mais preocupante: a preservação mais segura do busto erguido a Augusto dos Anjos pela Associação de Imprensa e a nossa Academia de Letras, decorridos trinta e tantos anos de sua morte, o governo do Estado entrando com o suporte, o pedestal. Isto enquanto, em Leopoldina, onde o poeta viveu menos de dois anos, Bruno Giorgi concluía, a mando da prefeitura local, a maquete do conjunto escultural que orna o túmulo do poeta.

O busto já esteve mais ameaçado, quando perdido e confundido em meio às capotas do estacionamento de automóveis em que se degradara o Parque Solon de Lucena, estacionamento expurgado na gestão anterior do prefeito Cartaxo. O poeta ficou mais à vista numa clareira aberta próxima à parada geral dos ônibus. Já pensei em ir a Rubin Falcão, ao prefeito, para dividir com eles a ideia de um gradil artístico ou coisa semelhante em torno da estátua. Uma coisa bem pensada, bem concebida, que proteja um monumento de tanta significação para a Paraíba e tanto mais para quem nos visita.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: Anual R\$404,25 / Semestral R\$202,12 / Número Atrasado R\$4,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

CABEDELO/LUCENA

Ponte transformará o cotidiano da população

Obra faz parte de um complexo rodoviário onde já foram investidos R\$ 465,5 milhões

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

Sete dias por semana, a operadora de caixa Andrea Varela realiza o mesmo trajeto: sai do bairro de Santa Catarina, em Cabedelo, e vai até o supermercado em que trabalha, localizado a quase 15 km de onde mora. De ônibus, são mais de três horas diárias que ela gasta em deslocamento apenas na rodovia BR-230, principal ligação entre a cidade portuária e a capital João Pessoa. Andrea, assim como outras pessoas que atravessam a estrada para trabalhar, espera economizar mais tempo na viagem com a inauguração do Complexo Rodoviário Ponte do Futuro, que ligará Cabedelo, Lucena e Santa Rita.

Como a cabedelense explica, entre a jornada e o expediente, não há um período em que ela consiga cuidar de si mesma como gostaria. No caminho de volta, o cansaço domina os poucos momentos livres que restam no dia dela. “É praticamente de domingo a domingo. Tem domingo que eu trabalho, tem domingo que eu folgo. A BR é muito congestionada e acho que isso é o que mais atrapalha. Demora muito. Eu preciso dar atenção a minha saúde, dar uma caminhada, mas, quando chego em casa, minha vontade é deitar”, conta.

Para o lucenense Paulo Ricardo Lisboa, a ponte também transformará o dia a dia do município: de quem visita Lucena, hoje, ou passa pela PB-025 ou embarca na balsa sob o Rio Paraíba, entre o distrito de Costinha e Cabedelo. Esse isolamento geográfico interfere ainda no acesso dos moradores a serviços básicos, como exames laboratoriais e atendimentos em hospitais de alta complexidade, disponíveis somente nas cidades vizinhas.

“Hoje a balsa deixa a desejar muito. Você utiliza rezando para chegar ao outro lado. Ultimamente ela vem quebrando muito, sem manutenção e não justificando o aumento absurdo das passagens. Muita gente consegue emprego do outro lado [do rio], mas termina não ficando por conta da limitação de horário da balsa, então acaba perdendo boas



Complexo Rodoviário Ponte do Futuro ligará três municípios da Grande João Pessoa

oportunidades. Muitos jovens que estudam também dependem desse transporte para chegar à escola, seja em Cabedelo, seja em João Pessoa, e alguns até desistem por isso”, avalia.

A obra

O Complexo Rodoviário Ponte do Futuro, cujas obras começaram em dezembro de 2024, integra duas pontes. Na altura do km 9 da BR-230, em Cabedelo, o projeto compreende um viaduto de 40 m sobre a linha férrea e uma ponte de 2 km de extensão, que encontrará a alça norte da BR-101, em Santa Rita. Ao longo da construção, haverá um calçadão, com uma ciclovia e um mirante para que a população possa observar o pôr do sol do Jacaré.

Segundo o Departamento de Estradas de Rodagem da Paraíba (DER-PB), isso facilitará o caminho de veículos pesados que saem do Porto de Cabedelo em direção ao interior do estado e a Natal, no Rio Grande do Norte, ao desviar o tráfego da região de Oitizeiro, na capital. Chegar aos pontos turísticos do Litoral Norte paraibano, a exemplo da Igreja de Nossa Senhora da Guia, também será mais prático. A segunda ponte, sobre o Rio da Guia, terá 420 m e conectará a PB-011, em Forte Velho, à PB-019, em Lucena.

“Essa obra vai criar uma nova logística de transporte para a Região Metropolitana de João Pessoa, para o Porto de Cabedelo, tirando os caminhões pesados que

hoje trafegam pela BR-230, no perímetro urbano de João Pessoa, onde ocorrem muitos acidentes e sinistros de trânsito. A ponte vai ser um vetor de desenvolvimento econômico e social nessa região. Hoje já tem empresas que demonstram esse interesse. Espera-se notadamente a expansão urbana e de empreendimentos empresariais e industriais, inclusive uma área de retroporto para o Porto de Cabedelo”, explica o diretor de Planejamento e Transportes do DER-PB, José Arnaldo Lima.

Atualmente, o complexo rodoviário emprega cerca de 400 pessoas e já atingiu 41% de conclusão. A previsão é que ele seja entregue no fim deste ano, revela o gestor da obra, Aluísio Lucena. “[O complexo] vai desafogar todo esse tráfego da BR-230. Aqui no porto, em vez de pegar a triplicação da rodovia para chegar lá em Bayeux, para subir lá, você vai entrar aqui [na ponte]. Em só 18 km, você já vai estar na BR-101”, aponta.

Ao todo, os investimentos estatais na execução da obra já somam R\$ 465,5 milhões. A estrutura abrirá um novo corredor logístico e regional, capaz de suportar um volume elevado de veículos por dia, reforça o engenheiro Igor Girardi, representante do Consórcio Jampa. A empresa, junto ao DER-PB, é responsável pela realização do empreendimento.

“O usuário vai perceber um menor número de caminhões no trecho urbano da



Foto: Roberto Guedes



O complexo vai desafogar todo esse tráfego da BR-230. No porto, em vez de pegar a triplicação da rodovia para chegar em Bayeux, você vai entrar aqui [na ponte]

Aluísio Lucena

BR-230, menos congestionamento e deslocamentos mais rápidos e previsíveis. Nos horários de pico, a diferença deverá ser ainda mais evidente, com redução significativa das filas e do tempo parado. Para bairros como Bessa, Manaíra e Cabedelo, o novo acesso pela BR-101 representa uma economia média de cerca de 30 minutos por deslocamento, podendo ser maior nos períodos de pico. Já com a nova ponte para Lucena, o tempo de viagem poderá ser reduzido em até 45 minutos, eliminando a necessidade do uso de balsa”, revela.

Desenvolvimento para o Litoral Norte da PB

De acordo com o especialista em mobilidade urbana Nilton Pereira, a Ponte do Futuro carrega um potencial de impacto no Litoral Norte paraibano semelhante ao da PB-018, elo entre a BR-101, o município do Conde e às praias ao sul do estado. Foi a partir da construção da rodovia, em 1998, que praias hoje populares, a exemplo de Jacumã, Carapibus, Coqueirinho e Tambaba, conquistaram os olhares dos turistas. “O Litoral Sul é um dos principais cartões postais que o estado

tem. A região do Conde, de Jacumã e adjacências tem o segundo maior número de leitos de hotel na Paraíba, perdendo só para João Pessoa. Isso por conta do acesso que se criou, que estimulou a ida das pessoas e o crescimento daquela região. Agora, por que não existe esse desenvolvimento no Litoral Norte? É porque é feio? Não. É porque não tem acesso”, constata.

Uma consequência natural do complexo rodoviário, para o estudioso, é o investimento em hotéis, pousadas

e restaurantes no território. Isso beneficiará tanto os moradores da localidade quanto o próprio estado, que desenvolverá mais um polo de atração turística. Áreas já conhecidas, como Baía da Traição, Barra de Camaratuba e Barra de Mamanguape, devem despertar uma atenção ainda maior — e adquirir novas linhas de ônibus capazes de conectá-las à Grande João Pessoa.

“Quando essa ponte for feita, toda aquela região da orla de Forte Velho, todo o Li-

toral Norte, terá uma exploração imobiliária muito grande. Vai ser muito legal morar lá. Vai ter uma possibilidade de adensamento de construção naquela região, não só de habitações, mas também de serviços e geração de emprego, porque, fora aquelas poucas casas que estão às margens do asfalto, ali é só canavial. Então vai haver uma troca de uma região essencialmente rural, que é hoje, para uma urbana. É um processo lento, mas, que vai acontecer, vai”, prevê.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

Corpos emprestados

Sempre que amanhece a Quarta-Feira de Cinzas há um silêncio. Não é o silêncio da paz, mas o do desfalecimento. Um país inteiro parece suspenso, com a ressaca pulsando nas têmporas das cidades. Dizem, com uma mistura de alívio e resignação, que “o Brasil só volta a funcionar depois do Carnaval”. A frase, dita como um fato natural, é a mais perfeita confissão de um êxtase programado. Um coma induzido de quarta a terça-feira, para que na quarta-feira seguinte a engrenagem possa retomar seu giro, sem atropelos.

Pois, o Carnaval deixou a muito de ser uma interrupção na lógica do capital. Tornou-se seu mais eficiente e paradoxal servo. A festa que era respiro, escape, inversão do mundo, foi meticulosamente engolida. A mão invisível do mercado não só pegou no bloco, como agora dita o ritmo do samba-enredo e o preço da fantasia de arquibancada.

A alienação começa na promessa. Anuncia-se a “liberdade”, um conceito agora reduzido à lata de cerveja e ao biquíni mínimo. Corpos, tantos corpos, são convocados à praça pública. Mas não como sujeitos de sua própria história. São convidados a serem, por cinco dias, *commodities* ambulantes. Mercadorias que consomem e, ao mesmo tempo, são consumidas. A beleza é padronizada (o corpo “carnaval”), a diversão é pasteurizada (os “circuitos” oficiais), e a experiência é precificada (o “pacote *all-inclusive*” da folia). O que era transgressão virou tendência; o que era suor de povo no asfalto virou suor de *influencer* no camarote VIP.



Explora-se o corpo do folião, exaurido no gozo obrigatório, que voltará ao trabalho mais cansado e mais pobre

Os corpos então dançam. Mas dançam um ritmo que não é mais só seu. Dançam ao som do *marketing*, do patrocínio milionário, da indústria do entretenimento que transformou o “momento de perder a cabeça” no mais calculado dos investimentos sazonais. A escola de samba, outrora agremiação de moradores, é hoje uma megaempresa, com dívidas milionárias

e um desfile que custa o preço de um pequeno hospital. O bloco de rua, que renasceu como um lampejo de genuinidade, rapidamente viu suas rotas serem cercadas por cordas de isolamento e barracas de marcas globais.

A exploração é múltipla. Explora-se o corpo do folião, exaurido no gozo obrigatório, que voltará ao trabalho mais cansado e mais pobre. Explora-se o corpo do trabalhador dos bastidores, o segurança, o gari, o artesão da fantasia, cujo suor sustenta o espetáculo e cujo salário é uma fração ínfima do lucro gerado. Explora-se, sobretudo, o sentido. Rouba-se de um povo a autoria de sua própria festa. Coopta-se o ritmo, o símbolo, a cor e devolve-se tudo como um produto empacotado, com data de validade e manual de instruções para a diversão.

O Carnaval virou, assim, a mais perfeita *commodite*, um evento transformado em mercadoria genérica, esvaziado de sua alma para melhor circular no mercado global de experiências. “Venha viver a autêntica loucura brasileira!”. O que se vende é uma caricatura, uma versão segura e higienizada do caos criativo que um dia ameaçou virar o mundo de cabeça para baixo.

E assim, na Quarta-Feira de Cinzas, o país “volta a funcionar”. O que significa: a exploração de sempre retoma seu curso, sem o incômodo de uma festa que poderia, de fato, lembrar às pessoas do poder dos corpos quando unidos na rua. O Carnaval-capitalista cumpre seu papel: exaure os corpos, esvazia as mentes, drena as economias e, no fim, entrega uma população dócil de volta à linha de produção. A grande inversão carnavalesca realizou-se: a festa da liberdade tornou-se a fábrica da servidão voluntária.

O Brasil volta a funcionar. Mas é preciso perguntar: funcionar para quem? E a que custo? O silêncio de hoje não é de descanso. É o silêncio de quem foi roubado, mas ainda não encontrou as palavras, ou o ritmo, para reclamar o que é seu. Talvez a verdadeira rebelião comece quando entendermos que a festa só será nossa novamente no dia em que não precisarmos dela como anestésico, mas como prenúncio de um mundo que não deseje voltar a “funcionar” nunca mais.

Colunista colaborador



Foto: Evandro Pereira

Marcelo Augusto

Comandante-geral do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba

“Na nossa profissão, existe um sentimento de ajudar o próximo”

Em entrevista, coronel destacou o trabalho da corporação, ampliação de atendimentos e a missão de salvar vidas

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

Presença forte no imaginário popular, a figura do bombeiro surgiu no Brasil em 1856, no Rio de Janeiro, por meio de um decreto assinado por Dom Pedro II, com o objetivo de combater os incêndios frequentes na capital imperial. Décadas depois, em 9 de junho de 1917, o Corpo de Bombeiros Militar do Estado da Paraíba (CBMPB) foi fundado. Ao longo do tempo, o 1º Batalhão paraibano passou por um processo de especialização, ampliando sua atuação para ocorrências de busca, salvamento e atendimento pré-hospitalar, sempre carregando em seu cerne o princípio de salvar vidas e zelar pelo bem-estar social. Hoje, o CBMPB é reconhecido como uma corporação multifuncional, pioneiro no Nordeste no serviço aeromédico com UTI aérea e referência nacional em sua área de atuação, que impressiona por cobrir várias frentes. Para saber mais a respeito do trabalho desenvolvido pelos bombeiros militares na Paraíba, o jornal A União entrevistou o coronel Marcelo Augusto, comandante-geral do CBMPB.

Entrevista

■ Ser bombeiro vem com muita responsabilidade e comprometimento. Na hora de escolher uma carreira, o que o senhor acredita que motiva alguém a querer entrar para a instituição?

Acredito que essa vontade depende da noção que uma pessoa tem de que o seu trabalho pode ajudar o próximo. A gente vê que, ao longo dos anos, nas aferições que são feitas pelo país, o Corpo de Bombeiros sempre recebe uma avaliação muito alta em relação a credibilidade, aceitação social e confiabilidade. Além disso, dentro de uma instituição como a nossa, existe uma série de possibilidades de ação que pode ser colocada em prática, de acordo com a área com que você mais se identifica. Salvamento aéreo, guarda-vidas, trabalho com cães, uma área técnica, que chamamos de “área de engenharia”. Nosso trabalho integra ações de diversos setores, como a Saúde, com aeromédicos, aviões e ambulâncias, e Turismo e Economia, já que as praias são protegidas por guarda-vidas, e os hotéis são visitados pelo Corpo de Bombeiros, que faz a prevenção para garantir a segurança pública. Nossa atuação é muito abrangente, e acredito que isso é um atrativo forte para quem quer integrar o Corpo de Bombeiros.

■ Quais os desafios da profissão?

Quando um jovem entra no Corpo de Bombeiros, através de concurso público para a praça e oficiais [cargos de execução operacional e de gestão de comando, respectivamente], ele não conhece a nossa instituição a fundo. Existem desafios físicos e mentais, mas, ao longo do tempo, durante o nosso curso, esse jovem vai sendo preparado, nível por nível, para alcançar o patamar que nós almejamos, que é o de alguém pronto para desenvolver ações em todas as frentes, na parte aquática, aérea e de combate a incêndios. Isso tudo requer condicionamento físico e treinamento. Investimos muito na qualificação e no preparo físico e mental, que é primordial, já que nosso equipamento possui um certo peso e nós desenvolvemos ações que requerem esforço e estratégia. Mas, na mesma medida, estamos sempre investindo em inovações. Nossa profissão está sempre se modernizando, antenada. E, logicamente, o crescimento da exigência é gradual, então os desafios serão encarados de acordo com o nível de quem integra a nossa instituição.

■ Como é lidar com situações de perigo constantemente? A equipe recebe apoio psicológico?

Temos um cuidado enorme com a proteção dos militares que estão em ocorrências de incêndio e salvamentos. A partir do momento em que você tem uma capacitação, treinamento, instruções claras e a segurança fornecida pelos equipamentos de proteção individual (EPIs), a confiança para atender a uma ocorrência aumenta. O militar sabe que tem um equipamento certificado, que dispõe dos itens necessários para manter a proteção e que não está agindo sozinho. Mas, sempre que ele vai para um atendimento — seja pré-hospitalar, combate a incêndio ou salvamentos aquáticos —, há um impacto psicológico e, portanto, é necessário que haja um acompanhamento. Por isso, hoje, nós temos o sistema da policlínica, que dispõe de várias especialidades médicas, psicológicas e psiquiátricas. E, internamente, também alimentamos o companheirismo. Uma ocorrência com perdas humanas, por exemplo, tem um impacto muito forte nos militares. Então, poder dialogar, falar sobre isso, conversar sobre a ação... tudo isso ajuda muito a superar esses impactos, que são muito fortes na profissão.

■ Como é o treinamento para os iniciantes? Há quem se surpreenda nesta fase do curso, pelo nível de exigência?

O nosso processo de seleção começa com o concurso público e, depois, passa por outras fases, como a médica — no qual são apresentados os exames do candidato —, condicionamento — no qual é feita uma avaliação de corrida e outras atividades que envolvem esforço físico — e o psicotécnico. É necessário atingir certos índices para se adequar à profissão. E, ao longo desse processo, vamos conhecendo um pouco mais desse candidato. Uma vez dentro da nossa instituição, começa o processo de formação e, normalmente, nosso curso tem de um ano e meio a três anos de duração. Nesse tempo, é possível começar a se familiarizar com as atividades realizadas pelo Corpo de Bombeiros. Mas, sim, temos uma preocupação muito grande com a avaliação do condicionamento físico, que é primordial para o desenvolvimento das nossas ações. Porém, vale lembrar que o processo é gradual. A pessoa vai sendo preparada para atender às exigências que temos enquanto militares. Nos-

sa profissão é muito técnica e, além de esforço físico, também demanda muito conhecimento. Para combater incêndios, por exemplo, às vezes, é preciso subir escadas até o quarto, sexto andar de um prédio, carregando equipamento. Isso exige técnica, força, condicionamento, estratégia, informação. O conhecimento é fundamental para que a gente possa atuar da melhor forma possível. Através da experiência dos nossos instrutores e monitores, esse preparo vai sendo feito de forma tranquila ao longo do curso, até que o nível esperado seja atingido e depois, é claro, aprimorado.

■ Para além dos equipamentos de proteção que o senhor mencionou, foi dito que, até pela questão psicológica, é muito importante que o Batalhão seja um ambiente de diálogo. Lá fora, em ação, vocês também precisam ter muita confiança uns nos outros para trabalhar em equipe. Como esse nível de confiança e companheirismo é desenvolvido?

Durante o curso de treinamento e capacitação, existem protocolos e ritos que são bem específicos, para agregar camaradagem e o sentimento de união, como alguns exercícios e atividades de acampamento. Não existe nenhuma ocorrência em que o militar é enviado para atuar só. Na nossa profissão, isso é impossível, e a companhia é um ponto-chave. Nós sempre atuamos em equipe, um dependendo do outro e auxiliando o outro. Durante uma ocorrência, é essencial que cada um tenha sua competência bem delimitada e que se esforce a fim de que o coletivo se sobressaia. Trabalhar sozinho não existe na nossa estrutura, estamos sempre em equipe. Uma guarnição de resgate tem, pelo menos, três componentes. A atuação é sistêmica e visa ao bem-estar do paciente, de quem fez a solicitação e ao cuidado com o outro. Por isso, o treinamento é primordial e contínuo e, no dia a dia e ao longo de cada ocorrência, nossos laços se estreitam também.

■ A figura do bombeiro é muito forte no nosso imaginário enquanto sociedade, tanto porque a gente brinca, quando criança, com carrinhos de bombeiro fazendo salvamentos, quanto porque a gente sempre vê bombeiros na mídia, em filmes, que mostram esse profissional como herói. E eu queria entender, na opinião do senhor, o quanto esse imaginário popular tem de real e o que é fantasia?

Eu, particularmente, gosto muito de alimentar isso, essa imagem que a nossa instituição tem, especialmente no imaginário de crianças. Muitos dos nossos projetos envolvem crianças e adolescentes, como o Bombeiro Mirim e Guarda-Vida Mirim, que visa inspirar e orientar esses jovens. E a gente sente que esse imaginário é muito forte, que a profissão é vista como algo belo, que remete ao heroísmo, onde você coloca a sua vida em prol do próximo. É isso que a nossa profissão faz: quando a ocorrência chega ao nosso telefone, 193, vamos atender cientes de que alguém está precisando de apoio, que há alguém, em uma situação de crise, precisando da nossa melhor ação. E essa ação, às vezes, coloca a nossa vida em risco, seja no salvamento aquático, seja quando você adentra um incêndio. Então, eu acredito que essa imagem do Corpo de Bombeiros parte do que é visto no coti-

diano, no mundo real, e que é necessário que isso exista. Agora, é claro, é preciso marcar um limite entre a ficção e a realidade. Como eu disse, nós dispomos de uma série de EPIs, e os nossos militares estão sempre se qualificando, preparados para atuar. O somatório dessas ações, de todo esse preparo, investimento, cuidado e condicionamento, é um ato heroico. Vou dar o exemplo de quando fomos para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 2024. Os nossos militares saíram da Paraíba e foram até lá, como voluntários, para alcançar e ajudar o próximo. E não só os da Paraíba: Pernambuco, Maranhão, Ceará — bombeiros militares, como um todo, trabalharam em união. Também fomos voluntários no caso do rompimento da barragem em Brumadinho, em 2019, com os nossos cães. Nossos militares já foram ao Canadá, para ajudar a combater incêndios florestais. Na nossa profissão, a vontade é de ajudar o próximo, seja onde for. E você se sente, verdadeiramente, como um herói, porque o seu objetivo é salvar vidas.

■ E como funciona o trabalho com os cães? Como é feito o treinamento, de onde eles vêm e até quando eles atuam com vocês?

Essa é uma parte muito interessante da nossa instituição. Nós temos militares que possuem essa aptidão, de trabalhar com animais. Quando vem trabalhar conosco, o cão é selecionado dentro de parâmetros que existem no Corpo de Bombeiros. Às vezes, são filhotes de pais que já estão trabalhando conosco, então eles têm a linhagem para isso. O cão passa por um estágio de alguns meses, no qual é preparado para atuar nas ações — para obedecer, receber informações, se adequar ao trabalho que realizamos. Quando você vai para o aspecto operacional, esse cão passa por qualificações e, também, por certificações, e precisa atender algumas normas e pré-requisitos para atuação não só dentro da Paraíba, como em outros locais do Brasil e até em países do exterior. Sem a certificação, esses cães não podem ir para as ocorrências. E os critérios são coisas como obediência, lealdade, o nível do faro...certificações são importantíssimas para que ele possa atuar operacionalmente. E aí, ao longo do tempo, ele vai sendo preparado, condicionado, junto aos militares. Uma empatia muito grande é criada entre os dois, através desse contato. Alguns dos nossos militares ficam com os cães, os levam para casa, convivem com o animal, que passa oito anos conosco. Depois desse período, ele é aposentado, mas é mantido pelo militar, porque é nossa responsabilidade, do Corpo de Bombeiros, assegurar o atendimento veterinário, cuidar da alimentação, fornecer tudo o que for necessário ao bem-estar do cão.

■ Em relação às ocorrências, qual delas é a mais comum no estado?

O que se sobressai, hoje, é o atendimento pré-hospitalar — o APH, como nós chamamos —, que normalmente envolve acidentes de trânsito. Atualmente, esse é o carro-chefe da nossa instituição, não mais a parte de incêndios — que, acredito, ocupa o terceiro ou quarto lugar entre as ocorrências mais frequentes, depois de salvamento e ações

de fiscalização. Creditamos essa sobressalência ao crescimento que temos visto nas cidades, a verticalização, urbanização e ao aumento da frota de veículos em nosso estado. Isso tudo contribui para que acidentes aconteçam no trânsito, o que nos preocupa bastante. Em muitos casos, a vítima fica presa nas ferragens do carro e é necessário, realmente, fazer a retirada dela com segurança. Então, embora o Corpo de Bombeiros tenha surgido, na época do Brasil Império, como uma instituição voltada para combater incêndios, nosso trabalho foi alcançando outros segmentos. Logicamente, a nossa instituição é a única a atuar contra incêndios e, por isso, essa é uma área em que investimos bastante. Mas o nosso carro-chefe, atualmente, é outro.

■ Quantos integrantes tem o quadro do estado da Paraíba?

Estamos com 1.445 integrantes no Corpo de Bombeiros. No último concurso, entraram 235 novos recrutas. Isso foi muito bom para a nossa instituição, um número, hoje, que nos possibilita atender e ampliar ainda mais a atuação do Corpo de Bombeiros. Existem espaços que o Corpo de Bombeiros ainda tem que ocupar. Neste ano, vamos abrir uma unidade nova na cidade de Esperança e outra no Litoral Sul. É necessário que o Corpo de Bombeiros comece, cada vez mais, a descentralizar suas ações, porque o tempo-resposta é primordial para salvar vidas.

■ O que o senhor diria para quem sonha em seguir a profissão?

Na nossa profissão, eu sempre falo, existe um sentimento de ajudar o próximo, e a vontade maior é a de cuidar do outro. Em cada atuação, vai haver alguém precisando de você, da sua mão, do seu conhecimento e da sua boa ação. Então, quem quiser entrar no Corpo de Bombeiros vai precisar desse sentimento em primeiro lugar. Depois, é necessário ter uma mente aberta para os desafios. Você não vai atuar apenas para você, mas, sim, para salvar alguém que precisa da sua intervenção, e essa é uma responsabilidade grande, que vem com um nível de exigência elevado, adequado à natureza do trabalho. Também é preciso estar ciente de que, ao longo do tempo de permanência na instituição, a busca por conhecimento e capacitações é constante e contínua. Você não pode achar que as informações que possui hoje são suficientes, porque o mundo está sempre inovando e evoluindo, então é necessário muito comprometimento para acompanhar. E lembrar que, se você tem uma aptidão, aqui, certamente, há um espaço para você. Se sua habilidade é na área das Ciências Exatas, temos um setor específico para as vistorias, que faz os cálculos da reserva técnica de incêndio, do número de extintores, da vazão de hidrantes — é uma área bem específica da Engenharia e da Arquitetura. Mas, se você tem uma habilidade na área da Saúde, há as ambulâncias, os aviões, UTIs aéreas. Se você gosta de atividade física, pode ser um guarda-vidas, que requer a natação e o condicionamento físico para salvar alguém. A gama de possibilidades é imensa e o compromisso é um lema nosso, essencial para salvar vidas, que é nossa função primordial.

TRABALHADORES

Afastamentos pelo INSS aumentam 26% na PB

Problemas de coluna e transtornos mentais lideram concessões de benefício

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

Em diversas situações, trabalhadores precisam ausentar-se de suas atividades profissionais para cuidar da saúde. O ambiente de trabalho e os movimentos repetitivos realizados no exercício das funções podem, em muitos casos, contribuir para o adoecimento. Dados do Ministério da Previdência Social mostram que, ao comparar os anos de 2024 e 2025, houve crescimento no número de afastamentos do trabalho concedidos pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) na Paraíba. Considerando os 10 motivos mais recorrentes em cada ano, o aumento foi de, aproximadamente, 26%, passando de 67.153 para 85.232 afastamentos. Entre as principais causas, estão problemas de coluna e articulares — geralmente relacionados à má postura e a atividades repetitivas — e os transtornos de saúde mental. Também figuram entre os motivos comuns a convalescença após tratamentos de saúde, pedras nos rins e câncer.

A professora Odileide Pereira Martins da Silva, por permanecer longos períodos de pé durante suas atividades profissionais, desenvolveu um problema no joelho e precisou afastar-se por dois meses para tratamento. Embora o benefício tenha sido concedido pelo perito do INSS, os pagamentos foram negados sob a alegação de ausência de vínculo com o órgão. “Sou funcionária efetiva da Prefeitura de Cuité de Mamanguape. Entrei com recurso, mas o pagamento continuou sendo negado. Também recorri à Justiça, mas a questão ainda não foi resolvida. Recebi apenas os 15 dias pagos pela prefeitura e fiquei o restante do período sem salário”, lamenta.

A profissional da Educação afirma que ficou receosa com toda a situação e, atualmente, enfrenta novamente a necessidade de tratamento no joelho, temendo ficar mais uma vez sem remuneração. “Estou apreensiva, preciso marcar a cirurgia e fico imaginando como vai ser”, relata. Segundo ela, os médicos já a orientaram que, mesmo após uma nova cirurgia, não poderá mais permanecer em sala de aula por longos períodos, devido ao esforço contínuo exigido pela atividade em pé.

Riscos e cuidados

De acordo com o médico clínico Darlan Nóbrega, essas ocorrências são frequentes, porque grande parte dos trabalhadores passa longos períodos sentada ou em pé. “Há fatores como má postura, esforço físico repetitivo, levantamento de peso e pouco fortalecimento muscular. Tudo isso sobrecarrega a coluna e as articulações ao longo dos anos. A ciência mostra que dores lombares e problemas nos discos intervertebrais estão entre as principais causas de incapacidade no mundo. Não é algo pontual, mas um desgaste progressivo do corpo”, explica.

O profissional da saúde ressalta, ainda, que os movimentos repetitivos contribuem para o desenvolvimento de microlesões contínuas, inflamações e desgaste precoce das articulações. “Com o tempo, isso evolui para uma dor crônica e acaba gerando o afastamento. Existem formas de prevenção, como pausas durante o trabalho, alongamentos, ajustes ergonômicos na cadeira, mesa ou tela utilizada, fortalecimento muscular — especialmente das costas e do abdômen — e a alternância de posições ao longo do dia. Mesmo pequenas mudanças podem reduzir significativamente o risco dessas lesões”, destaca.

Além dos cuidados individuais, Darlan Nóbrega afirma que as empresas também têm papel fundamental na prevenção desses problemas, por meio da oferta de ambientes ergonomicamente adequados e da implementação de pausas regulares programadas. “O incentivo à atividade física, programas de saúde e, principalmente, ações de prevenção são essenciais. A atuação do médico do trabalho dentro das empresas permite esse tipo de conscientização. Organizações que investem nisso conseguem reduzir afastamentos, aumentar a produtividade e melhorar a qualidade de vida dos funcionários”, ressalta.

Saúde mental

Além das doenças articulares — com destaque para os transtornos de discos intervertebrais, que lideram os afastamentos em 2024 e 2025, em ambos os sexos —, a saúde mental também figura entre as principais causas de afastamento de trabalhadores na Paraíba, nos últimos dois anos. Em

“Existem formas de prevenção, como pausas durante o trabalho, alongamentos, e ajustes ergonômicos

Darlan Nóbrega

2024, 5.260 pessoas afastaram-se do trabalho em decorrência de ansiedade ou depressão. No ano passado, esse número subiu para 5.774. As mulheres são as mais afetadas, representando cerca de 66% dos afastamentos por esse motivo em 2024 e 65% em 2025.

A jornalista Thamires Tamares relata que precisou se afastar do trabalho há alguns anos devido a problemas dessa natureza. “Eu me sentia sobrecarregada, muito triste, e percebi que aquilo não era uma tristeza normal. Procurei um psicólogo e fui encaminhada ao psiquiatra. Inicialmente, recebi um atestado de 15 dias e, depois, passei pela perícia do INSS. Fiz esse processo duas vezes e fiquei afastada por seis meses”, conta. Segundo ela, a maior dificuldade durante o trâmite foi o uso do aplicativo Meu INSS. “Coisas que eu poderia resolver pelo aplicativo, precisei resolver presencialmente, porque o sistema não estava funcionando bem. Mas, quanto aos pagamentos, não tive problema, sempre caíam na data certa”, destaca.

Thamires reforçou que o afastamento do trabalho foi essencial para sua recuperação. À época, produzia um programa de rádio exibido nas primeiras horas da manhã e lidava diariamente com notícias sobre violência. Por sair de casa muito cedo, acabou sendo assaltada seis vezes em apenas cinco meses e o tema que fazia parte de sua rotina profissional também passou a marcar sua vivência pessoal. Ela relatou que desenvolveu medo de sair de casa, sentiu-se pressionada pela constante exposição a episódios de violência e foi se tornando cada vez mais depri-



Ilustrações: Bruno Chiossi

Doenças articulares ocorrem em decorrência da má postura ou de atividades repetitivas

mida, o que impactou diretamente seu desempenho profissional e a vontade de continuar trabalhando. Após ser demitida, mudou de área e atualmente atua no setor de publicidade. “É o que ouvi dos profissionais: não tem como você ficar bem em um ambiente que lhe adoecer”, afirma.

Outra profissional da área de comunicação, a analista de marketing Gabrielly Morais, também precisou afastar-se pelo INSS no ano passado, em decorrência de problemas de saúde mental. “Eu estava com ansiedade e início de um processo depressivo. A empresa arcou com os primeiros 15 dias e, depois disso, o processo ocorreu de forma automática pelo aplicativo Meu INSS. Em setembro, eu deveria retornar, mas a médica decidiu renovar o afastamento. Dei entrada no pedido, a perícia foi marcada para a semana seguinte e, no mesmo dia, saiu o resultado”, explica. Gabrielly destaca que o processo foi rápido. “No primeiro mês, houve um erro no lote do pagamento, mas, em uma semana, corrigiram e pagaram corretamente”, relata. Ao todo, ela ficou seis meses afastada. “Eu precisava desse tempo longe do trabalho para evoluir no tratamento, adaptar-me às medicações e intensificar as terapias. Isso foi muito importante”, conclui.

Múltiplas razões

A psicóloga Júlia Tavares explica que o aumento dos afastamentos por transtornos mentais reflete uma combinação de fatores. “Existe hoje maior visibilidade e reconhecimento clínico do sofrimento psíquico, somados a mudanças no mundo do trabalho, como a intensificação das demandas, aumento de metas, pressão por *performance* e hiperconectividade, além de uma

menor previsibilidade. Também há estressores sociais crônicos, como instabilidade econômica, insegurança e sobrecarga de papéis, que aumentam a vulnerabilidade à ansiedade e à depressão, especialmente em pessoas com predisposição”, analisa.

Outro ponto destacado pela profissional é o esgotamento causado pelo estresse prolongado, quando a resposta ao estresse se torna contínua e não há tempo suficiente para recuperação. “Isso prejudica o sono, gera irritabilidade, queda cognitiva, dificuldades de atenção e memória, além de sintomas somáticos associados à baixa motivação e sensação de desesperança”, afirma. Nesse contexto, o crescimento dos afastamentos por saúde mental reflete a interação entre condições contemporâneas de vida e trabalho, vulnerabilidades individuais e maior capacidade de detecção desses problemas.

Júlia Tavares ressalta que, quando o trabalho se torna um fator central de sofrimento psíquico, isso indica a necessidade de mudanças no ambiente organizacional, já que as causas do adoecimento não são apenas individuais. “A prevenção é necessariamente dupla: envolve ações dos trabalhadores e medidas estruturais das próprias organizações”, destaca. Entre as medidas necessárias, estão a definição de horários e metas realistas, pausas regulares ao longo do dia e o mapeamento de riscos psicossociais. “Não se trata apenas de levar um palestrante para falar sobre saúde mental, mas de identificar fatores como carga excessiva de trabalho, assédio e falhas no treinamento de lideranças, que influenciam diretamente no adoecimento”, pontua.

Além disso, hábitos como alimentação adequada, exer-

cícios de relaxamento e prática regular de atividade física também são importantes aliados na preservação da saúde mental. A psicóloga enfatiza ainda a importância do monitoramento de sinais precoces de adoecimento, como irritabilidade persistente, perda de prazer, ansiedade antecipatória, queixas físicas recorrentes, queda de concentração, choro fácil e isolamento social. “Esses sinais exigem intervenção precoce, geralmente associada a avaliação médica e terapia. Também é fundamental que essas pessoas tenham uma rede de apoio, para dialogar, alinhar expectativas com lideranças e reduzir o isolamento, o que melhora o prognóstico”, ressalta.

Ela conclui que a promoção da saúde mental no trabalho deve envolver prevenção primária, com redução de riscos nas atividades; prevenção secundária, voltada à identificação precoce dos sinais; e cuidado oportuno, com tratamento estruturado e estímulo à busca por ajuda profissional. “Essas ações evitam afastamentos prolongados e reduzem a rotatividade”, finaliza.

“É o que ouvi dos profissionais da Saúde: não tem como você ficar bem em um ambiente que lhe adoecer

Thamires Tamares



No ano passado, 5.774 pessoas afastaram-se do trabalho por ansiedade ou depressão

CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Atividades físicas fortalecem os ossos

Treinos de força e resistência, bem orientados, ajudam no crescimento do corpo em formação e na prevenção de lesões

Marcelo Lima
marcelolimanatal@yahoo.com.br

Na direção oposta de mitos populares, a ciência indica que a prática de exercício físico é decisiva no crescimento de crianças e adolescentes e contribui para a robustez dos ossos que os sustentarão até o último dia de vida. Mas, para alcançar esses resultados, é fundamental um treino adequado a cada idade e um acompanhamento profissional especializado.

O conjunto de atividades pode incluir o treino de força e resistência muscular, dentro de academias ou não. Na fase de crescimento, esses tipos de estímulos ajudam a fortalecer músculos e evitar lesões.

Os ossos podem tornar-se mais resistentes, não apenas por contarem com a proteção de músculos mais fortes, mas



Foto: Carlos Rodrigo

Embora exista um mito quanto aos malefícios da musculação para jovens, especialistas estimulam os exercícios em academias



Foto: Arquivo pessoal

Tem gente que fala que elas [as garotas] não podem fazer treinamento de força, porque ficarão musculosas

Getúlio Morato

também por acumular mais minerais durante a etapa essencial de sua formação. Até o fim da segunda década de vida, os jovens atingem até 90% do máximo de densidade dos ossos humanos.

“A participação regular em programas que maximizam o pico de massa óssea durante a infância e adolescência pode ser uma estratégia eficaz para reduzir o risco de osteoporose na vida adulta”, defende o documento científico “O Impacto do Esporte e da Atividade Física sobre o Crescimento e Desenvolvimento”, da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP).

A publicação de 2025 explica, ainda, como o exercício físico estimula os osteoblastos, células produtoras de ossos. “A contração muscular promove um aumento da atividade osteoblástica na re-

gião óssea próxima aos locais onde os músculos se inserem, levando ao aumento da mineralização óssea”, assinala a síntese de estudos.

Meninas

Para Getúlio Morato, médico do esporte, hebiatra — especialista em adolescentes — e pediatra, o exercício físico para as meninas nessa etapa do crescimento é ainda mais importante. “Tem gente que fala que elas não podem fazer treinamento de força, porque ficarão musculosas. Não, será estimulado o fortalecimento dos ossos e, quanto mais reserva óssea ela tiver, menor o risco de osteoporose e osteopenia na velhice”, enfatizou o integrante do grupo de trabalho Atividade Física da SBP.

O estrogênio, hormônio feminino, faz com que a adoles-

cência seja uma importante janela de oportunidade para o ganho de densidade óssea nas meninas, já que sua produção está elevada nesse período. Segundo o especialista, o hormônio é um grande estimulador da formação óssea e, quando seus níveis diminuem, a massa óssea também cai de forma acelerada. Por isso, é fundamental construir uma reserva óssea maior ainda na juventude, garantindo mais proteção para a vida adulta.

Embora tenha somente 16 anos, a estudante Beatriz de Lucena Melo sente na pele — e nos ossos — as vantagens da atividade física desde a metade da sua vida. Nesse tempo, ela já movimentou o corpo no teatro, circo, balé, natação, *muay thai* e musculação.

Até o fim do ano passa-

do, ela fazia musculação, mas decidiu concentrar-se nos estudos para realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) deste ano. “Eu nunca quero estar parada. Acabo não me identificando tanto com a musculação em si; quer dizer, eu gosto de fazer, mas, se eu pudesse, não faria associada a algum esporte”, afirmou a estudante.

A afirmação pode ser o resultado da influência dentro de casa. “A gente quis estimular nossos filhos desde cedo a praticar atividade física para eles criarem o hábito. Passei minha infância e adolescência muito sedentária, não praticava esportes, não participava dos jogos internos na escola. Meu marido, não. Desde muito jovem, ele faz atividade física”, disse Rosângela Melo, mãe de Beatriz. “A gente consegue

ver os benefícios nele, porque consegue manter o peso, tem mais resistência”, completou. Além dos filhos, a boa prática do marido de Rosângela também a contagiou depois de adulta.

Frequência e menstruação

A amenorreia — interrupção da menstruação — é outro mito que ainda afasta muitas meninas dos exercícios voltados ao ganho de massa muscular. Segundo o hebiatra Getúlio Morato, essa alteração pode ocorrer quando a ingestão de energia é insuficiente para suprir as demandas do corpo diante de uma rotina intensa de treinos e competições de alto rendimento. Esse quadro é classificado como deficiência energética relativa no esporte, em tradução literal (RED-S).

“Geralmente, está relacionado ao excesso de volume de treinamentos associado a uma baixa ingestão calórica. Nesse contexto, podem surgir alterações menstruais, mudanças no apetite e uma busca excessiva por um corpo extremamente magro”, descreveu o especialista.

Morato frisou que essa alteração é rara para quem tem alimentação adequada, acompanhamento de um profissional de Educação Física e não treina para obter alto desempenho. Portanto, treino de força e resistência cinco vezes por semana, com uma hora e meia por dia, não suspende a menstruação de ninguém. “As recomendações, hoje, são de 300 a 450 minutos por semana. O que representa, de 60 a 90 minutos, se o jovem realizar exercícios cinco vezes por semana. Mas não tem problema passar um pouco disso”, aconselhou sobre a rotina que vale para meninos e meninas.

Mais atrativo, exercício funcional tem sido opção muito comum

Calistenia, treino com elásticos e funcional *kids* são alternativas para estimular os músculos das crianças e adolescentes que ainda não se desenvolveram o suficiente para usar os aparelhos de academias, por exemplo. Além disso, essas atividades podem ser mais lúdicas e envolventes para a faixa de idade.

É isso que defende o membro do Conselho Regional de Educação Física da Paraíba (Cref 10-PB), Tiburtino Afonso de Carvalho. Há 20 anos como educador físico, ele trabalha com recreação com crianças e adolescentes. “A musculação propriamente dita é uma atividade muito monótona. Eu buscava atividades mais dinâmicas, como um funcional *kids*, por exemplo, em que a criança vai trabalhar força, resistência e equilíbrio dentro de uma atividade mais dinâmica”, defendeu.

Desde os nove anos, o estudante Vinícius Lucena Melo, de 12 anos, é adepto de uma prática inspirada em treinos militares. Ele já passou pelo futsal e já tem estatura para a musculação, mas não quer agora. “Prefiro o *bootcamp*, porque me di-



Foto: Carlos Rodrigo

Atividades mais dinâmicas costumam ser mais atrativas

virto e me sinto bem quando eu tô brincando com alguém ou fazendo exercício acompanhado”, justificou.

Três vezes por semana, ele e mais sete colegas da mesma idade vão às aulas numa academia do bairro Bancários, em João Pessoa. “A gente faz corda, tem halteres pra treino com os braços. Geralmente usa o colchonete pra abdominal, *burpee* [flexões de peito combinadas com salto], a gente também usa bastante barra pra levantamento de peso”, explicou.

Para o pai de Vinícius, a mudança mais evidente foi na coordenação motora do filho. “Ao fazer polichinelo, ele

descompassava, ou abria os braços e não fechava as pernas ou vice-versa. Mas, com um tempo, ele foi melhorando bastante”, exemplificou Demétrio Melo, que treina desde os 14 anos de idade e é o principal influenciador *fitness* da própria família.

Limites

A pediatra Gracie Torres direciona um limite de peso para ser trabalhado até os 15 anos de idade. “A orientação é que não se pode ultrapassar 10% do peso do corpo no exercício de musculação, justamente por conta do traumatismo da epífise óssea. Se uma criança tem 50 kg, então ele pode carregar um peso de 5 kg. A partir de 15 anos, as epífises tendem a diminuir a velocidade

de crescimento. Então, pode ultrapassar esse percentual”, disse. Torres refere-se à idade esquelética, que pode ser diferente da idade cronológica. As epífises são as extremidades dos ossos, responsáveis pelo crescimento.

Apesar desse cuidado na fase de crescimento, o motivo das lesões está mais relacionado à falta de músculos suficientemente fortes para os movimentos do que ao exercício para fortalecê-los. “É muito mais fácil, por exemplo, ter uma lesão na placa de crescimento [do osso], por falta de força, jogando futebol, do que ele ter uma lesão como essa fazendo treino de academia. Aliás, isso é tão raro que nem consigo encontrar essa evidência”, enfatizou Morato.



Foto: Arquivo pessoal

A orientação é que [o limite de peso utilizado na musculação] não pode ultrapassar 10% do peso do corpo

Gracie Torres

Faixa de idade: seis a 19 anos

- **Atividade física de moderada à vigorosa:** 60 minutos por dia (se for mais, melhor!). Correr, pular, nadar, pedalar e brincar num parquinho são exemplos de atividades vigorosas, pois todas aceleram a respiração e os batimentos cardíacos.
- **Fortalecimento muscular:** exercícios para fortalecer os músculos devem ser feitos pelo menos três vezes por semana. Brincadeiras em que a criança puxar, empurrar ou usar o peso do próprio corpo podem ter essa função.
- **Benefícios globais:** exercícios físicos não ajudam apenas o crescimento e desenvolvimento, mas também trabalham a capacidade de viver em sociedade, o bem-estar emocional e o desenvolvimento neurológico e cognitivo.

Fonte: Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP).

ECA DIGITAL

Nova lei atualiza proteção nas redes

Legislação reforça cuidados sobre o uso da internet por parte de menores e prevê responsabilização das plataformas

Emerson da Cunha
emersonesousa@gmail.com

No início do segundo semestre de 2026, o influenciador digital Felipe Bressanim Pereira — mais conhecido como Felca — fez um vídeo que viralizou na *internet* e alcançou a opinião pública, denunciando a chamada “adulterização” e a exploração de crianças nas redes sociais. A discussão colocou em disputa, de um lado, o acesso das crianças e dos adolescentes ao ambiente virtual e o controle por parte de pais e responsáveis; e, de outro lado, as responsabilidades das empresas provedoras e dos fornecedores de conteúdo na *internet*. O debate serviu de alerta para que muitos pais passassem a se preocupar ou aumentassem suas inquietações em relação às ameaças *on-line* contra seus filhos.

O cuidado com os passos digitais da filha Beatriz, hoje com 12 anos, fez com que Vânia Barboza só liberasse o uso de *smartphones* a partir dos nove anos da menina. Assim que entregou o celular a ela, a mãe instalou um programa de controle parental no aparelho. “Fiquei chocada quando vi que ela utilizava seis horas de tela [por dia]. Hoje, eu controlo o tempo de uso de cada aplicativo: para o Instagram, uma hora por dia; para o WhatsApp, duas. Em conteúdos gerais, ela tem duas horas para utilizar os aplicativos que eu deixo liberados. Bloqueio conteúdos 18+ e outros inapropriados para a idade dela”, explica Vânia. Além disso, ela acompanha as mensagens enviadas ao celular de Beatriz e não permite jogos *on-line* que contenham *chats*.



Fotos: Carlos Rodrigo

Beatriz, de 12 anos, só passou a usar smartphones aos nove; seu acesso, no entanto, é limitado e acompanhado pela mãe, Vânia

Para Vânia, boa parte da tentativa de manter precauções na rotina digital da filha é fruto da desconfiança que ela tem em relação às empresas que operam nesse setor, como a Meta (proprietária do Facebook, do Instagram e do WhatsApp) e Google (que ainda abrange o YouTube). Segundo Vânia, elas “não têm eficiência”.

É também por acreditar na ineficiência das políticas de proteção por parte dessas

plataformas que Jaidgia Raíssa decidiu bloquear, em um primeiro momento, e posteriormente reduzir o tempo de tela da filha Clarice, de quatro anos. “Acredito que as crianças podem acabar sentindo ‘adulterizadas’ mesmo, porque vão consumir conteúdos que não são específicos para sua idade. A gente sabe que as crianças que têm acesso a telas não têm, muitas vezes, um limite de tempo imposto pelos pais”, observa Raíssa.

Em março

Para aprimorar os cuidados *on-line*, reforçando o que a legislação já prevê no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) — como é chamada a Lei nº 8069/1990 — e prevendo responsabilidades das empresas de plataformas digitais, foi sancionada, em setembro do ano passado, no calor da mobilização causada pelo vídeo de Felca, a Lei nº 15.211, intitulada ECA Digital, que deverá entrar em

vigor no próximo mês.

“O ECA Digital é uma lei que traz obrigações para plataformas nos ambientes digitais, mais especificamente para fornecedores e provedores de produtos e serviços, sejam eles destinados especificamente a crianças e adolescentes ou com o potencial de serem acessados por esse público”, explica Fernanda de Lucena, promotora de Justiça do Ministério Público da Paraíba (MPPB) e coorde-



Fiquei chocada quando vi que ela usava seis horas de tela por dia. Hoje, controlo o tempo de uso de cada aplicativo

Vânia Barboza

nadora do Centro de Apoio Operacional às Promotorias (Caop) da Criança e do Adolescente no estado. Ela salienta que, apesar do nome, a legislação não é uma nova versão do estatuto de 1990, mas contém elementos que atualizam, para o ambiente digital, os cuidados previstos pela lei anterior.

“Essa lei vai se somar a esse microssistema [de leis sobre os direitos das crianças e dos adolescentes] e necessariamente dialogar com essas outras legislações. O ECA Digital, em tudo, baseia-se no melhor interesse da criança, que é um dispositivo paradigmático do próprio ECA”, esclarece Fernanda.

Empresas deverão adotar recursos de denúncia e de controle parental

Como esclarece a promotora Fernanda de Lucena, o ECA Digital vem trazer obrigações para plataformas de conteúdo digital, como a proi-

bição do perfilamento de crianças e adolescentes — ou seja, do tratamento de seus dados pessoais; a vedação expressa de monetização e impulsionamento de conteúdos envolvendo crianças e adolescentes; e a implementação de mecanismos de notificação de violação de direitos, canais aos quais usuários possam comunicar possíveis casos de infração. Além disso, o texto da lei indica a criação de uma “autoridade administrativa autônoma de proteção dos direitos de crianças e adolescentes no ambiente digital”, responsável por fiscalizar sua aplicação.

O ECA Digital reforça a responsabilidade de todos no cuidado aos menores — seja a família, a sociedade e o Estado de um modo geral —, evidenciados já no ECA de 1990, mas indica também novas obrigações a esses atores sociais. É o que explica o advogado e doutorando em Ciências Jurídicas Alex Taveira. Ele lembra que o texto da lei garante o direito de os pais educarem e acompanharem a experiência

digital dos filhos, sendo de sua responsabilidade o exercício do cuidado ativo por meio de ferramentas de supervisão parental. “As famílias passarão a ter acesso a configurações mais protetivas de privacidade e segurança, a ferramentas para limitar o tempo de uso [das redes por parte dos jovens] e a informações claras sobre riscos”, aponta.

No caso das empresas, os fornecedores de conteúdo digital serão obrigados a adotar uma política de *privacy by design*, ou seja, mecanismos de proteção desde a concepção dos próprios aplicativos. “Elas são obrigadas a realizar gerenciamento de riscos, implementar verificação de idade eficaz — vedada a autodeclaração — e oferecer mecanismos de controle parental. Empresas com mais de um milhão de usuários menores de idade no Brasil devem, ainda, publicar relatórios semestrais de transparência. Além disso, empresas estrangeiras são obrigadas a manter representante legal no país”, ressalta Alex.

Infrações podem ser punidas com multas de até R\$ 50 milhões

Para Fernanda de Lucena, contudo, a letra da lei ainda apresenta lacunas. Um exemplo apontado pela promotora seria o uso, no ECA Digital, da expressão “conteúdo potencialmente ofensivo a criança e adolescente”. Ela questiona: “O que é esse conteúdo inadequado? Nós temos casos em que é evidente, como pornografia e que envolva crianças ou adolescentes. Mas existem casos que estão em uma ‘zona cinzenta’, que podem dar dubiedade de interpretação e, ainda assim, gerar a necessidade de remoção do conteúdo”. Outro ponto referido pela especialista é que a legislação não indica como os provedores de conteúdo deverão efetuar o controle de certificação de usuários menores de idade.

Já na avaliação do advogado Alex Taveira, essas lacunas são pontos que dependem de uma regulamentação futura ou desafios técnicos e práticos que a letra da lei, por ser uma norma geral, não detalha. Um exemplo é que alguns dos pilares do ECA Digital dependem de atos do Poder Executivo ou da autoridade administrativa. “Sem esses regulamentos, a lei corre o risco de ser

de difícil aplicação imediata. Como exemplo, temos os instrumentos de aferição de idade, uma vez que a lei veda a autodeclaração e exige mecanismos ‘confiáveis’ e ‘auditáveis’, mas deixa para um ato do Poder Executivo definir quais são os requisitos mínimos de segurança e de interoperabilidade desses sistemas”, pontua.

Sanções

O ECA Digital prevê a possível aplicação de sanções às empresas infratoras, que podem ir desde uma advertência até a proibição de funcionamento da plataforma. A graduação das penas, conforme observa Alex, deve considerar a gravidade da infração, a reincidência e a capacidade econômica do infrator.

“As multas pesadas podem chegar a 10% do faturamento do grupo econômico no Brasil ou até R\$ 50 milhões por infração. A lei também prevê medidas operacionais que incluem a suspensão temporária ou a proibição total do exercício das atividades [do infrator]. Em caso de descumprimento [das determinações], podem ser emitidas ordens de bloqueio dirigidas a prestadoras



Foto: Arquivo pessoal

Existem casos que podem dar dubiedade de interpretação e, ainda assim, gerar a necessidade de remoção do conteúdo

Fernanda de Lucena

de *internet* e operadoras de telecomunicações”, conta o advogado. O valor das multas deverá ser alocado no Fundo Nacional para a Criança e o Adolescente (FNCA).



Foto: Arquivo pessoal

As famílias passarão a ter acesso a configurações mais protetivas de privacidade e segurança e a informações claras sobre riscos

Alex Taveira

CARNAVAL TRADIÇÃO

Tribos reafirmam memória cultural

Destaque do concurso carnavalesco, grupos celebram o legado dos povos originários e as raízes das periferias locais

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com



Durante o período carnavalesco, a Avenida Duarte da Silveira, no Centro de João Pessoa, é palco do Carnaval Tradição, expressão popular, de memória e resistência da cultura local. Os desfiles tiveram início ontem e seguem até a próxima terça-feira (17), com apresentações das tribos indígenas carnavalescas, dos clubes de frevo, dos coletivos de maracatu e dos grupos de ala ursa.

As tribos, em particular, trazem para a avenida uma dramatização que emociona e faz brilhar os olhos de quem está na arquibancada. Com muita cor e beleza, seus integrantes interpretam um ritual de matança, uma *performance* que gira em torno da morte e da ressurreição. Chama atenção os abre-alas, que aparecem com grandes cocares, acessórios que chegam a pesar 40 kg.

A antropóloga Jessyca Marins começou a pesquisar os desfiles desde sua graduação. “Eu fui me encantando pelas tribos indígenas, que fazem uma apresentação fascinante, momento em que os integrantes encenam uma guerra, com diferentes narrativas, mas que, de certo modo, dramatizam as diferentes batalhas travadas pelos povos originários da Paraíba e de todo o território brasileiro”, destaca.

Atualmente, 14 tribos indígenas estão em atividade no estado, concentradas principalmente em bairros periféricos de João Pessoa. Embora possuam um formato semelhante — influenciado pelo modelo competitivo do concurso carnavalesco —, cada agremiação

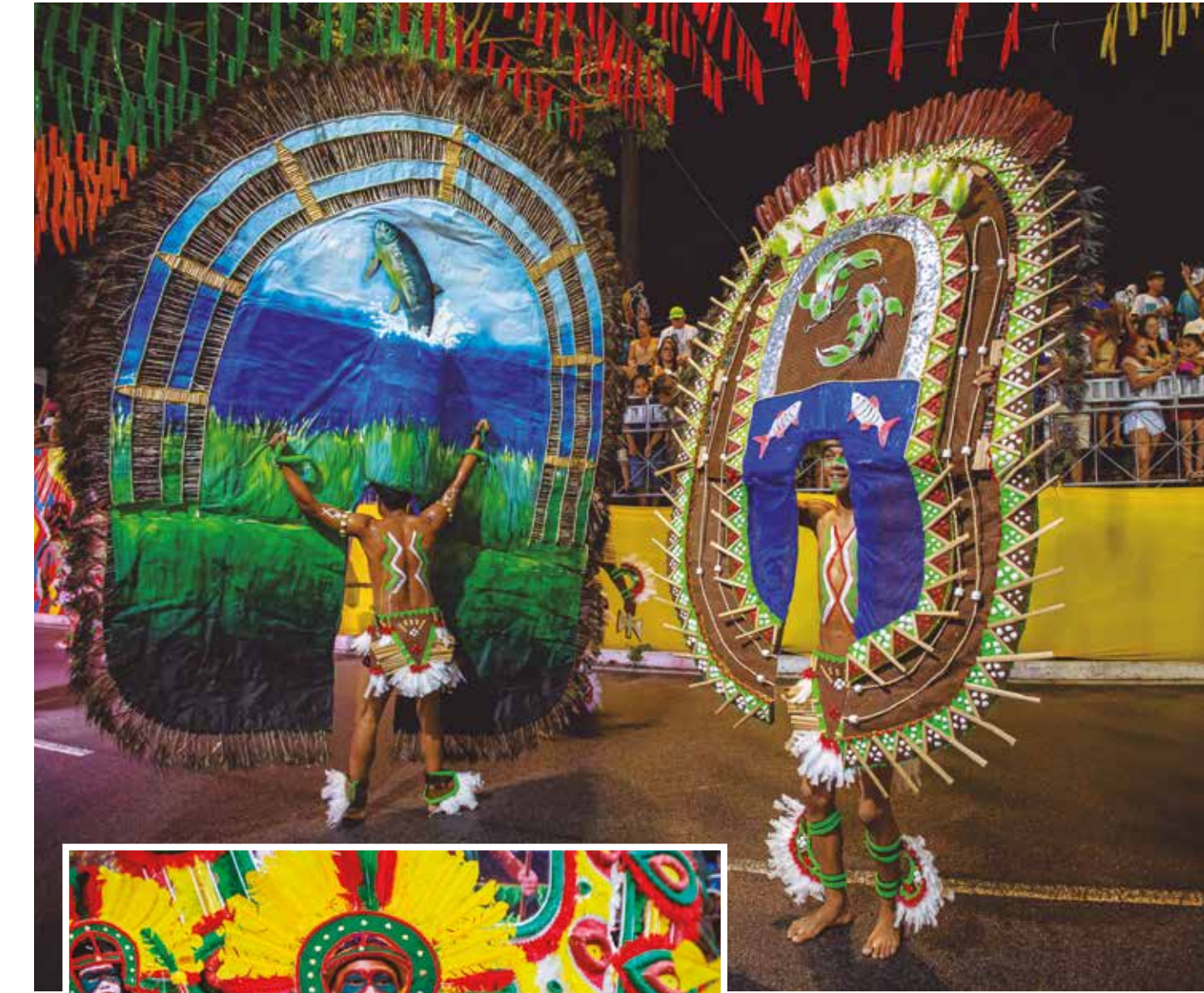


Foto: Rafael Passos/Inventário das Tribos Indígenas de Carnaval da Paraíba



Foto: Daniel Silva/Arquivo Funjope

Apresentações baseiam-se em rituais de matança e dramatizam conflitos travados na Paraíba e por todo o território brasileiro; abre-alas ostentam cocares que chegam a pesar até 40 kg

ção mantém sua autonomia na criação de fantasias, adereços e enredos. Reconhecidas, desde 2022, como Patrimônio Cultural Imaterial da Paraíba, as tribos contribuem significativamente para preservar o Carnaval Tradição como um espaço de resistência.

Guanabara

Fundada em 1946, a Tribo Indígena Guanabara, hoje sediada em Nova Mangabeira,

inicia os preparativos para o desfile de Carnaval ainda em setembro. Cerca de 60 integrantes participam da apresentação a cada ano.

Presidente do grupo desde 1999, Antônio Souza acompanha de perto a produção das fantasias. A temática costuma remeter à origem dos povos indígenas, com figurinos elaborados à base de palhas e elementos naturais. “O Carnaval é uma festa que mostra todo o

amor pela cultura. Também é muito importante para manter a tradição entre os jovens”, afirma Antônio. Ele lembra que o reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial trouxe destaque para a tribo. “É sempre bom ser reconhecido. A gente teve mais convites [para apresentações], mais visibilidade”. Para ele, sua vontade é simples: “Por mim, eu me apresentava o ano todinho”. Residente do bairro de

Mandacaru, Jurandir Dias, de 61 anos, também faz parte da tribo Guanabara. Ele produz e toca, desde os 16 anos, um dos itens mais importantes do desfile — a gaita, instrumento feito com cano de PVC, caracterizado por uma sonoridade semelhante à do pífano. “A gaita é o coração da tribo. Sem ela, a tribo está morta”, pontua. Para Jurandir, que desfila desde criança, cada edição da festa é especial e o nervosismo

Resistência pode ter motivado surgimento

De acordo com Jessyca Marins, não é possível afirmar com precisão quando surgiram as tribos indígenas carnavalescas no estado, porque existem poucos materiais científicos disponíveis sobre o tema. Porém, sabe-se que esse tipo de agremiação tem ocorrência reconhecida há cerca de 100 anos. O escritor e poeta modernista Mário de Andrade, em visita à Paraíba, fez um registro desses grupos no livro “O Turista Aprendiz”, que relata suas experiências em viagens pelo Norte e pelo Nordeste do Brasil, de 1927 a 1929. “No livro, ele faz um primeiro registro das tribos, ao acompanhar o ensaio no bairro do ‘Rogers’. Anos depois, ao coordenar a Missão de Pesquisas Folclóricas, outros registros são feitos, dessa vez da Tribo Africanos, no bairro da Torrelândia”, explica a antropóloga.

Do Litoral ao Sertão, a história da Paraíba é marcada pela presença dos povos indígenas, que passaram por diversos processos de perseguição e apagamento de sua história, em detrimento de uma narrativa oficial, de-



Foto: Reprodução/Acervo do Centro Cultural de São Paulo

Mário de Andrade conheceu tribos no fim dos anos 1920

vido a lutas e disputas pelo território, conforme comenta Jessyca. Nesse processo, durante muito tempo, os indígenas do Nordeste precisaram negar suas identidades, estrategicamente, por receio da perseguição sofrida.

Desse modo, segundo a especialista, as tribos indígenas de Carnaval podem ter funcionado como meios de resistência para manter viva a memória dos povos originários, considerando que o rito carnavalesco proporciona o espaço-tempo ideal para o acionamento dessas identidades. “Esse momento ritual torna-se oportuno para

acionar os elementos da religiosidade que cotidianamente sofrem enfrentamentos, por conta do racismo estrutural presente em nossa sociedade”, conta Jessyca.

Arte reconhecida

Apesar do papel fundamental das periferias urbanas na perpetuação de movimentos culturais, elas ainda são estigmatizadas. “Em sua grande maioria, são bairros constantemente lembrados apenas por aspectos negativos, enquanto seu potencial criativo e artístico fica invisibilizado”, observa Jessyca, destacando que as comuni-

dades populares de João Pessoa são as autênticas guardiãs do Carnaval Tradição, favorecendo a manutenção da memória e do legado dessa prática cultural. “São esses grupos — tribos, ursos, escolas de samba, orquestras de frevo — combatendo o apagamento das populações negras, indígenas e tradicionais da Paraíba. No momento do desfile, eles são vistos e reconhecidos enquanto artistas, mesmo que brevemente, no momento ritual da festa”, frisa a pesquisadora.



Esses grupos combatem o apagamento das populações negras, indígenas e tradicionais da Paraíba

Jessyca Marins

Coletivos de maracatu reiteram seu valor

Outra manifestação que mantém uma relação estreita com as festividades carnavalescas da capital é o maracatu. “O Carnaval é um momento de afirmação e de visibilidade, de mostrar que o maracatu está vivo, organizado e presente na cidade”, destaca Maria Isabel Franco, mestra do Maracatu Nação Pé de Elefante, salientando, contudo, que o coletivo atua durante todo o ano. “O Carnaval faz parte de um trabalho contínuo, que acontece o ano inteiro; é um dos pontos altos, mas não é o único espaço da nossa atuação”, frisa.

Conforme Maria Isabel, o maracatu integra hoje uma fase de retomada e de consolidação da cultura popular no período carnavalesco em João Pessoa, com novos grupos surgindo e se fortalecendo dentro da programação local. “O Carnaval é um tempo de muita responsabilidade para nós. Para além da festa, existe uma dimensão espiritual muito forte, um compromisso com a tradição

e com o que carregamos”, relata a mestra.

Os preparativos para as apresentações de fevereiro do Maracatu Nação Pé de Elefante começam no ano anterior, com ensaios, ajustes, manutenção dos instrumentos e a elaboração de figurinos e adereços. O grupo promove diversas *performances* na agenda carnavalesca, mas o Carnaval Tradição guarda uma emoção diferente. “Hoje, fazemos nosso oitavo desfile no Carnaval Tradição de João Pessoa, que é o momento de maior simbologia, dentro do Carnaval, para nós”.

Para a mestra do Maracatu Nação Pé de Elefante, manifestações vivem uma fase de retomada na agenda festiva da capital

Presença

No estado, existem, atualmente, 14 agremiações da categoria em atividade; a maioria concentra-se em bairros periféricos de João Pessoa

mo antes de sair pela avenida permanece o mesmo, como se fosse a primeira vez. “Eu sinto uma emoção muito grande ao estar ali, brincando o Carnaval e fazendo a alegria dos outros. Faz muitos anos que participo, mas, até hoje, sinto um ‘nervoso’ na passarela, porque cada Carnaval é diferente um do outro”, comentou.

Papo Amarelo

Na Tribo Papo Amarelo, fundada em 1936, o envolvimento da comunidade atravessa gerações. Givanildo dos Anjos, de 50 anos, desfila desde os oito ou nove pelo grupo e, hoje, segue à frente da agremiação, ao lado de parentes. “Toda a minha família participa, são todos dançantes. É um momento muito importante para todos nós. É bom demais”, resume, ao falar sobre o significado do Carnaval Tradição, revelando que a relação com o grupo e com a manifestação é afetiva, comunitária e permanente. A tribo também começa os preparativos para o concurso em setembro do ano anterior, entre ensaios e confecção de fantasias, e costuma reunir de 80 a 90 integrantes na avenida. Neste ano, o enredo escolhido é “Guerreira Tainá”.

MÚSICA

Há 50 anos na música

Estreias de grandes artistas e lançamentos de álbuns importantes e sucessos históricos ressoaram pelo ano de 1976

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Há 50 anos, a forma como a música era produzida e consumida diferia muito da maneira como fazemos hoje. A arte circulava por meio de mídias analógicas — rádio, discos e fitas eram a nossa ponte para artistas novos e veteranos. Mas há uma coisa que une o ouvinte do passado e do presente: o encantamento pela (re)descoberta de uma nova faixa. Tanto é que muitos dos álbuns e compactos que foram lançados cinco décadas atrás, dentro e fora do país, continuam presentes no imaginário contemporâneo. **A União** destaca algumas das obras que ultrapassaram o *frisson* de sua estréia em 1976 e seguem perenes em nossa cultura.

Nos anos 1970, o *rock'n'roll* viveu um de seus períodos de auge, com o surgimento de subgêneros e os novos rumos que os artistas consolidados tomaram a partir desta data. A banda estadunidense Ramones, por exemplo, lançou as bases do *punk* com o seu disco de estréia, homônimo, lançado pela Sire Records, selo da gravadora Warner. Ao mesmo tempo, os Rolling Stones traziam a público sua nova formação no *LP Black and Blue* (Atlantic Records) — após a saída intempestiva de Mick Taylor, entrou Ronnie Wood, que segue no grupo até hoje.

Os Eagles tiveram seu pico de popularidade em 1976 com o lançamento de dois álbuns, ambos pelo selo Asylum, da Warner. O primeiro, *Their Greatest Hits (1971–1975)*, que reunia os compactos lançados nos primeiros anos da banda. Com o passar do tempo, tornou-se um dos *LPs* mais vendidos da história, com mais de 40 milhões cópias comercializadas. No fim do mesmo ano, os artistas davam continuidade à sua trajetória exitosa com *Hotel Califórnia*, disco que eternizou a canção homônima e o compacto “*New kid in town*”.

Paul McCartney seguia no conjunto Wings. Em 1976, os artistas lançaram os compactos, “*Silly love songs*” e “*Let ‘em in*”, presentes no disco *Wings at the Speed of Sound*. “Das 11 faixas, duas são cantadas por Denny Laine (“*The note you never wrote*”) e “*Time to hide*”), uma por Jimmy McCulloch (“*Wino Junko*”), uma por Linda McCartney (“*Cook on the house*”) e outra por Joe English (“*Must do something about it*”), sobrando seis para Paul”, comentou André Cananéa, gerente de conteúdos e programação da Rádio Parahyba FM 103.9.

No Brasil, o *rock* adquiria cada vez mais

adeptos graças a dois artistas marcantes e seus respectivos álbuns, memoráveis. Raul Seixas garantiu seu quinhão nesse segmento com *Há 10 Mil Anos Atrás* (Philips), de onde veio a famosa canção que inspirou o título, e a faixa-protesto “Eu também vou reclamar”. O êxito do compacto “Eu nasci há dez mil anos” verteu-se em números: 100 mil *LPs* vendidos. Já Rita Lee e o Tutti Frutti seguiam juntos em sua parceria de sucesso com “Coisas da vida”, presente no álbum *Entradas e Bandeiras* (Som Livre).

O *funk* e o *soul* obtiveram espaço em solo nacional graças a *África Brasil* (Philips), álbum de Jorge Ben Jor (assinando apenas como Jorge Ben, à época). As faixas foram inspiradas pela canção “Xica da Silva”, composta para a personagem de Zezé Motta, no filme de Cacá Diegues; ambos, o longa e o álbum, lograram êxito. Em 1976, Tim Maia desencantou-se com a seita Racional, mas não abandonou a música — lançou dois *LPs*, um homônimo, pela Philips, e outro em inglês, pelo Seroma, selo independente criado pelo “sindico” da MPB.

O *pop* também antecipava tendências, mas não se esquecia de alimentar públicos já conquistados. O grupo sueco Abba, liderou as paradas do mundo inteiro com “*Dancing queen*”, uma das pedras fundamentais da era *disco*, presente no *LP Arrival* (da gravadora Polar). Esse trabalho ainda flertava com a estética *pop rock*, explorada pelo quarteto até então, como em “*Knowing me, knowing you*”. Os Carpenters, que seguiam com a popularidade em alta, presentearam os fãs com *A Kind of Hush*, verso de uma das canções mais populares do álbum.

Novos artistas

A MPB consolidava nomes que se mantinham populares junto ao público, também em *shows* ao vivo. Chico Buarque reuniu canções compostas para alguns musicais e filmes em *Meus Caros Amigos* (Philips), com dois expoentes, “O que será?” e “Mulheres de Atenas”. Elis Regina obteve público expressivo na turnê *Falso Brilhante*, com a direção de Myriam Muniz e Cesar Camargo Mariano. O *LP* homônimo, editado pela Philips, transferiu dos palcos para os discos as faixas mais significativas dessas apresentações — “Como nosso país” e “Fascinação”.

Os Doces Bárbaros, por sua vez, reuniram quatro dos maiores nomes da música brasileira, num *show* que circulou no Brasil e que, meses mais tarde, também foi editado em álbum pela Philips. Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil e Maria Bethânia celebravam seus 10 anos de carreira num repertório que contempla

va seu próprio cancionário (“*Eso-térico*”, de Gil, e “Um índio”, de Caetano) e outros clássicos (“Atiraste uma pedra”, de Herivelto Martins e David Nasser). O projeto ainda ganhou registro em documentário, dirigido por Jom Tob Azulay.

Redescoberto, Cartola continuava sua carreira fonográfica dois anos após sua estréia tardia. De *Cartola II* (Discos Marcus Pereira), foram extraídos os sucessos “O mundo é um moínho” e “As rosas não falam”, regravada por dezenas de artistas nos anos seguintes. Belchior também superou a maldição do segundo álbum com *Alucinação* (Philips), cristalizando na mente de gerações contemporâneas e vindouras as faixas “Apenas um rapaz latino-americano”, “Velha roupa colorida” e “Sujeito de sorte”.

As telenovelas brasileiras precipitaram o surgimento e o êxito de quatro artistas nacionais. O alagoano Djavan, por exemplo, havia sido contratado pela Som Livre três anos antes, para dar voz a temas de tramas como *Os Ossos do Barão* (1973) e *Supermanóia* (1974), galgando espaço para a estréia de seu primeiro *LP* solo. De *A Voz, o Violão, a Música de Djavan* foram extraídos dois de seus primeiros sucessos: “Flor de lis” e “Fato consumado”. Dois anos depois, ele rumaria para a Odeon, selo responsável pela consolidação de sua carreira.

O gaúcho Hermes Aquino estourou nas rádios do país com o compacto “Nuvem passageira”, pinçado para ser tema de *O Casarão*; a primeira aparição desta música em um álbum foi justamente na trilha dessa novela, escrita por Lauro César Muniz. Já Fafá de Belém, artista da Philips, angariou o seu primeiro álbum, mediante êxito do compacto “Filho da Bahia”, destaque no *LP de Gabriela*, baseada no livro de Jorge Amado. Do disco *Tamba-Tajá*, foi extraída a música de mesmo nome, composição do paraense Waldemar Henrique.

Guilherme Arantes, então vocalista do grupo Moto Perpétuo, rumou para a carreira solo em 1975. Vagueando por meses nos escritórios das gravadoras brasileiras com suas composições autorais, foi acolhido pela Som Livre, que, buscava canções para a trilha da futura novela *Anjo Mau*, de Cassiano Gabus Mendes. “Meu mundo e nada mais”, composta por Arantes na adolescência, foi escolhida como tema do protagonista Rodrigo (José Wilker). No segundo semestre de 1976, o primeiro álbum do cantor paulista chegou às lojas.

Outros discos lançados em 1976

ROBERTO CARLOS, de Roberto Carlos (CBS/Sony Music)

Conhecido pelos protestos “*Ilegal, imoral ou engorda*” e “*O progresso*”, assinadas com Erasmo. Outras canções de sucesso: “*Os seus botões*”, “*Preciso chamar sua atenção*”, “*Pelo avesso*” e “*Um jeito estúpido de te amar*”.

BANDIDO, de Ney Matogrosso (Continental/Warner)

Disco que reconectou o intérprete com sua verve popular. “*Bandido corazón*”, de Rita Lee, aproximou a cantora de seu futuro marido, Roberto de Carvalho, que tocava no conjunto de apoio de Ney.

A DAY AT THE RACES, de Queen (EMI/Universal Music)

LP que dava prosseguimento à experimentação da banda inglesa, que trazia novamente, elementos da ópera e concerto. Também foi o primeiro trabalho autoproduzido pelos artistas. O maior êxito foi “*Somebody to love*”.

ESTUDANDO O SAMBA, de Tom Zé (Continental/Warner)

Álbum-tributo do baiano a um dos gêneros mais importantes do país. Não teve grande repercussão, mas, posteriormente, angariou *status* de obra-prima; é o 35º melhor disco brasileiro pela *Rolling Stone*.

GAL CANTA CAYMMI, de Gal Costa (Philips/Universal Music)

Disco que estreou no rastro do sucesso de “*Modinha para Gabriela*”, canção de Caymmi para a novela exibida no ano anterior. Além das faixas que fazem odes ao mar e a Bahia, há também o sucesso “*Só louco*”, tema principal de *O Casarão*.

SONGS IN THE KEY OF LIFE, de Stevie Wonder (Motown Records/Universal Music)

Grande sucesso, foi lançado num disco duplo com um compacto extra. Destacam-se as baladas “*Isn’t she lovely?*”, “*As*” e “*Love’s in need of love today*”. Venceu, por fim, o Grammy de álbum do ano.

Discos brasileiros de grandes compositores cantando: Cartola (1) e Chico Buarque (2); Gal, Gil, Bethânia e Caetano reuniram-se como Os Doces Bárbaros (3); o Abba lançou “Dancing queen” (4); Elis lançou o disco do show “Falso Brilhante” (5); discos de estréia de Guilherme Arantes (6) e Djavan (7) e o segundo de Belchior (8) marcaram 1976

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Metafísica do mal e da vontade

Do nada, nada surge. Este princípio há muito manifesto na natureza das coisas, fez os seres dependentes entre si e da soma infinita de circunstâncias múltiplas. É o mesmo que torna possível a existência das sociedades, dos agrupamentos atômicos, da gravidade, da extensão, do número, da quantidade, do tempo e das leis naturais.

Assim como as coisas têm causas, necessariamente mais reais que seus efeitos, as maldades devem possuir os seus respectivos pares primordiais. Alguns creem que quando alguém encontra-se invadido por desejo incontrolável de morte, imediatamente após ter exterminado uma grande quantidade de pessoas, insaciado e incapaz de continuar resolve suicidar-se, não o faz por medo, mas devido a um querer, sem forma definida, opaco, amoral, distinto de todas as volições e universalmente mais real do que qualquer outro objeto sensível.

A malevolência foi desde sempre um dos nossos maiores enigmas. Não sabemos ao certo o grau de consciência dos indivíduos. Às vezes nos aflige o problema que, se o homem fosse por natureza mal, estaríamos imunes às reprovações morais. Pensamos, então, que as escolhas estão fundadas em bases

inteiramente livres e racionais — para logo em seguida nos depararmos com seres hábeis em cometer refletidamente mal aos outros e a si. Algo muito difícil de aceitar.

Cabe a pergunta: Nero, o imperador, ao ordenar que queimassem tochas de cristãos em seu palácio, estaria, naquele instante, possuído por alguma força que traduzisse um poder superior à capacidade de livre escolha — passando, dessa forma, de vilão à vítima —, ou, ao contrário, teria ele tudo planejado pacientemente com irreto-cável frieza? Quem decide pelo mal tem, porém, ao menos certo tipo de inclinação sutil, o bastante para afirmar um estado anterior maldoso, caso o mal realmente exista.

Nenhuma maldade é idêntica à outra. Nossos sentimentos e ações destrutivas são amostras singulares. Elas jamais voltam a acontecer. Sabemos, então, porque a saciedade é algo bastante difícil de obter. Temos saudades. Desejamos reviver as já antigas sensações. Acabamos arrastados para novas experiências sensoriais, em busca frenética e confusa por velhos e desconhecidos prazeres — estamos presos, condenados.

Descobrimos, desse modo,

que podemos nos livrar definitivamente do sofrimento transformando dor em satisfação. Os masoquistas, por exemplo, modificam as dores de tal forma que passam a considerá-las um contentamento capaz de produzir grande felicidade prática. Não fazem como os budistas, que procuram eliminar a vontade; não desejam não desejar. Não buscam a resignação. Longe disso: demonstram coragem para enfrentar uma condição que foge aos domínios puramente humanos. Mas, se por um acaso desejam tornar-se superiores, elevando intensamente seus poderes, cégos entregam-se à vida sádica. Eis o ponto culminante: o sádico é o próprio mal criador.

De que outra maneira explicaria ser os deuses o tipo com pior temperamento, favoráveis à violência e generosamente egoístas. Lembremos, a propósito, o tratamento de Zeus a Prometeu que, além de condená-lo às correntes do Cáucaso, forçou-o a ter o fígado devorado diariamente por um corvo. Em outras ocasiões, obrigou Atlas a carregar o mundo inteiro nos ombros e supliciou o seu próprio filho Tântalo ao lançá-lo no tártaro, privado de alimento, enquanto era cercado de água e comida abundante.

Em certa época, desejaram superar os feitos gloriosos dos gregos, inventando um deus com renovadas crueldades. Nessa altura, as narrativas bíblicas serão bastante instrutivas. Não escapará à recordação que um dia, Jeová, humanamente arrependido de sua criação, decidiu afogá-la em água. Numa patética aposta com Satanás para saber o grau de submissão de Jó — tendo à disposição o recurso à onisciência — acarretando, entre outras misérias, a morte da sua esposa e filhos. Quem esquecerá o inferno e suas tormentas eternas. Das ordens de Jesus para que fossem atirados aos seus pés, e mortos, todos os que não admitissem o seu reino. O assassinato de dois mil porcos e uma figueira — pela simples incapacidade de produzir figos em uma época adversa à natural. E o esperado *armageddon* que promete varrer a rodo toda sorte de gente, nesta que, como dizem, será a maior hecatombe jamais vista na Terra.

Temos esperado há mais de dois mil anos a promessa de que serão julgados e condenados não apenas os humanos em carne e osso, mas um número incalculável de almas desencarnadas, espíritos que se amontoarão entre os felizes afortunados da danação eterna.

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

Estética e Existência

À paz perpétua

Immanuel Kant (1724-1804), em seu ensaio “À paz perpétua” (1795), propõe um projeto jurídico para a construção de uma paz duradoura entre as nações. Para o filósofo, a paz é um ideal racional que deve ser instituído por meio de normas e acordos entre os povos. A razão, segundo Kant, condena a guerra como meio legítimo de direito, transformando o estado de paz em um dever moral e político. Contudo, essa paz só pode ser assegurada por meio de um pacto entre os estados, fundamentado em princípios jurídicos. A obra divide-se em duas partes: os artigos preliminares e os artigos definitivos, seguidos de dois suplementos.

Nos seis artigos preliminares de “À paz perpétua”, Kant apresenta condições para tornar possível uma paz duradoura entre as nações. O primeiro estabelece que nenhum tratado de paz deve conter cláusulas secretas que preparem novas guerras, pois acordos que não eliminam as causas reais dos conflitos tendem a alimentar confrontos futuros. O segundo artigo afirma que nenhum estado independente pode ser adquirido por outro por herança, troca, compra ou doação. Para Kant, o Estado é uma comunidade política formada por cidadãos soberanos, cuja autonomia não pode ser negociada. O terceiro determina a extinção gradual dos exércitos permanentes. Sua manutenção constante estimula disputas e guerras ofensivas, transformando soldados em meros instrumentos do poder estatal, frequentemente desvinculados de sua própria vontade. O quarto artigo proíbe a contração de dívidas públicas destinadas a financiar conflitos externos, pois o endividamento para fins bélicos intensifica rivalidades e amplia a instabilidade internacional. O quinto sustenta que nenhum estado deve intervir na constituição ou no governo de outro. O sexto condena práticas de guerra que inviabilizem a confiança futura — como as-



Estátua de Kant em Kaliningrado, Rússia

sassinatos, envenenamentos, traições e quebra de acordos. Tais condutas destroem as bases da reconciliação e perpetuam o ciclo de violência, tornando a paz impossível.

Na segunda parte de “À paz perpétua”, Kant apresenta os três artigos definitivos que fundamentam a construção de uma paz duradoura. Ele adverte que a paz é uma condição que precisa ser juridicamente instituída. Tanto entre os indivíduos quanto entre os estados, o estado de natureza corresponde a uma situação de guerra latente. Por isso, a paz exige a criação de estruturas legais capazes de estabelecer direitos e deveres comuns, superando a ausência de normas compartilhadas. O primeiro artigo definitivo afirma que a constituição civil de cada estado deve ser fundada na liberdade dos cidadãos, na submissão de todos a uma legislação comum e na equidade jurídica, na qual os cidadãos participam das decisões políticas, especialmente sobre a guerra, tende a haver maior prudência, reduzindo-se a in-

clinação a conflitos. O segundo artigo estabelece que o direito das gentes deve basear-se em um federalismo de estados livres. Kant propõe uma liga de povos que se configure como uma federação voluntária, sustentada por direitos e deveres recíprocos. O objetivo dessa aliança é preservar a paz, impedir novas hostilidades e prevenir conflitos futuros por meio da cooperação jurídica. O terceiro trata do direito cosmopolita, segundo o qual todos os seres humanos possuem o direito de visita e de não serem tratados com hostilidade em território estrangeiro. Esse princípio favorece promover a convivência respeitosa. A hospitalidade implica no reconhecimento mútuo e abertura ao diálogo. Com esses três artigos, Kant formula uma proposta para a organização das relações internacionais. Seu ideal é normativo: orienta a ação política rumo a uma ordem internacional mais justa, cooperativa e estável.

No primeiro suplemento de “À paz perpétua”, Kant afirma que a garantia última da paz repousa na própria natureza, entendida como uma força que orienta o curso da história de modo a fazer surgir a concórdia a partir da discórdia. Dito isso, a natureza utiliza esses impulsos como meios para conduzir, gradualmente, a humanidade a uma ordem mais pacífica. A própria disposição natural assegurou a ocupação de toda a Terra. Isso favoreceu o desenvolvimento do comércio, que estimula relações pacíficas entre os estados, pois a troca de mercadorias requer estabilidade e confiança mútua. Desse modo, a atividade comercial não prospera em situações de guerra e nem de hostilidade permanente. No segundo suplemento, Kant defende que, nas negociações entre estados, os governantes deveriam consultar os filósofos para oferecer reflexões imparciais sobre as questões da guerra e da paz para decisões mais prudentes, racionais e justas no âmbito das relações internacionais.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Fala sério, ministro!

A experiência exigida de uma autoridade é a mesma de um encanador. A diferença é que o encanador conserta alguma coisa. Não temos tempo para nada. Eu fico besta com a covardia, a estupidez, monstruosidades, assédio moral e sexual, que vem nos empurrando para um futuro silencioso. Sei que chegará a época da cruz e do castigo, mas não dá mais para esperar.

A notícia é velha e o hábito mais ainda. O ministro Marco Buzzi, do Superior Tribunal de Justiça, é acusado de passar a mão na bunda de uma jovem de 18 anos, cujos pais eram amigos dele — a família estava hospedada na casa do ministro, em Balneário Camboriú. Um magistrado importunou sexualmente a moça. Senti a firmeza do bordão: “salve-se quem puder”.

Essa é uma viagem estranha, dolorosa e não faremos julgamentos, que é da alçada da Justiça. Conheço muitos homens de valor na Justiça brasileira, mas essa do ministro Buzzi jogou bosta na cara dos desesperançados. Ah! Na última terça-feira, o ministro foi afastado pelo STJ por 90 dias...

Palavra tem vida, ministro, falada ou escrita. Seria a palavra do ministro solene ou sua palavra corrompe o chão? A palavra está à deriva, muda ou não muda nada. Palavra que traz a verdade. Cadê? Está difícil acreditar no senhor, ministro!

Não quero crer que são doenças hereditárias. Tantas palavras sublime são pronunciadas entre amigos confiáveis: aí, chega um ministro acérrimo de tal maneira, atacando uma jovem que poderia ser sua neta? E se fosse o contrário, seu amigo hóspede assediando a filha do ministro? Aí seria verdade, né?

Atos dessa natureza repetem-se entre os miseráveis, pais ou padrastrós que estupram as filhas e enteadas, e todo mundo aponta com o dedo na cara. São quase todos pretos, pobres, moram longe e chacoalham. E o ministro?

A repetição desse horror, coloca o ministro na “berlinda” — nada de compaixão, tem que pagar pelo que fez. Pálpebras são a menor maneira de tapar o mundo — sem chorro nem vela.

Como é que um ministro deixa atravessar seu tempo, sua beca, sua carreira, protagonizando uma cena que envergonha sua família e um país já tão despedaçado como o Brasil.

Saindo de fininho, o ministro nega e prova que não tinha vocação nenhuma para ser julgador. Nada muda. Assédio sexual, moral e são tantos, não revelados porque as mulheres não conseguem denunciar, é desumano. Passar a mão na bunda de uma mulher é muito feio, ministro. E o senhor disse que a jovem levava tudo a sério. Fala sério, ministro! Chega de ameaças!

Esse comportamento é tão antigo quanto uma prece, uma saudade, um filme de terror, uma panela vazia, uma criança faminta, tão incerto como sair de casa e não voltar.

Diante disso, a cena nos empurra para limos. Quem poderá deixar de lado uma coisa dessa, a indiferença dos dias, talvez, talvez. A defesa de Buzzi criticou o que chamou de “julgamento antecipado” e já houve julgamento? A filha chamou de “narrativa absurda” — que diabo é isso?

O que vai acontecer com o ministro? Perdeu amigos, perdeu a pose, perdeu ineficácia jurídica. Puxa vida!.

Kapetadas

1 – Na pobreza material, o prejuízo é da pessoa; na pobreza de espírito, é de quem está ao redor.

2 – Tudo vai dar certo no Brasil. Mas só para aqueles que nunca dá nada errado.



O ministro Marco Buzzi foi afastado cautelarmente pelo STJ

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Tempos de “muriçocas” também no cinema

Numa época em que tudo é Carnaval, a intenção nesse momento é bem simples: lembrar que, apesar de uma coisa não ter muito a ver com a outra, a dupla cinema/Carnaval sempre se deu muito bem na nossa telona. Veja-se o exemplo de *Orfeu Negro*, realização italo-franco-brasileira de 1959, dirigida por Marcel Camus. Filme aclamado na época e ganhador do Oscar de Melhor Filme Internacional em 1960, representando a França.

Aqui no Brasil, a partir de uma adaptação da peça *Orfeu da Conceição*, de Vinícius de Moraes, além do sucesso de *Orfeu*, do diretor Carlos Diegues, e de *A Lira do Delírio*, de Walter Lima Jr., filme de 1978 exibido no Cineclube da FCJA, recentemente, e de algumas “chanchadas” da Atlântida, existe certa relação entre o cinema, Carnaval e muriçoca, sim.

Para os que não acreditam, é só lembrar da saga de nossos espectadores, em tempos idos. Houve uma época, lembrando bem, em que ir ao cinema era manter, igualmente, uma batalha não de confetes, mas contra os famigerados insetos. Eles nos picavam as pernas e braços... Quando não era pulga, era muriçoca, que nos azucrinavam a paciência durante toda a sessão. Tanto que, principalmente nos cinemas de bairros, sempre foi difícil para o espectador conciliar o interesse pelo filme, por mais ação que tivesse, e as mordidas covardes de tais insetos. Vivi essa



“Orfeu Negro”, vencedor do Oscar filmado no Brasil, um dos encontros entre cinema e Carnaval

época em uma de nossas salas de cinema, na cidade de Várzea Nova.

Hoje, com a globalização e a sofisticação dos ambientes e meios, as novas tecnologias e transformismos comportamentais da nossa sociedade, o feito muriçoca agora virou “chic”. A prova estaria nesses 40 anos, quando o incômodo de um simples inseto virou o culto de grandes massas de foliões aloprados, que nos tomam ruas e avenidas rumo à Tambaú, num burburinho que mais parece coisa de louco!...

O grande sucesso do bloco carnavalesco Muriçocas de Miramar, que antes já se prestou a homenagear, inclusive, o nosso vinema, confirma sua importância cultural e social não do mosquito em si, mas do mito em que se transformou o inseto muriçoca. Hoje considerado um elo de euforia de quase meio milhão de pessoas, almejando o ano inteiro por um simples e único dia da semana carnavalesca cognominado de Quarta-feira de Fogo! – *Mais Coisas de Cinema em www.alexantos.com.br.*



APC é convidada para encontro do MinC

A Academia Paraibana de Cinema, por meio de sua diretoria e conselho, deve participar do evento Encontro com Joelma Gonzaga, no Espaço Cine Passeio, Av. Capitão João Freire, nº 186, bairro da Torre, no próximo dia 2 de março. O convite é extensivo às instituições de cultura audiovisual do estado da Paraíba.

A titular da pasta da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura estará em João Pessoa detalhando com a APC as políticas culturais, junto aos representantes da classe e da cena audiovisual paraibana.

MINISSÉRIE

Bandidos da Falange entra no Globoplay

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Em 1982, o regime militar brasileiro estava em vias de caducar, mas a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) permaneceu em atividade por mais cinco anos, tolhendo roteiros do cinema e da televisão que atentavam contra aquilo que conceituavam como impróprio. Uma das vítimas desse cerceamento no “apagar das luzes” foi a minissérie *Bandidos da Falange*, escrita por Aguinaldo Silva e Doc Comparato, que entra no catálogo do Globoplay amanhã. Previsto para estrear no segundo semestre daquele ano, o programa só chegou à TV em janeiro de 1983, após passar por longo escrutínio das forças repressoras.

O roteiro ficcional foi alimentado pela experiência de Silva, como repórter policial nos anos 1970. Ambientada na Baixada Fluminense, *Ban-*

didos da Falange acompanha as desventuras de Marluce (Betty Faria), viúva do marginal Paulo Alberto (Nuno Leal Maia). Dele, a moça herdou um antigo relógio, que esconde uma fortuna em diamantes, afanados durante um último assalto. De olho nessa bolada, mas por motivos distintos estão dois policiais: Tito Lívio, corrupto (José Wilker), e Lucena, honesto (Stênio Garcia). O detento Jorge Fernando (José Mayer), primo de Paulo Alberto e líder de facção, também entra nessa disputa.

A minissérie dava continuidade à produção de títulos do gênero, após o sucesso de *Lampião e Maria Bonita* e *Avenida Paulista*, veiculadas no ano anterior. *Bandidos da Falange* utilizou muitas loca-

ções externas em suas filmagens — inclusive o Instituto Penal Vicente Piragibe, no Rio. A produção também contou com a assessoria peculiar de Ademar Onofre de Souza, membro de uma das facções criminosas que dominavam o extinto Presídio da Ilha Grande, no município de Angra dos Reis. No elenco, outras duas presenças marcantes: a do paraibano José Dumont e a de Marieta Severo, que voltava à TV após mais de uma década.

Na sua autobiografia *Meu Passado Me Perdoa* (Editora Todavia, 2024), Aguinaldo Silva compartilhou detalhes da celeuma envolvendo o texto de *Bandidos da Falange*. Segundo ele, por ordem de Boni, então diretor da Globo, as chamadas da minissérie continuaram a ser veiculadas, mesmo sem previsão de estréia.

“A discussão sobre a proibição da minissérie ganhou as ruas. E a censura acabou por ce-

der — em parte — ao aceitar participar de negociações nos bastidores. Nas reuniões em Brasília, cortes extensos foram exigidos pelos censores. Mas os negociadores da Globo resistiram a isso”, recordou o autor.

Na última segunda-feira (9), o Globoplay adicionou à plataforma outra trama da Globo vítima da ação da censura: *Duas Vidas*, de Janete Clair, exibida em 1976. Esse título integra o projeto Fragmentos, que resgata novelas que não estão inteiras nos arquivos na Globo, por ação de fatores externos e descaso da emissora. A trama acompanha os dramas da viúva Leda Maria (a mesma Betty Faria). Ela e boa parte dos personagens são afetados pelas obras do metrô do Rio de Janeiro, fato da vida real que desalojou muitos moradores fluminenses. O regime não viu com bons olhos as críticas a uma obra pública e interferiu no roteiro.



José Wilker e Stênio Garcia são policiais na minissérie de 1983: um corrupto, o outro honesto

Foto: Reprodução

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Papéis avulsos

Tirei a tarde do último sábado para enfrentar velhos papéis guardados. Papéis avulsos, só para lembrar o belo título de Machado de Assis. Abri gavetas entupidas e fui pegando folhas, envelopes, anotações, cartas, cartões postais, retratos antigos. Enfim, tudo aquilo que preserva um pequeno vestígio de coisas vividas e um rastro de emoções desencontradas.

Li um velho bilhete, de página amarelada, assinado por minha mãe, e que assim dizia: “Filho, quando vier da escola, não esqueça de passar na florista. Ela tem cravos e rosas para mim. Depois acerto tudo. Não deixe escurecer. Nem se atrase”.

Não me lembro, agora, passados tantos anos, as circunstâncias do fato. Lembro, sim, o quanto minha mãe gostava de rosas e cravos.

Adorava cuidar das flores dispostas em pequenos jarros e penduradas no alpendre. Revejo as coroas de frades, os cactos, palmas miúdas, jasmims, gerânios, azaleias e outras espécies da beleza vegetal. Umberto Eco fala também de uma “memória vegetal”, a qual adiciono uma disciplina ética e uma teologia do aroma.

Depois me deparo com uma foto em sépia de meu avô Mine. Magro, alto, alvo, olhos azuis, mãos calejadas, ar sereno fitando os longes do Sarafim. Homem do campo, inteiramente dedicado à labuta da gleba e do gado, como se a lavoura e o criatório tivessem a textura de um sagrado ritual. Com ele aprendi que a terra dura para sempre e que a água vale como vale o mais precioso dos diamantes. Gaston Bachelard discorre sobre a fenomenologia da água e aponta suas propriedades curativas e seus benefícios espirituais.

Dentro de um caderno mal alinhavado, encontro recortes de jornais antigos. Leio, comovido, Luiz Augusto Crispim escrevendo sobre a minha poesia de estreia, em *A Geometria da Paixão*, vendo, nos meus versos ainda juvenis, a marca de um clássico moderno. Crispim era um cronista refinado, um lírico de estilo elegante e um intelectual provido e generoso. Ensaísta ousado, trouxe George Lukács para nós, paraibanos, via João Cabral de Melo Neto e Euclides da Cunha, num livrinho intitulado *Por uma Estética do Real*.

Toco, ao acaso, num pacotinho de cartas amarrado por uma liga. Cartas de Jomard Muniz de Britto, todas datilografadas. Abro uma delas e leio: “Caro Hildebarthes, precisamos, urgente, organizar um debate sobre a modernidade aí em João Pessoa. Penso em convidar Gabriel Bechara, Bráulio Tavares e Paulo Michelotto. Você poderia fazer a intermediação. Que acha? Se ler só dá prazer, discutir certos temas é dinamite pura. Se os poetas estão adoecendo de ausência, vamos fazer desse encontro de vozes tão díspares uma terapia do compartilhamento e uma zona erógena da paixão”.

Nunca mais vi Jomard. Sei que está doente, não atua mais na cena cultural e artística das três capitais nordestinas: Recife, João Pessoa e Natal, com sua criatividade e seus “atentados poéticos”. Sinto sua falta, assim como do seu texto instigante, fragmentado, irreverente e didático, se considerarmos a possibilidade de uma didática da desconstrução e do desaprender. Jomard era uma pedagogia pelo avesso, uma sala de aula ambulante a serviço do conhecimento e da invenção estética. Muitos atores, escribas e professores daqui beberam de sua fonte inesgotável e prodigiosa.

Pequenos cartões, convites de outrora, marca-textos, escritos casuais, tudo ficou, de repente, à minha disposição, numa mistura de encanto e saudade. À tarde de sábado me devolveu a mim mesmo, em meio à doce intimidade desses papéis avulsos. Guardá-los é reter e preservar pedaços de vida.

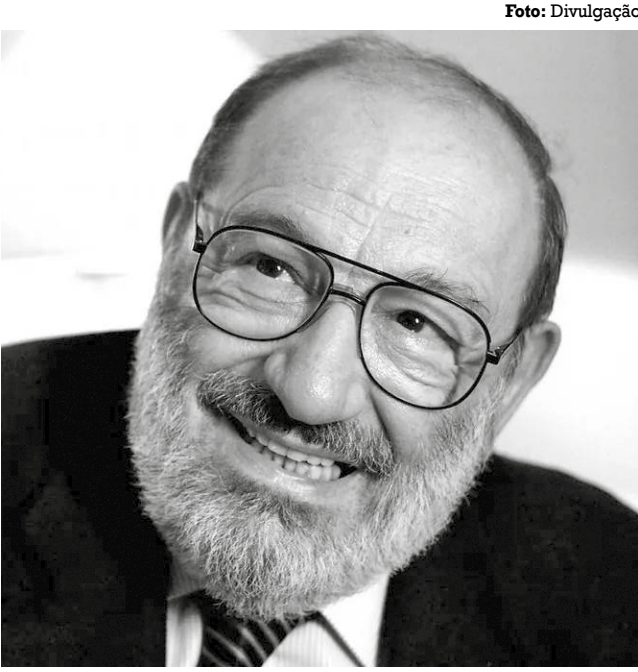


Foto: Divulgação

Umberto Eco fala também de uma “memória vegetal”

LITERATURA

Clássico ganha tradução brasileira

Livro Kokoro, de Natsume Soseki, lançado originalmente em 1914, possui uma atualidade aterradora

Eduardo Augusto
Especial para A União

Um século após sua publicação, a obra-prima de Natsume Soseki (1867-1916) permanece não apenas como um clássico da literatura japonesa, mas como um diagnóstico profundo e melancólico da alma moderna. *Kokoro* (1914), cujo título significa “coração” ou “mente” em japonês, é muito mais que um romance sobre um jovem estudante e seu enigmático mentor, O Professor. É uma exploração incansável da solidão, da culpa e da impossível transição entre eras. Em um Brasil contemporâneo igualmente marcado por rupturas e desencontros, a leitura de *Kokoro* revela-se uma experiência de perturbadora atualidade. A narrativa estrutura-se em três partes. Nas duas primeiras, um jovem narrador descreve sua relação com O Professor, um homem recluso e cínico que vive à sombra de um passado não revelado, sustentado financeiramente por uma herança que parece também sustentar seu peso moral. A dinâmica entre eles — a ânsia do discípulo por um guia e a relutância do mestre em se entregar — captura com

precisão cirúrgica o desespero de uma geração que, no Japão da Era Meiji, via os valores tradicionais dissolverem-se sem que novos fossem solidamente erguidos. O Professor é um homem deslocado no tempo e seu isolamento voluntário é uma fortaleza e uma prisão. É na terceira parte, contudo, que Soseki alcança uma profundidade psicológica avassaladora. Intitulada “O professor e o testamento”, é uma longa carta dirigida ao jovem, na qual o homem finalmente desvela o cerne de sua tragédia: uma traição do passado que resultou no suicídio de seu melhor amigo, K. Esse evento, mais do que uma mácula moral, é a chave de sua existência. O Professor não se define pelo pecado em si, mas pela incapacidade de se redimir, de se reinserir em um mundo que segue adiante. Sua culpa não é catártica; é constitutiva. Ele torna-se, assim, um “morto-vivo” espiritual, observando a vida a partir de um abismo intransponível. A genialidade de Soseki reside na universalidade que extrai de um contexto muito específico. O conflito entre o individualismo moderno e os deveres coletivos, a sensação de que a

“era moderna” traz consigo uma promessa de liberdade que rapidamente se converte em desamparo, e a solidão essencial do ser humano — mesmo (ou principalmente) rodeado por outros — são temas que transcendem o Japão do início do século 20. O Professor poderia ser um homem do nosso tempo, assombrado por decisões irrevogáveis, navegando na superficialidade das relações nas redes sociais enquanto carrega um segredo inconfessável no peito. Sua frase “Eu, que não tinha família, via na família de outros um objeto de admiração” ecoa como um lamento urbano contemporâneo. Estilisticamente, Soseki é um mestre da economia e da sugestão. Sua prosa é contida, límpida, quase ascética, o que torna os momentos de explosão emocionais sempre contidas em silêncios ou gestos mínimos, ainda mais devastadores. A tradução para o português (de Junko Ota, lançada pela Estação Liberdade) consegue manter essa sobriedade elegante, fundamental para a atmosfera do livro. O ritmo é deliberadamente lento, exigindo do leitor a mesma paciência e atenção que o narrador dedica ao Professor.

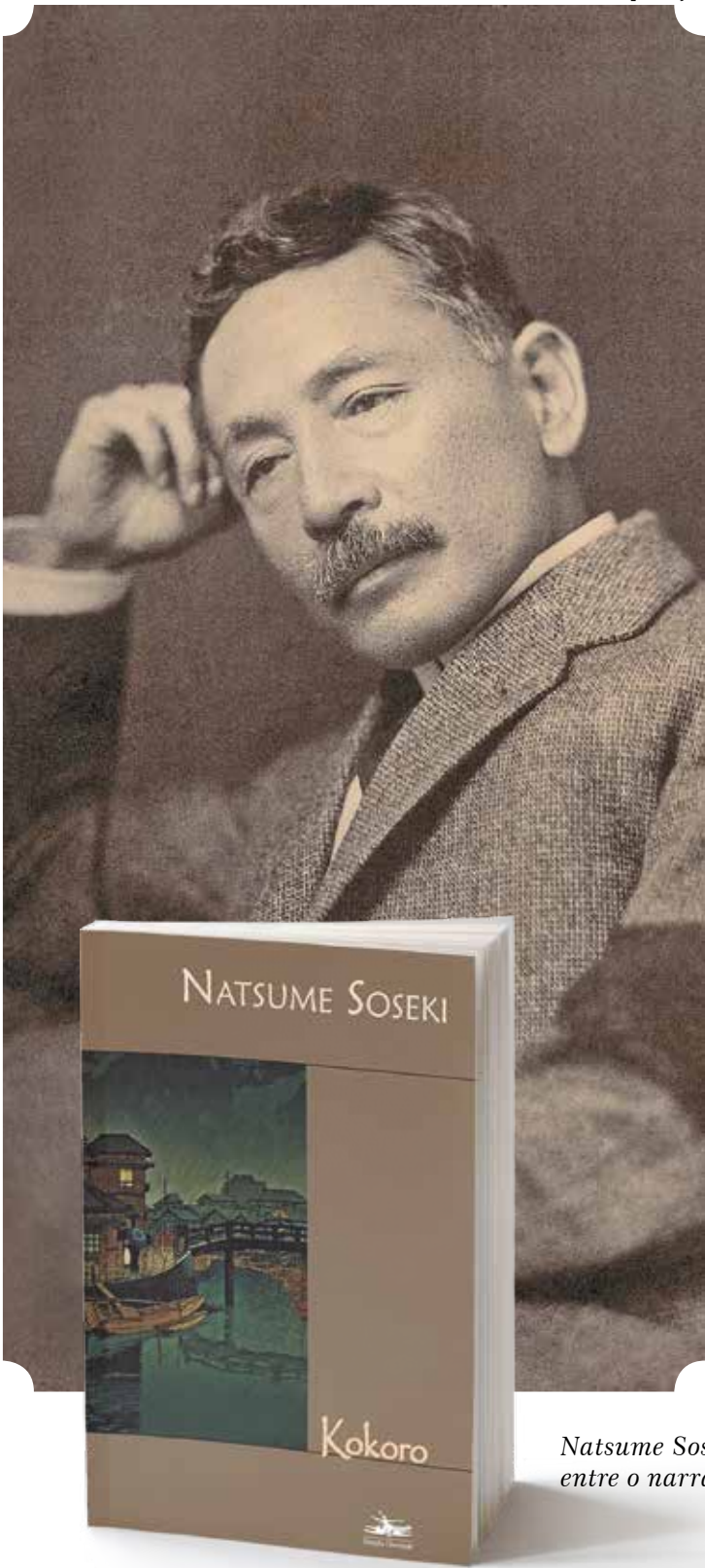


Foto: Reprodução

Natsume Soseki explora a relação entre o narrador e O Professor

Não há concessões ao melodrama; a tragédia é comunicada através do que é deixado inexpressivo. *Kokoro* é, no fim, um livro sobre heranças. Herdamos, como o narrador, as confissões envenenadas de nossos mentores. Herdamos, como O Professor, os pecados de nossa juventude. Herdamos, como sociedade, os dilemas de uma modernização abrupta. Em um mundo que idolatra a conexão constante e a exposição total, a figura do Professor, com sua recusa orgulhosa e dolorosa a se conectar de verdade, surge como um contra-argumento poderoso e trágico. Mais que um retrato do Japão em transição, *Kokoro* é um espelho colocado diante de qualquer leitor que já tenha se sentido só em meio à multidão, que tenha carregado o peso de uma culpa privada ou que tenha questionado que tipo de legado, emocional ou ético, está preparando para os que virão após. Sua mensagem é austera e desconsoladora, mas sua leitura é uma experiência de rara pureza e força. Um clássico incontornável, cujo sussurro do passado ainda tem muito a dizer sobre nossos corações presentes.

Em Cartaz



Cinema

Programação de 5 a 11 de fevereiro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.
* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

UM CABRA BOM DE BOLA (*Goat*). EUA/Brasil/Japão/ Singapura, 2026. Dir.: Tyree Dillihay. Aventura/ animação. Cabra recebe a oportunidade de jogar roarball, esporte dominado por animais rápidos e ferozes. 1h40. 6 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h, 16h10, 18h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h, 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h30, 16h, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 13h30, 15h50, 18h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 14h40, 16h40, 18h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h40, 16h40, 18h40. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h30. CINE GUEDES 2: dub.: 16h40. CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 18h50. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom. e qua.: 18h45. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: dom., ter. e qua.: 15h05. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 3D: 16h40. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 3D: 14h; seg. a qua.: 2D: 14h. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 14h; seg. e qua.: 18h30.
CAMINHOS DO CRIME (*Crime 101*). Reino Unido/EUA, 2026. Dir.: Bart Layton. Elenco: Chris Hemsworth, Mark Ruffalo, Halle Berry, Barry Keoghan, Monica Barbaro, Nick Nolte, Jennifer Jason Leigh. Policial. Ladrão planeja seu último grande golpe, enquanto se envolve com corretora de seguros e é perseguido por detetive. 2h20. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h30, 20h.
O MORRO DOS VENTOS UIVANTES (*Wuthering Heights*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Emerald Fennell. Elenco: Margot Robbie, Jacob Elordi, Hong Chau. Romance/ drama. Casal vive uma paixão tumultuada e destrutiva. 2h16. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Mega): dub.: 15h; leg.: 18h, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9: dub.: 13h, 16h, 19h; leg.: 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 14h15, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h, 17h, 20h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 17h40, 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 17h40, 20h20. **Patos:** CINE GUEDES 3: dom.: leg.: 16h10; dub.: 20h50; qua.: dub.: 16h10, 20h50. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: dom., ter. e qua.: 17h25, 20h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dom.: leg.: 16h05; dub.: 20h50; seg. a qua.: dub.: 16h05, 20h50. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 15h45; seg. a qua.: 15h45, 20h15.

ROBIN – INTELIGÊNCIA ASSASSINA (*Robin*). Reino Unido, 2025. Dir.: Lawrence Fowler. Elenco: Luke James, Gareth Tiddball, Maximilian Cherry. Suspense/ ficção científica. Homem cria robô para suprir o luto pela morte do filho, mas a criatura quer seu criador só para si. 1h30. 18 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 21h45.

CONTINUAÇÃO

O AGENTE SECRETO. Brasil/ França/ Países Baixos/ Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Tomás Aquino, Buda Lira, Jodilsson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Indicado a 4 Oscars: filme, ator, filme internacional e produção de elenco. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. Vencedor de dois Globos de Ouro: ator/drama e filme de língua não inglesa. 2h38. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 15h15, 18h45, 22h. CINESERCLA TAMBIA 3: 20h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: 20h10. **Patos:** CINE GUEDES 1: dom. e qua.: 19h50.

ALERTA APOCALIPSE (*Cold Storage*). França/EUA, 2026. Dir.: Jonny Campbell. Elenco: Joe Keery, Georgina Campbell, Liam Neeson, Lesley Maville. Comédia/ terror. Civis se unem a agente do Pentágono para combater o vazamento de um fungo que contamina as pessoas em massa. 1h39. 18 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 20h45.

AVATAR – FOGO E CINZAS (*Avatar – Fire and Ash*). EUA, 2025. Dir.: James Cameron. Elenco: Sam Worthington, Zoe Saldana, Sigourney Weaver, Oona Chaplin, Kate Winslet. Ficção científica/ aventura. No planeta Pandora, família na’vi sofre perda e enfrenta tribo hostil. Indicado a 2 Oscars. 3h15. 16 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h15, 17h15; leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 15h30, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: 16h30, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 16h30, 20h.

BOB ESPONJA – EM BUSCA DA CALÇA QUADRADA (*The Sponge Bob Movie – Search for Square Pants*). EUA, 2025. Dir.: Derek Drymon. Animação. Para provar sua bravura, Bob Esponja segue o pirata fantasma Holandês Voador até as profundezas do oceano. 1h28. Livre.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 15h30.

DAVI – NASCE UM REI (*David*). EUA,

2025. Dir.: Phil Cunningham e Brent Dawes. Aventura/religioso/ animação. Pastor enfrenta gigante e se torna um rei. 1h49. 10 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 13h45. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 17h40. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h30.

(DES)CONTROLE. Brasil, 2026. Dir.: Carol Miném e Rosane Svartman. Elenco: Carolina Dieckmann, Caco Ciocler, Júlia Rabello, Irene Ravache, Daniel Filho. Drama/ comédia. Sobrecarregada, escritora volta a beber após 15 anos e sai do controle. 1h36. 16 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 13h.

DESTRUIÇÃO FINAL 2 (*Greenland 2 – Migration*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Ric Roman Waugh. Elenco: Gerard Butler, Morena Baccarin, Tommie Earl Jenkins. Aventura/ ficção científica. Família sobrevivente de uma hecatombe deixa bunker na Groelândia em busca de um novo lar. 1h38. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 16h15, 18h40, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h30, 16h45, 19h, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 20h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h45. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h10. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom. e qua.: 21h10. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 20h55; ter. e qua.: 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: seg. a qua.: 16h40. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h30; seg. e qua.: 14h.

A EMPREGADA (*The Housemaid*). EUA, 2025. Dir.: Paul Feig. Elenco: Sidney Sweeney, Amanda Seyfried, Brandon Sklenar, Elizabeth Perkins. Suspense. Empregada doméstica trabalha para família rica, mas tanto ela quanto os patrões escondem segredos sombrios. 2h11. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: leg.: 14h30, 17h45, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 13h15, 16h15, 19h15, 22h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h50, 18h50, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom. e qua.: 18h40. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: dom., ter. e qua.: 19h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 21h.

HAMNET – A VIDA ANTES DE HAMLET (*Hamnet*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Chloé Zhao. Elenco: Jessie Buckley, Paul Mescal, Emily Watson. Drama. Esposa de Shakespeare lida com a possibilidade da perda de um filho enquanto o marido tenta a carreira teatral em Londres. Indicado a 8 Oscars, incluindo melhor filme, direção e atriz. Vencedor de 2 Globos de Ouro: filme/ drama e atriz/ drama. 2h05. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 17h30.

MARTY SUPREME (*Marty Supreme*). Finlândia/ EUA, 2025. Dir.: Josh Safdie. Elenco: Timothée Chalamet, Gwyneth Paltrow, Odessa A’zion, Tyler the Creator, Fran Drescher, Sandra Bernhard. Drama. Traficante se torna um astro do tênis de mesa. Indicado a 9 Oscars, incluindo filme, direção e ator. Globo de Ouro de ator/ comédia ou musical. 2h29. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: leg.: 21h.

O SOM DA MORTE (*Whistle*). Canadá/ Irlanda, 2026. Dir.: Corin Hardy. Elenco: Dafne Keen, Sophie Nélisse, Percy Hynes White. Terror. Estudantes sopram um apito asteca que faz com que suas futuras mortes os assombram. 1h37. 18 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 19h, 21h40. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 3: dub.: dom., ter. e qua.: 15h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 18h45.

STRAY KIDS – THE DOMINATE EXPERIENCE (*Stray Kids – The Dominate Experience*). EUA, 2026. Dir.: Paul Dugdale e Farah Khalid. Documentário/ show. Registro dos shows do grupo de k-pop e cenas de bastidores. 2h26. 6 anos.
Patos: PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom., ter. e qua.: 15h50.

VALOR SENTIMENTAL (*Affeksjonsverdi*). Noruega/ Alemanha/ Dinamarca/ França/ Suécia/ Reino Unido/ Turquia, 2025. Dir.: Joachim Trier. Elenco: Renate Reinsve, Stellan Skarsgård, Inga Ibsdotter Lilleaas, Elle Fanning. Drama. Diretor oferece o papel em seu novo filme para sua filha. Quando ela recusa, ele escala uma jovem estrela de Hollywood que entra nessa complicada relação. Indicado a 9 Oscars, incluindo filme, direção, atriz, ator coadjuvante, atriz coadjuvante e filme internacional. Grande Prêmio do Juri no Festival de Cannes. Globo de Ouro de ator coadjuvante. 2h13. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qua., 18/2: 16h30; qui., 19/2: 20h30; seg., 23/2: 18h10, 20h30; sáb., 28/2: 17h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 16h45.

ZOOTOPIA 2 (*Zootopia 2*). EUA, 2025. Dir.: Jared Bush e Byron Howard. Vozes na dublagem brasileira: Monica Iozzi, Rodrigo Lombardi, Danton Mello. Comédia/ aventura/ animação. Coelho e raposa policiais investigam o misterioso aparecimento de uma cobra em Zootopia. Indicado ao Oscar de filme de animação. 1h48. 6 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h45, 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 13h45, 16h30, 19h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 13h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: 14h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 14h20. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom. e qua.: 17h40. PATOS MULTI-

PLEX 3: dub.: dom., ter. e qua.: 17h35. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 14h10, 18h50; seg. a qua.: 18h50. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 18h30.

Música

HOJE

MACUMBAI. Banda comanda o baile *after* do E Tome Ladeira.
João Pessoa: CARAVELA CULTURAL (Av. General Osório, nº 63, Centro). Domingo, 15/2, 21h. Ingressos: R\$ 15.

Carnaval

HOJE

BLOCO E TOME LADEIRA. Shows de Mundo Livre S.A., Escurinho e Yuri Carvalho.
João Pessoa: AV. GENERAL OSÓRIO (Centro). Domingo, 15/2, 13h. Entrada franca.

Exposições

CONTINUAÇÃO

FESTIVAL INTERNACIONAL DE AQUARELA DE JOÃO PESSOA. Primeira edição do evento, com exposição coletiva.
João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação de terça a sexta, das 9h às 17h30, e sábado e domingo, das 10h às 17h30, até 6 de março. Entrada franca.
JOÃO PEREGRINO. Artista expõe 19 telas em *Sinônimo do que Não Pode Ser Evitado*.
João Pessoa: CARAVELA CULTURAL (Av. General Osório, nº 63, Centro). Visitação às quintas, das 18h às 23h, sextas, das 19h às 23h, e sábados, das 16h às 23h, até 12 de abril. Entrada franca.
LUPICÍNIO DANTAS. Artista mostra cerca de 30 obras na exposição *Pop em Jampa*.
João Pessoa: CASA DA PÓLVORA (Ladeira de São Francisco, nº 152, Centro). Visitação diária, de 9h às 17h, até 2/3. Entrada franca.

REALIDADE MUNICIPAL

Política racial ainda é incipiente

Apenas 57 Prefeituras paraibanas possuem estruturas governamentais específicas voltadas à paridade de direitos

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

Apesar de registrar 2.841.024 pretos e pardos em sua população — o equivalente a 63% do quantitativo de todo o estado, segundo o último Censo —, a Paraíba ainda carece de políticas públicas descentralizadas de comba-

te ao racismo. A edição mais recente da Pesquisa de Informações Básicas Municipais (Munic) apontou que 166 Prefeituras paraibanas não dispõem de estruturas governamentais voltadas à promoção da igualdade racial. Conforme o levantamento — divulgado, em outubro, pelo Instituto Brasilei-

ro de Geografia e Estatísticas (IBGE) —, nos 57 municípios cujos prefeitos declararam a existência de políticas raciais, a gestão de iniciativas é subordinada a outras secretarias ou desenvolvida em conjunto por mais de uma Pasta. Na maior parte das Prefeituras, a atribuição recai sobre secretarias de Assistência Social, mas há casos em que as atividades são vinculadas à Secretaria de Educação, como Remígio e Serra Grande; à Secretaria de Cultura, a exemplo de Boqueirão e Sousa; e à Secretaria de Direitos Humanos, como Cajazeiras e Cuitegi. Destaca-se, também, o cenário do município de São José de Caiana, onde a igualdade racial é desenvolvida pelas Pastas de

Educação, Justiça, Segurança Pública e Direitos Humanos. Os órgãos de promoção da igualdade racial são estruturas governamentais e de participação social criadas para combater o racismo e garantir que a população negra tenha seus direitos respeitados e suas necessidades atendidas. O professor de Ciências Sociais do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) Leandro Santos ressalta que a falta de instrumentos na administração pública proporciona a invisibilização dos problemas enfrentados por essa parcela significativa da população. “Isso causa uma maior vulnerabilidade dessas populações e os municípios acabam tendo um menor grau de resposta e uma capacidade

administrativa bastante reduzida, no que diz respeito aos problemas relacionados à população negra”, aponta. **Conselhos** De acordo com a Munic 2024, 14 Prefeituras apontaram a existência de Conselhos Municipais de Promoção da Igualdade Racial ativos: Alagoa Grande, Alhandra, Brejo do Cruz, Cajazeiras, Cajazeirinhas, Frei Martinho, Ingá, João Pessoa, Pombal, São Bento, Sapé, Serraria, Tavares e Umbuzeiro. A instituição desse tipo de colegiado, que possui caráter permanente e consultivo, é previsto no artigo 50 do Estatuto da Igualdade Racial. Tais grupos são destinados a assegurar a parti-

cipação da sociedade civil organizada na formulação, monitoramento e avaliação de políticas públicas ou de programas específicos. O professor Leandro Santos enfatiza que a ausência desses conselhos implica também na captação de recursos federais, destacando as políticas específicas para a população negra nas áreas da Saúde e Educação. “Você acaba se distanciando da Política Nacional de Equidade Racial, e da questão da educação para as relações étnico-raciais. Você tem uma dificuldade, inclusive, de implementar a Lei nº 10.639, que institui a obrigatoriedade do ensino de história e da cultura africana e afro-brasileira”, complementa o especialista.

Cenário Nacional

Segundo a Munic, 76% das Prefeituras brasileiras declararam não possuir nenhuma secretaria, gerência, coordenadoria ou órgão semelhante na administração que atue na promoção da igualdade racial. O estudo apontou ainda que, entre as regiões do país, o Nordeste alcançou a maior proporção de municipalidades com alguma estrutura na área da igualdade racial: 32,3%. Dos 5.570 municípios existentes no país, 20 não responderam à pesquisa. Na Paraíba, a adesão foi unânime.

Gestões instalam Grupo de Trabalho Intersetorial

Outra estrutura governamental possível é o Grupo de Trabalho Intersetorial (GTI), cujo objetivo é assegurar a eficácia das políticas de igualdade racial e a coordenação das ações entre os diversos órgãos e setores do governo. A cooperação intersetorial é fundamental para as políticas de igualdade racial, pois possibilita que os diversos setores governamentais colaborem para atingir as metas de igualdade e de luta contra o racismo. Na Paraíba, 13 Prefeituras afirmaram possuir um GTI de igualdade racial: Aparecida, Boa Ventura, Cabedelo, Cajazeiras, Condado, Conde, Cubati, Esperança, Ingá, Jericó, Remígio, Santa Luzia e São Bento. Em Cajazeiras, a Gerência Municipal de Igualdade Racial é vinculada à pasta da Assistência Social, sendo composta somente por uma pessoa, a gerente Francelma Santana.

Apesar das limitações de atuação, por conta do contingente do órgão e das barreiras orçamentárias, segundo Francelma Santana, a vinculação à Secretaria de Assistência Social é vista como uma forma de alcançar um maior público, principalmente na identificação do racismo nas periferias. “Eu acredito que foi algo que aconteceu porque ela consegue atender mais públicos. Então, a gente consegue ver a necessidade da periferia, consegue ver o racismo na periferia”, argumenta. A gerente enfatiza, ainda, a realização da primeira eleição para o Conselho Municipal de Igualdade Racial como uma das principais ações realizadas em 2025. “Neste ano, nós pretendemos fazer, mensalmente, essa formação com os órgãos públicos, para que as pessoas entendam no sentido de evitar mais o racismo, o preconceito e a intolerância religiosa”, ratificou.

Na capital, estatuto norteará administração

Em João Pessoa, a realidade apontada pela Munic passa por mudanças. Em dezembro do ano passado, foi aprovado o Estatuto Municipal de Igualdade Racial, que estabelece diretrizes claras para combater o racismo e as desigualdades raciais, que têm como objetivo garantir igualdade de oportunidades em áreas como Saúde, Educação e Cultura. A coordenadora municipal de Promoção da Igualdade Racial de João Pessoa, Carla Uedler, enfatiza que o estatuto indica como o Município atuará no que diz respeito à igualdade racial, a partir das suas próprias secretarias. “Ela vai dar um direcionamento para que a Secretaria de Saúde saiba exatamente como é que ela vai colocar, implementar as políticas públicas voltadas para a população negra. A partir de um grupo

■ Documento estabelece diretrizes para combater o racismo e as desigualdades, garantindo oportunidades iguais em áreas essenciais

Gestão Governamental (Segov) garante recursos próprios para as ações e uma maior agilidade na tomada de decisões, por estar diretamente conectada aos gabinetes do prefeito e vice-prefeito. “Acredito que João Pessoa está inovando, trazendo avanços significativos nessas políticas públicas

de promoção da igualdade racial. A capital não está realizando apenas ações pontuais, como o lançamento de um canal de denúncia antirracista. Esse modelo de acolhimento a vítimas e de políticas públicas pode e deve ser implementado e copiado por outros Municípios”, defende.

Saiba Mais

Os 57 Municípios paraibanos que alegaram ao IBGE executar políticas raciais são: Alhandra, Araçagi, Arara, Araruna, Aroeiras, Baraúna, Bayeux, Bom Jesus, Boqueirão, Brejo do Cruz, Caaporã, Cabedelo, Cachoeira dos Índios, Cacimba de Areia, Cacimbas, Cajazeiras, Cajazeirinhas, Catingueira, Caturité, Conde, Cuitegi, Curral de Cima, Damião, Dona Inês, Emas, Frei Martinho, Ingá, Itabaiana, Itaporanga, Jericó, João Pessoa, Junco do Seridó, Lagoa, Mamanguape, Matinhas, Monte Horebe, Patos, Pedra Branca, Pedra Lavrada, Picuí, Pombal, Remígio, Santa Inês, São Bento, São José de Caiana, São José dos Ramos, São José de Piranhas, São José de Princesa, São José do Sabugi, São Mamede, Sapé, Serra Grande, Soledade, Sousa, Tavares, Triunfo e Umbuzeiro.



Parte dos Executivos municipais realiza ações de combate à discriminação na Paraíba

Ilustração: Bruno Chioffi

Foto: Fellipe Sampaio/STF



Se o texto for aprovado, autoridades brasileiras deverão cumprir normas de conduta mais rígidas, sob pena de detenção e multa

NOVAS REGRAS

Projeto aumenta punição para abuso de autoridade

Em tramitação no Senado, medida alcança Judiciário, MPs e Cortes de Contas

Da Redação
com Agência Senado

O Senado analisará o Projeto de Lei (PL) nº 280/2026, que tipifica novos crimes de abuso de autoridade e amplia as hipóteses de responsabilização de integrantes do Judiciário, do Ministério Público e de Tribunais de Contas. A proposta também estabelece novas regras para denúncias de cidadãos e para condutas relacionadas a conflitos de interesse, atuação político-partidária e manifestações públicas sobre processos em andamento.

De autoria do senador Alessandro Vieira (MDB-SE), o PL nº 280/2026 altera a Lei nº 13.869/2019 e acrescenta dispositivos à legislação vigente, com o objetivo de atualizar a tipificação penal e reforçar mecanismos de controle sobre o exercício de funções públicas.

Novos tipos penais

O projeto cria uma série de novos crimes de abuso de autoridade, com pena de detenção de um a quatro anos e multa. Entre as condutas tipificadas como crime, está a de proferir julgamento ou emitir parecer em situação de impedimento legal. Também passam a ser tipifica-

das práticas como receber, em decorrência da função pública, auxílios ou contribuições de pessoas físicas e entidades públicas ou privadas; ou receber honorários ou participação em processo (salvo previsão ou não impedimento legal). O projeto determina, ainda, que o integrante do Judiciário, do Ministério Público ou de Tribunais e Conselhos de Contas incorrerá em crime de abuso de autoridade quando:

- atuar com motivação político-partidária no exercício de funções institucionais;
- exercer outro cargo ou função, ainda que em disponibilidade, salvo o de magistrado;
- exercer atividade empresarial ou participar direta ou indiretamente de sociedade empresária, inclusive de economia mista, exceto como acionista ou quotista;
- exercer cargo de direção ou técnico de sociedade simples, associação ou fundação, de qualquer natureza ou finalidade, salvo de associação de classe e sem remuneração;
- expressar opinião, por qualquer meio de comunicação, sobre processo pendente de julgamento ou juízo depreciativo sobre despachos, votos ou sentenças de órgãos judiciais (ressalvada a crítica

ca nos autos e em obras técnicas ou no exercício do magistério).

Outra mudança proposta permite que qualquer cidadão comunique à autoridade competente a prática de ato que configure abuso de autoridade, mediante termo assinado, acompanhado dos documentos que o comprovem. Se não for possível apresentar provas, o denunciante deve assinar uma declaração dessa impossibilidade e indicar o local onde podem ser encontradas evidências.

Atualização

Na justificativa do projeto, Alessandro Vieira afirma que a atualização da legislação é necessária para aperfeiçoar o combate a excessos no exercício das funções públicas. Segundo ele, a lei de 2019 representou avanço, mas ainda há espaço para aprimoramentos diante de condutas recorrentes observadas em processos disciplinares e investigações.

O parlamentar sustenta que a responsabilização por abusos é essencial para a garantia do Estado Democrático de Direito e para assegurar que o exercício das funções públicas ocorra dentro dos limites estabelecidos em lei. “Assegurar que as autoridades públicas sejam responsabilizadas por eventuais excessos e abusos é essencial para a garantia do Estado democrático de direito, uma vez que o exercício das atribuições das funções públicas deve se dar nos limites do estabele-



Pelo QR Code acima, acesse o Projeto de Lei nº 280/2026 na íntegra

cido em lei. Propomos novas condutas, que rotineiramente aparecem no noticiário, em comissões parlamentares de inquérito e em processos disciplinares”, ressalta o autor.

O PL nº 280/2026 será distribuído para apreciação das comissões permanentes. Após a fase de discussão e votação nessas comissões, poderá seguir para deliberação em Plenário.

“Assegurar que as autoridades públicas sejam responsabilizadas por eventuais excessos e abusos é essencial

Alessandro Vieira



Foto: Jefferson Rudy/Agência Senado

Senador Alessandro Vieira é autor do PL nº 280/2026

COMARCA DE ITAIBAIANA-PB

Ofício Único de Tabelação de Notas e Protesto de Títulos, de Registro de Imóveis, de RTD/RCPJ e de RCPN

EDITAL DE INTIMAÇÃO

REGINA COELI RODRIGUES DA SILVA, Oficiala do Ofício Único de Tabelação de Notas e Protesto de Títulos, de Registro de Imóveis, de RTD/RCPJ e de RCPN da Comarca de Itabaiana-PB, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 26 da Lei 9.514/97, Faço saber a quem possa interessar que tramita no Ofício Único da Comarca de Itabaiana/PB, em face da **REALIZE NEGOCIOS IMOBILIÁRIOS LTDA, CNPJ nº 00.145.890/0001-20**, atualmente em local incerto e não sabido, **ADJUDICAÇÃO COMPULSORIA** dos Lotes 08 e 08, da quadra 12, Loteamento Nova Itabaiana, com suas características e confrontações constantes das matrículas respectivamente, 4.532 e 4.533, do Serviço Registral Imobiliário desta Comarca de Itabaiana/PB., pela Sra. **GENILDA MARIA DE SANTANA**, inscrito no C.P.F./MF. sob o nº 422.169.904-34, o requerido se quiser pode opor impugnação por escrito, no prazo de 15 dias, contados a partir da data desta publicação. Eu, Enedina Helena Rodrigues Quirino, Escrevente substituta, o digitei. Itabaiana, 13 de janeiro de 2025.

MIRIRI ALIMENTOS E BIOENERGIA S.A.

CNPJ/MF: 09.090.259/0001-45. EDITAL DE CONVOCAÇÃO DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRA-ORDINÁRIA. Ficam convidados os Srs. Acionistas a se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, a ser realizada no dia 23 de fevereiro de 2026, às 9h, na sede social da empresa, situada na Fazenda Miriri, Zona Rural de Santa Rita/PB, a fim de deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: (I) Deliberar sobre a proposta de emissão de debêntures simples, não conversíveis em ações, em única série, da espécie quirográfaria, com garantia fidejussória, para distribuição privada, com a definição das características da Emissão e das Debêntures; (II) autorizar a prática pela Diretoria da Companhia de todo e qualquer ato necessário à formalização da Emissão. Santa Rita, 10 de fevereiro de 2026. **Gilvan Celso Cavalcanti de Moraes Sobrinho –Diretor Presidente.**

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (31)

Quando pensam que minha criatividade acabou, eis que anuncio mais uma produção do espírito, doida para ser transformada em pura mercadoria. É o livro “Cordéis antológicos”, na luta em defesa da valorização dos escritores ordinários e mequetrefes.

“Tem pessoas que fazem as coisas acontecer, as que veem as coisas acontecer e as que perguntam o que aconteceu. Qual delas é você?” (Kubitschek Pinheiro).

Eduardo Galeano já disse: “Toda guerra é crime hediondo. Matam para roubar”.

Como reescrever bula de remédio como escrita criativa: Pegue um produto qualquer, digamos, cloridrato de fexofenadina, eu começaria examinando logo o nome do princípio ativo.

Esse tal cloridrato lembra o quê? Fexofenadina poderia ser uma mulher, dona de uma grandeza paradoxal que reúne absoluta falta de juízo e horror à mediocridade.

Ninguém que se chame Fexofenadina é uma pessoa normal. Dado o efeito antihistamínico, essa moça não tem alergia a nada. Sua função reguladora na fisiologia intestinal preserva-a do mau hábito de espirrar, evacuar e tossir sem motivo aparente.

Nada de cólicas abdominais, dor de estômago, diarreia, flatulência, prurido e urticária, dores de cabeça, asma e dificuldade para respirar, nariz entupido, irritação e sensação de coceira nos olhos, taquicardia e tonturas. Dona Fexofenadina é uma pessoa quase perfeita, se esquecermos seu nome esquisito.

Todos têm altos e baixos, mas Fexofenadina está acima da média. Enfim, uma mulher sem intolerância.

Quem não deve usar esse medicamento? Todos os que fumam, porque o fumo acelera o fígado e as enzimas que metabolizam as substâncias. Os que não fumam, porque não conhecem as propriedades químicas dos fármacos e as bulas não esclarecem quase nada. Podem rolar interações perigosíssimas.

É expressamente recomendável que você não se intoxique, pare de se sentir clinicamente ou psicologicamente doente. Jamais confie em dona Fexofenadina e outras malandragens da indústria dos remédios.

Há 50 anos, Aldous Huxley já disse que “a investigação médica está fazendo um progresso tão extraordinário, que em breve nenhum de nós ficará bem”.

Gostei dessa prosopopeia farmacológica. Acho que vou convidar o contista Chicco Mello pra gente compor um livro conjunto sobre pequenos contos irracionais e quase imorais.

“Quem precisa ser liderado por um pastor, só pode ter a inteligência de uma ovelha” (Marília Gabriela).

“Cuidado com a coisa coisando por aí. A coisa coisa sempre e também coisa por aqui” (Renato Russo).

A citação acima é de minha coleção “os piores versos do cancionero popular”.

“Depois do começo o que vier vai começar...” — Este verso da Legião Urbana é considerado a frase mais idiota do rock nacional. Eu acho genial.

“Tire seu sorriso do caminho que eu quero passar com a minha doze” — Totinho e os Caba.

Walter Munganga arrumou uma namorada em Recife, por correspondência. Quem escrevia as cartas de Walter era Marcos Veloso. Depois de algum tempo de troca de correspondências, Walter perguntou como é que ia o namoro. Veloso: “Seu namoro? Acabei, faz tempo! Ela veio com uma historinha de casamento, e como sei que tu não te amarras nesse negócio, resolvi dar por encerrado o namoro”.

Columnista colaborador

PROGRAMA FEDERAL

Nordeste recebe 88% das cisternas

Iniciativa supera 100 mil entregas desde 2023 , garantindo o armazenamento de água para períodos de estiagem

Agência Gov

Erasm

Uma tecnologia social incentivada pelo Governo do Brasil desde 2003, e que voltou a ser prioridade em 2023, mudou cenários, criou oportunidades e significou melhoria de renda para os três, além de dezenas de milhares de outras famílias. O Programa Cisternas fechou 2025 com 104.300 unidades de captação e armazenamento de água entregues desde o início do atual mandato do presi-

dente Luiz Inácio Lula da Silva. Na comparação dos anos de 2025 (48.900) a 2022, quando foram entregues 6,7 mil cisternas em todo o país, o crescimento é de 630%.

Francisco Linhares cultiva ovos, mel, leite, feijão, abóbora, acerola e pitanga em Senador Pompeu, município com 25 mil habitantes, no centro do Ceará. A tecnologia de acesso à água transformou a relação do agricultor com o ambiente de chuvas escassas; garantiu água potável à família e tornou-se base para o desenvolvimento produtivo. Conectado ao programa desde 2006, hoje a propriedade dele tem um sistema hídrico completo, com cisternas, água de reuso, fossa ecológica e sistema agroflorestal. “A seca sempre existiu. A pessoa tem que aprender a conviver com ela”. No município cearense, 423 cisternas foram entregues desde janeiro de 2023.

Estados
Do total de estruturas fi-

Distribuição de cisternas pelo Nordeste						
Cisternas entregues	2022	2023	2024	2025	Entregas desde 2023	Variação (%) entre 2022 e 2025
Brasil	6.700	4.500	50.900	48.900	104.300	630%
Bahia	870	1.300	10.900	9.000	21.200	934%
Sergipe	595	-	1.200	1.100	2.300	84%
Alagoas	1.000	658	1.200	1.200	3.058	20%
Pernambuco	15	-	7.200	4.400	11.600	29,2 mil%
Paraíba	615	570	4.200	3.500	8.270	469%
Rio Grande do Norte	218	123	1.900	2.300	4.323	955%
Ceará	2.700	1.700	12.200	15.100	28.900	459%
Piauí	0	63	5.200	6.100	11.363	N/A
Maranhão	19	95	647	701	1.443	3.500%

nalizadas desde o início do mandato, 88,6% estão no Nordeste (confira infográfico). Só em 2025, foram 48.900 entre-

gas, 43 mil na região. Em alguns estados, a evolução é acentuada. Em Pernambuco, o salto foi de 15 finaliza-

das em 2022 para 4.400 em 2025, crescimento de 29.000%. Outros avanços expressivos ocorreram no Maranhão, de

19 para 701 (3.500%), no Rio Grande do Norte, de 218 para 2.300 (955%), e na Bahia, de 870 para 9.000 (934%).

Seca torna o semiárido a região prioritária de atendimento

O Programa Cisternas promove o acesso à água por meio de tecnologias simples e de baixo custo. O público-alvo é composto por famílias da Zona Rural com renda *per capita* de até meio salário mínimo, e equipamentos públicos rurais atingidos pela seca ou falta regular de água. As famílias devem estar no Cadastro Único do Governo do Brasil.

Pelo Novo PAC, são mais de 189 mil unidades contratadas na atual gestão, em uma meta de 219 mil. Há 1.037 municípios contemplados em 19 estados, por meio de 30 parcerias que somam R\$ 1,7 bilhão em aportes. Desde 2003, são 1,34 milhão de unidades entregues.

O semiárido brasileiro é a região prioritária de atendimento. Nela, a principal tec-



Beneficiários do programa concentram-se na Zona Rural e precisam estar inscritos no CadÚnico

nologia são as cisternas de placas, que captam e armazenam água de chuva para uso nos meses mais críticos de estiagem. O programa, contudo, tem um conjunto exten-

so de tecnologias sociais. As cisternas de 16 mil litros são voltadas ao consumo humano, para beber, cozinhar e es-covar os dentes. Tecnologias como as cisternas de 52 mil

litros têm o objetivo de viabilizar a produção de alimentos e suprir a necessidade de animais. Há ainda vertentes específicas para escolas públicas rurais e sistemas

multiuso, em modelos individuais e comunitários, implementadas principalmente na Região Norte.

Impacto social
Na Ilha de Marajó (PA), 260 cisternas mudaram a realidade do ambiente de ensino no município de Salvaterra. Abastecidas por poços artesianos, as escolas da região ficavam, muitas vezes, sem água quando faltava energia para as bombas d’água, o que dificultava a limpeza das salas, o preparo de alimentos e a higiene. Crianças e professores eram obrigados a voltar para casa. Com as cisternas, a captação no período chuvoso assegura o fornecimento na seca. “Essa água garante higiene pessoal, limpeza, irrigação da horta e serve para o nosso consumo e da comu-

nidade”, explica Siane Cristina Lopes, merendeira que recebeu capacitação para o uso das cisternas. “Aprendemos a limpar a cisterna, usar os equipamentos e garantir água segura”, acrescenta.

“
Essa água garante higiene pessoal, limpeza, irrigação da horta e serve para o nosso consumo e da comunidade
Siane Cristina Lopes

Construção de equipamentos utiliza mão de obra da comunidade local

No município cearense de Morada Nova, Francisco Regivaldo Assunção viu o cotidiano mudar diante das tecnologias sociais do Programa Cisternas. Antes, nos períodos secos, ele disputava espaço no açude com animais. Atualmente, não só tem a cisterna que armazena água para o consumo cotidiano, como conta com uma cisterna de enxurrada para captar água de um córrego e acumular em outro reservatório para garantir a produção de frutas e hortaliças.

“Antes acontecia de eu chegar para pegar água e ter gado dentro. Eu tangia para pegar a água para o consumo da casa. Ai, graças a Deus, a gente ganhou

a cisterna do consumo para beber. Passou um tempo, e agora a gente ganhou essa outra, de produção. A água do córrego vem para cá, tipo filtrando. Depois passa por canos e cai dentro da cisterna. Como é uma água que vem do solo, é mais fertilizada e já ajuda a produzir. E assim as coisas vão melhorando, né?”, explicou.

Tecnologia
O conceito de tecnologia social é central. Ele pressupõe participação dos beneficiários nas diversas etapas. A mão de obra para construir as estruturas dos equipamentos é escolhida na comunidade, para gerar oportunidades de trabalho

e movimentar a economia. Geralmente, as famílias e os pedreiros passam por formação do próprio programa. “A colaboração com a sociedade civil é essencial para alcançar áreas onde o Poder Público sozinho não conseguiria chegar. O Programa Cisternas é exemplo disso. Ele foi uma mudança de paradigma no enfrentamento à seca e na convivência com o semiárido. Nos ensinou como melhorar condições de vida, cultivos, saúde, a vida das mulheres nesse bioma”, disse Lilian Rahal, secretária de Segurança Alimentar e Nutricional do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS).

População celebra mais segurança hídrica e oportunidade de negócios

A agricultora Iolanda Santos vive na comunidade Paiol, em Parnarama, no leste maranhense, e sente os resultados do programa de forma direta no cotidiano. “Antes, a gente plantava uma quantidade só para consumo. Hoje, a gente planta uma quantidade maior, para consumir e vender. Isso gera renda”, relatou, lembrando que era comum a comunidade passar até 30 dias diretos sem água por ano. Hoje, há 238 cisternas em Parnarama, 124 entregues de 2024 a 2025. O produtor Erasm

rança hídrica e abriu oportunidades. “O Programa Cisternas foi uma bênção e ajudou nos quintais produtivos, que permitem que os agricultores plantem em quantidade e com garantia de compra governamental via Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)”, ressaltou o morador do município de 18 mil habitantes, que já teve 130 cisternas entregues de 2024 a 2025. O PAA destina os produtos comprados da agricultura familiar a escolas, restaurantes populares, cozinhas comunitárias e bancos de alimentos. Para Vitor Santana, coordenador do programa no Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate, ao longo dos anos, a iniciativa tem se mostrado efe-

tiva não apenas por garantir acesso à água, mas por outros diversos benefícios correlatos. “O programa tem impactos significativos e diversos, como a redução na incidência de doenças de veiculação hídrica, da mortalidade infantil, o aumento e diversificação da produção agroalimentar, por dinamizar a economia local e gerar renda às famílias beneficiárias”, resumiu.

■
Em Boqueirão, no Cariri da Paraíba, foram entregues 130 cisternas nos anos de 2024 a 2025

CARGOS TÉCNICOS

Editais reúnem mais de 100 vagas

UFPB, DPE-BA e UFRN têm oportunidades para professores, analistas e técnicos; salários passam de R\$ 14 mil

Priscila Perez
priscilaperez@communicacao@gmail.com

No meio do Carnaval, três editais puxam o bloco dos concurseiros: o da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o da Defensoria Pública do Estado da Bahia (DPE-BA) e o da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Na Paraíba, o concurso da UFPB abriu 32 vagas para professores do magistério superior em diferentes áreas, com salários que chegam a mais de R\$ 14 mil. Na Bahia, por sua vez, a seleção oferece 68 vagas para analistas técnicos em diversas áreas, com salários até R\$ 3,6 mil e inúmeros benefícios, incluindo auxílio-alimentação. Já a UFRN está com 10 vagas para professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), com ganhos que ultrapassam a casa dos R\$ 14 mil, conforme a titulação.

Magistério

Espalhado por diferentes centros acadêmicos (João Pessoa, Areia, Bananeiras e Litoral Norte), o novo concurso da UFPB mira a recomposição do quadro docente da instituição, com oportunidades em áreas como Matemática, Química, Filosofia, Educação, Saúde, Tecnologia, Ciências Agrárias, Comunicação e Artes. Há vagas para especialidades como computação gráfica, programação, fisioterapia, canto, microbiologia e mecatrônica, entre outras. Do ponto de vista prático, as jornadas de trabalho variam de 20 horas semanais a regime de dedicação exclusiva, escolha que im-



Foto: Divulgação/DPE-BA

Na Bahia, a seleção oferece 68 vagas para analistas em diversas áreas, com salários até R\$ 3,6 mil. Já no RN, são 10 vagas de professor com ganhos que chegam a R\$ 14 mil

pacta diretamente a remuneração. Os salários vão de R\$ 3 mil a R\$ 14,2 mil, conforme a titulação do candidato. Para participar, é necessário realizar a inscrição na secretaria do departamento responsável pela área pretendida, presencialmente, até 2 de março. A taxa de inscrição cobrada varia de R\$ 60 a R\$ 120, conforme o cargo. Quanto às etapas de avaliação, o concurso será composto por provas escrita e didática,

ambas eliminatórias, além de exame de títulos. De acordo com o edital, candidatos à classe “Adjunto A” farão, ainda, uma prova de plano de trabalho. As datas e os locais das provas serão informados posteriormente, em publicação complementar.

Cargos diversos

Na Bahia, por sua vez, o processo seletivo da Defensoria Pública do Estado da Bahia (DPE-BA) é um dos mais inte-

ressantes da semana. São 68 vagas distribuídas entre as áreas de Comunicação, Direito, Administração, Ciências Contábeis, Design, Produção Audiovisual, Arquitetura, Engenharia (em diversas especialidades), Pedagogia, Antropologia, Segurança do Trabalho, Relações Públicas, Enfermagem, Fisioterapia, Farmácia e Biologia. Em praticamente todos os cargos, a jornada prevista é de 40 horas semanais.

Quanto ao salário, a remuneração inicial chega a R\$ 3,6 mil, com o acréscimo de auxílio-alimentação de até R\$ 2,2 mil, além de auxílio-transporte, plano de saúde opcional e auxílio-saúde. Mas, atenção: é preciso correr para garantir sua participação. Os candidatos interessados têm até o dia 2 de março para efetuar a inscrição pelo site da Fundação CefetBahia, mediante pagamento de taxa no valor de R\$ 100. Sobre a seleção, o edital prevê a aplicação de prova objetiva e redação, em etapa única, com caráter eliminatório e classificatório. A etapa ocorrerá no dia 15 de março em vários municípios baianos, incluindo Salvador, Vitória da Conquista, Feira de Santana e Bom Jesus da Lapa.

Rio Grande do Norte

Já na universidade potiguar, o foco do edital está no fortalecimento do ensino técnico e tecnológico. A UFRN abriu 10 vagas imediatas para o cargo de professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, com atuação em áreas como Matemática, Biologia, Ciência e Tecnologia de Alimentos, Inovação e Empreendedorismo, Enfermagem em Saúde Coletiva, Saúde da Mulher, Planejamento e Gestão, entre outras. Todas as vagas são para regime de dedicação exclusiva, com remuneração que varia de R\$ 7,9 mil a R\$ 14,4 mil, conforme a titulação, já incluindo auxílio-alimentação.

As inscrições devem ser feitas, exclusivamente, pelo Sistema Integrado de Ges-

tão de Recursos Humanos da UFRN até 9 de março, com taxa de R\$ 150. Segundo o edital, os candidatos serão avaliados por meio de prova escrita, marcada para 14 de junho, prova didática, defesa de memorial, apresentação de projeto de atuação profissional e prova de títulos. Todas as etapas ocorrerão na cidade de Natal.



Use o QR Code para acessar o edital da UFPB



Use o QR Code para acessar o edital da UFRN



Use o QR Code para acessar o edital da DPE-BA

Técnico de áudio vive rotina invisível por atuar nos bastidores

Pouca gente percebe, mas, por trás de um show, transmissão de TV ou evento ao vivo, existe alguém responsável por fazer tudo funcionar. Nos bastidores, é o técnico de áudio quem garante que cada som chegue ao público com qualidade, um trabalho que exige preparo técnico, resistência física e atualização constante. Quase sempre, a rotina começa antes de todo mundo e termina depois, atravessando madrugadas e feriados. Quem conhece bem essa realidade é Carlos André Santana de Lima, técnico e operador de áudio há 14 anos, que aponta a falta de reconhecimento como um dos principais entraves da profissão, ainda vista por muitos como um simples “apertar de botões”. “Acaba sendo uma profissão ingrata. Você trabalha quando todo mundo está se divertindo. Se você não amar isso, não aguenta”.

Como em muitas profissões ligadas ao audiovisual, o interesse costuma surgir de forma espontânea. Para alguns, vem da trilha sonora de um filme; para outros, da curiosidade em entender como o som se espalha no ambiente. No caso de André, o encantamento foi pela música. Ainda morando no Rio de Janeiro, ele tocava bateria

em uma igreja quando começou a se aproximar da mesa de som. “Na época, precisavam de alguém para mexer no som. Eu me voluntariei e comecei a aprender. Mas, até então, aquilo para mim era só diversão, um hobby”, relembra. A virada veio aos poucos, observando outros profissionais e percebendo que aquela “brincadeira” poderia se transformar em trabalho. Ao mudar-se para João Pessoa, entrou no circuito de eventos atuando no apoio operacional. Carregava equipamentos, montava estruturas e acompanhava técnicos mais experientes. “Assim como muita gente, comecei carregando caixa de som, como ajudante”, relata. Foi ao longo desse processo que ele passou a entender a lógica do trabalho e decidiu apostar, de vez, na profissão, estabelecendo uma meta pessoal desafiadora: se em oito anos não conseguisse viver do áudio, mudaria totalmente de rumo. E, desde então, nunca mais parou.

Do início ao fim

Segundo André, a rotina do técnico de áudio é marcada pelo esforço físico e pela responsabilidade constante. Em eventos ao vivo, o trabalho começa bem antes de o

público chegar e só termina depois que o último equipamento é desmontado. “A gente é o primeiro a chegar ao evento e o último a sair”, resume. Montagem de sistema, cabeamento, testes, passagem de som e ajustes durante a apresentação também fazem parte do dia a dia. Além disso, nem sempre as condições são ideais. Ambientes improvisados, equipamentos diferentes a cada evento e estruturas precárias exigem jogo de cintura e muito conhecimento técnico. “Nem sempre você vai pegar o mesmo modelo de mesa de som. Precisa conhecer vários tipos e modelos. E, às vezes, o som não é bom mesmo, então precisa ter conhecimento para saber se virar na adversidade”, conta. Aliás, dentro da trilha de áudio, existem diferentes frentes de atuação. Como ele bem explica, há técnicos de estúdio, gravação, mixagem, masterização, broadcast (rádio e TV) e especializado no “ao vivo”, área em que André atua com mais frequência. Nesse tipo de trabalho, ele atua tanto como técnico de sistema, responsável por montar e dimensionar o som do ambiente, e técnico de PA (public address), que cuida do som que chega ao público. “Primeiro, conheço o sistema e a mesa,



Foto: Arquivo pessoal

Carlos André é técnico e operador de áudio há 14 anos

faço o teste para ver se está tudo funcionando e, depois, a passagem de som com o artista. Preciso checar o volume, a mixagem, os microfones. Na televisão onde trabalhei, era parecido. Chegava às 5h e fazia tudo isso, desde o microfone do apresentador e dos repórteres que estavam na rua até a mesa de som”, explica. Se a rotina já é pesada, a evolução tecnológica adiciona outra camada de pressão ao técnico de áudio — e não estamos falando apenas da transição do analógico para o digital. Hoje em dia, trabalha-se muito com áudio em rede e inteligência artificial. “Se você não aprender, você vai ficar para trás”, alerta, citando o surgimento de novos protocolos. A lógica é simples, segundo ele: o aprendi-

zado nunca para. “Você nunca deixa de aprender. No caso de quem trabalha em estúdio, a IA [inteligência artificial] acaba pesando mais. É importante aprender a usá-la a seu favor. A tecnologia muda o jogo”, complementa.

Formação

Embora não exista um curso superior específico em engenharia de áudio, o caminho possível é buscar cursos técnicos e especializações pontuais. Ainda assim, André reforça que a prática segue sendo determinante para a evolução profissional. “É muito bom estudar, mas, se você puder conciliar a teoria com a prática, é melhor ainda. Trabalhar como auxiliar ou acompanhar alguém no dia a dia para ver como funcio-

nar realmente faz a diferença”, orienta. Por isso, ele defende que quem está começando vá a campo, observe, ajude e experimente. “Há coisas que a gente só aprende botando a mão na massa”, finaliza. Não à toa, ao olhar para trás, o técnico não romantiza a profissão. Trabalhar com áudio significa, também, abrir mão de feriados, lidar com cansaço, ficar longe da família e aceitar uma valorização nem sempre compatível com o esforço exigido. Mesmo assim, ele deixa claro que é um caminho possível. “Hoje, eu vivo exclusivamente do áudio. É por meio dele que sustento minha casa”, finaliza Carlos André. Oportunidade Para quem enxerga a carreira no áudio como possibilidade e vê com bons olhos a atuação em sala de aula, o serviço público também aparece como opção. No concurso mais recente da UFPB, há vaga aberta justamente na área de Tecnologia de Áudio e Produção Musical, com regime de dedicação exclusiva e ingresso na classe A (assistente). A seleção envolve provas didática e prática, com conteúdos que passam por gravação, mixagem, acústica musical, microfonação e sonorização ao vivo.

Selic Fixado em 28 de janeiro de 2026 15%	Salário mínimo R\$ 1.621	Dólar \$ Comercial +0,57% R\$ 5,229	Euro € Comercial +0,52% R\$ 6,204	Libra £ Esterlina +0,54% R\$ 7,134	Inflação IPCA do IBGE (em %) Janeiro/2026 0,33 Dezembro/2025 0,33 Novembro/2025 0,18 Outubro/2025 0,09 Setembro/2025 0,48	Ibovespa 186.464,30 pt -0,69%
---	---	--	--	---	--	--

ORGANIZAÇÃO FINANCEIRA

Deveres com o fisco pedem planejamento e atenção

Contribuintes devem colocar no radar impostos anuais e declaração do IR

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Há quem diga que o ano só começa depois do Carnaval, mas, para os contribuintes, antes de curtir a folia, é importante colocar no radar as obrigações com o fisco. De acordo com a contadora Rebeca Cavalcanti, a dica fundamental de educação financeira é ter consciência de como se usa o próprio dinheiro. “É importante ter noção de quanto se ganha e, proporcionalmente, quais são as suas despesas fixas, as esporádicas e aquelas com o lazer, por exemplo”, ela afirma, enfatizando que, além das despesas comuns, é importante lembrar dos impostos que são pagos anualmente.

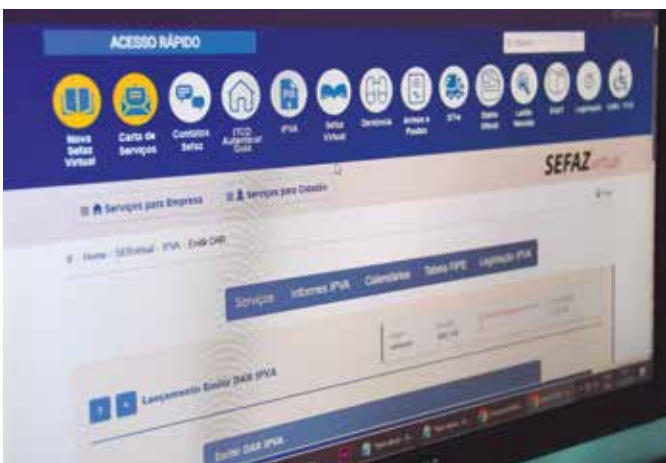
Além da tradicional declaração do Imposto de Renda, que exige organização de documentos e atenção aos prazos, impostos fixos e taxas municipais incidem nos meses do primeiro semestre. “A cada bem que você adquire na vida, incidem tributos: se tem apartamento ou outro tipo de imóvel, por exemplo, tem de pagar, no início do ano, IPTU e TCR; caso more ou tenha imóvel na praia, é bom lembrar também da taxa para marinha. Se tem carro ou moto, lembre-se do IPVA, que

na Paraíba tem pagamento de acordo com o número final de sua placa”, destaca Rebeca.

Salários e outros rendimentos devem constar na declaração de Imposto de Renda, que começa em meados de março até maio. “Para fazer com segurança e seguindo as regras mais atualizadas, é recomendado buscar o apoio profissional de um contador”, defende Rebeca.

Diretora administrativa de uma clínica oftalmológica em João Pessoa, Layz Gerlany Soares precisa lidar com os tributos no trabalho e também na vida pessoal. No caso da empresa onde ela trabalha, o serviço é terceirizado, e os contadores de uma empresa contratada cuidam das obrigações fiscais.

Quando as prestações são como pessoa física, a profissional, que é formada em Enfermagem, começa a se organizar com antecedência. “Ao longo do ano, venho separando todas as despesas dedutíveis no Imposto de Renda para incluir no programa ou conferir aquelas que já constam na base da re-



Donos de veículos com placa final 1 pagam IPVA em março

ceita. Em relação ao IPTU e ao IPVA, costumo agendar de acordo com o mês da obrigatoriedade, faço opção por cota única quando temos desconto, caso contrário a escolha é pelo pagamento parcelado”, conta Layz.

Tanto para evitar multas quanto para conferir se vale a pena pagar à vista com desconto ou em parcelas, Rebeca ressalta que é importante acompanhar atentamente as datas e calendários divulgados pelos órgãos municipais e estaduais. “Já se pode também colocar no orçamento esses gastos, tendo como base se você já tinha o bem antes, os valores pagos nos

anos anteriores, mas sempre levando em conta um reajuste no mínimo da inflação”, aconselha a contadora.

Já para verificar se a melhor opção seria realmente o pagamento à vista, a contadora recomenda confirmar qual é o desconto disponível. “Sendo ele estipulado em um valor mais baixo do que o de uma aplicação de renda fixa, pode não valer a pena. Mas, se você tiver o recurso e não for muito bom em se organizar com as parcelas, pagar à vista pode ser uma boa escolha para evitar multas e juros desnecessários”, afirma Rebeca Cavalcanti.

Órgãos públicos já começaram a divulgar calendários de pagamento

As informações oficiais do calendário do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) já foram divulgadas em alguns municípios paraibanos, a exemplo de João Pessoa e Campina Grande, onde a campanha já começou e os contribuintes que quiserem já podem aderir à modalidade de pagamento antecipado e com desconto.

É prática comum aos municípios oferecer descontos para pagamento antecipado, em cota única. Já o parcelamento pode ser fixado em 10 meses. A Taxa de Coleta de Resíduos (TCR), que teve reajuste de 4,4% em 2026, bem como o IPTU, tem as guias de pagamento disponibilizadas no portal do contribuinte. (joaopessoa.pb.gov.br/pc/)

O prazo para a declaração do Imposto de Renda Pessoa

Física (IRPF) 2026, referente ao calendário 2025, deve manter o padrão tradicional, com período de entrega estimado entre meados de maio até o fim do mês de março. O Programa Gerador de Declaração (PGD) costuma ser liberado pela Receita Federal no início de março. A declaração pré-preenchida pode facilitar o processo e é disponibilizada a quem possui níveis prata ou ouro na conta Gov.br.

Já o calendário de pagamento do Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA) referente ao ano de 2026 já foi publicado pela Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz-PB) no Diário Oficial Eletrônico (Doe-Sefaz) sem mudanças nas regras. O pagamento do tributo segue um cronograma de 10 meses, com o vencimento deter-

minado pelo número final da placa do veículo.

Proprietários de veículos com placa de final 1, deverão realizar o pagamento em março; em abril, aqueles com a placa final 2. A mesma lógica segue até dezembro, com as placas com final zero, caso a opção de pagamento seja a cota única sem desconto. A Sefaz-PB manteve o desconto de 10% na cota única à vista no pagamento antecipado e a opção de parcelamento em até três vezes.

Veículos fabricados até 2010 estão isentos do IPVA, a partir do exercício de 2026, sendo assim, o contribuinte precisará pagar apenas as taxas do Detran-PB. Os proprietários de carros 100% elétricos e os de motocicletas de até 170 cilindradas também são isentos do pagamento do tributo.

das suas movimentações financeiras”, adverte o planejador financeiro.

Receita cruzará dados de notas fiscais e renda das famílias



Se você tiver o recurso e não for muito bom em se organizar com as parcelas, pagar à vista pode ser uma boa escolha

Rebeca Cavalcanti

Pessoas físicas devem se adequar às mudanças

O planejador financeiro Guilherme Baía destaca três mudanças com relação ao IR das pessoas físicas em 2026. “A primeira e mais importante é a ampliação da faixa de isenção para quem ganha até R\$ 5 mil por mês, gerando mais sobras para o orçamento doméstico”, apontou.

A segunda refere-se à capacidade aumentada de cruza-

mento da Receita Federal dos dados de notas fiscais com a renda das famílias. “A medida em que a receita tem mais capacidade de entender o que pode ser renda e tributar de acordo, cria-se a necessidade das pessoas se explicarem quanto à movimentação de dinheiro, com outras pessoas principalmente”, explicou.

“Uma terceira novidade in-

cide sobre os imóveis, com a instituição do Cadastro Imobiliário Brasileiro (CIB), que já se tornou conhecido como ‘CPF dos imóveis’”, acrescentou.

O planejamento antecipado é a melhor forma de começar o ano sem imprevistos fiscais. “A grande mudança deverá estar no comportamento do contribuinte, sendo de muita importância manter um bom registro

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

Emprego adiciona R\$ 616 milhões à economia de JP

João Pessoa encerrou 2025 com saldo positivo de 14.892 novos empregos formais, desempenho que colocou a capital na segunda colocação nacional e na primeira no Nordeste em crescimento. Considerando a remuneração média formal do município, ajustada pelo IPCA, a massa salarial associada às novas vagas alcançou aproximadamente R\$ 616 milhões no ano, o equivalente a cerca de R\$ 51 milhões por mês incorporados à economia local.

Mais do que o volume de vagas, a composição desse avanço revela a estrutura econômica que vem se consolidando na capital. Das 14.892 vagas criadas, 7.891 concentraram-se em 10 ocupações, o equivalente a 52,99% do saldo total. Esse nível de concentração posiciona João Pessoa acima da média nordestina, na qual as 10 principais funções responderam por 45,04% da geração regional, e abaixo do padrão nacional, que registrou 60,25%, chegando a 81,16% no Sul e 73,51% no Sudeste.

No Brasil, o top 10 foi formado, majoritariamente, por ocupações ligadas a Serviços, Comércio, Construção e Logística, como operador de telemarketing (destaque para o Nordeste), atendente de lojas e mercados, auxiliar administrativo, repositor de mercadorias, servente

de obra, motorista de carro de passeio, auxiliar de logística, alimentador de linha de produção e operador de caixa. A função de enfermeiro apareceu entre as 10 principais apenas no Centro-Oeste, evidenciando que o padrão predominante de geração de emprego formal no país é urbano e operacional.

Em João Pessoa, as 10 funções que lideraram a geração de empregos seguem essa mesma lógica. Sob a ótica setorial,

60,1% das vagas concentram-se em Serviços, 26,5% na Construção civil, 9,7% no Comércio e 3,7% na Indústria, confirmando o perfil urbano da economia local e a baixa participação industrial na estrutura produtiva da capital.

A remuneração média das 10 ocupações que mais geraram empregos na cidade foi de R\$ 2.227 mensais. No Brasil, a média foi de R\$ 2.292, e no Nordeste, de R\$ 2.340. As diferenças são moderadas e refletem a composição das atividades que sustentaram o crescimento em cada território. Apenas essas 10 ocupações responderam por mais de R\$ 228 milhões em massa salarial anual na capital paraibana.

Segundo dados recentes do IBGE, o PIB de João Pessoa alcançou cerca de R\$ 28,4 bilhões, posicionando a capital entre as 50 maiores economias municipais do país, embora ainda seja a segunda menor entre as capitais brasileiras. Nesse contexto, o acréscimo estimado de R\$ 616 milhões em nova massa salarial representa aproximadamente 2% do PIB municipal, reforçando a dinâmica da demanda interna em uma economia de porte intermediário.

Os números de 2025 indicam que João Pessoa consolida um ciclo de crescimento alinhado à dinâmica nacional, ancorado sobretudo em Serviços e Construção civil. O próximo ciclo exigirá avanço na diversificação econômica, fortalecimento do setor industrial e expansão de atividades intensivas em conhecimento, capazes de elevar de forma sustentável o padrão médio de renda da cidade.

MERCADO DE TRABALHO

Fim da escala 6x1 é viável, avalia Ipea

Estudo mostra que redução da jornada de trabalho teria impacto de menos de 1% para os grandes setores

Gabriel Brum
Rádio Nacional

Os custos de uma eventual redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais seriam similares aos impactos observados em reajustes históricos do salário mínimo no Brasil, o que indica uma capacidade de absorção da medida pelo mercado de trabalho.

A conclusão é de estudo publicado, recentemente, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que analisa os efeitos econômicos da eventual redução da jornada atualmente predominante de 44 horas semanais, associada à escala 6x1, que estabelece um dia de descanso a cada seis trabalhados.

A redução da jornada de trabalho teria um custo de menos de 1% em grandes setores, como Indústria e Comércio, mas alguns setores de Serviços, que dependem de mais mão de obra, podem precisar de políticas públicas, avalia o Ipea.

Os pesquisadores citam, por exemplo, os reajustes históricos do salário mínimo, como os de 12%, em 2001, e 7,6% em 2012, que não reduziram o nível de empregos.

A jornada geral de 40 horas semanais elevaria o custo do trabalhador celetista em 7,84%, mas, dentro do custo total da operação, o efeito é menor, diz o pesquisador Felipe Pateo.

“Quando a gente olha para a operação de grandes empresas na área de comércio, da indústria, a gente vê que o custo com trabalhadores representa, às vezes, menos que 10% do custo operacional da empresa. Ela tem custo grande de formação de estoques, custo de investimento em maquinário”, explica.

Já empresas de serviços para edifícios, como vigilância e limpeza, podem ter um impacto maior, de 6,5% no custo da operação. Nesses casos, seria necessária uma transição gradual para a nova jornada. O mesmo serviria para pequenas empresas, que podem ter até mais dificuldade para adaptar as escalas de trabalho, segundo Pateo.

“A gente vê que esse tempo de transição também é muito importante para as empresas menores. E você precisa abrir possibilidades de contratação de trabalhadores em meio período, por exemplo, que possam suprir eventualmente um tempo de funcionamento num fim de semana, caso a redução de jornada possa dificultar esse processo”, observa.

Combate a desigualdades

O estudo também aponta que as jornadas de 44 horas concentram trabalhadores de menor renda e escolaridade. Para o pesquisador, a redução da jornada pode reduzir desigualdades.

“Quando a gente reduz a jornada máxima para 40 horas, a gente bota esses trabalhadores que estão nos empregos de menores salários, de menor duração do tempo de emprego, em pé de igualdade, pelo menos na quantidade de horas trabalhadas.



Regime de 44 horas semanais é mais comum entre pessoas com menor nível de escolaridade, sendo 83% desses vínculos com trabalhadores que têm até o Ensino Médio

Desafios

Peso será maior para os pequenos negócios e setor de Serviços, por isto, seria necessário implementar um período de transição

E a gente acaba aumentando o valor da hora de trabalho desses trabalhadores. Então, isso faz com que eles se aproximem das condições dos trabalhadores nas melhores situações trabalhistas”, argumenta.

Segundo a pesquisa, a remuneração média para quem trabalha até 40 horas por semana é de R\$ 6,2 mil. Já os trabalhadores com jornada de 44 horas recebem, em média, menos da metade. Esses trabalhadores com jornada maior também têm menor es-

colaridade.

Segundo o estudo do Ipea, mais de 83% dos vínculos de pessoas com até o Ensino Médio completo estão nessa condição, proporção que cai para 53% entre aqueles com Ensino Superior completo. Diferentemente de outras características sociodemográficas, a incidência de jornadas estendidas mostra forte associação com o nível de escolaridade.

A grande maioria dos 44 milhões de trabalhadores celetistas registrados na Relação Anual de Informações Sociais (Rais) em 2023 tinha jornada de 44 horas semanais. Ao todo, eles somam 31.779.457, o que equivale a 74% dos que tinham jornada informada. Em 31 dos 87 setores econômicos analisados, mais de 90% dos trabalhadores têm jornadas acima de 40 horas semanais.

A Rais é uma declaração obrigatória na qual empresas brasileiras informam ao Ministério do Trabalho dados sobre seus funcionários, vínculos empregatícios e salários.

Empresas menores

Um desafio apontado no estudo do Ipea é para as empresas de menor porte, pois elas têm, proporcionalmente, mais trabalhadores com jornadas superiores a 40 horas. Enquanto a média nacional indica que 79,7% dos trabalhadores têm jornadas superiores a 40 horas semanais, esse percentual sobe para 87,7% nas empresas com até quatro empregados e para 88,6% naquelas que empregam de cinco a nove trabalhadores.

Os trabalhadores atualmente submetidos a jornadas superiores a 40 horas somam 3,39 milhões nas empresas com até quatro empregados e 6,64 milhões quando se consideram aquelas com até nove trabalhadores.

Esses setores incluem, por exemplo, segmentos da área de Educação, atividades de organizações associativas e outros serviços pessoais, como lavanderias e cabeleireiros, nos quais predominam jornadas estendidas entre empresas com até quatro trabalhadores.

Debate

A redução da jornada de trabalho de 44 horas para 40 horas e o fim da escala 6x1 entraram de vez no radar político do país neste início de ano.

Na semana passada, o presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), disse que uma das prioridades da Casa neste ano é justamente votar esses direitos trabalhistas. Em suas redes sociais, Motta escreveu que a análise pelos deputados

pode se dar em maio.

Atualmente, duas propostas estão sendo discutidas na Casa sobre o assunto: uma da deputada Erika Hilton, a PEC 8/2025, e outra pelo deputado Reginaldo Lopes, a PEC 221/2019.

Na mensagem enviada ao Congresso Nacional, na semana passada, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva também colocou o tema entre as prioridades do governo para



Motta diz que debate da pauta é prioridade da Câmara

Mais de 70% dos brasileiros apoiam proposta

Victor Ohana
Agência Estado

Levantamento divulgado pela Nexus — Pesquisa e Inteligência de Dados mostrou que 73% dos brasileiros são a favor do fim da escala 6x1 sem redução salarial.

De acordo com a sondagem, 63% dos entrevistados disseram inicialmente ser favoráveis ao fim da escala 6x1, sem tratar da questão salarial, enquanto 22% afirmaram que são contrários.

A taxa de aprovação cresce 10 pontos quando os entrevistados contrários foram perguntados se passariam a apoiar a proposta se não implicasse em redução salarial. Além disso,

28% são a favor da escala 6x1, mesmo com redução salarial

Segundo o CEO da Nexus, Marcelo Tokarski, a pesquisa mostra um crescimento da desaprovação do projeto quando a proposta inclui a redução salarial. “Quase todo mundo é a favor de uma jornada de trabalho menor, mas pouca gente topa abrir mão de recursos financeiros em troca disso”, observa.

Detalhamento

O resultado da pesquisa mostrou as seguintes conclusões:

- 28% são a favor do fim da escala 6x1, mesmo com redução do salário;
- 30% são a favor do fim

da escala 6x1, se não tiver redução de salário;

- 11% são contra o fim da escala 6x1, mesmo sem redução de salário;
- 10% são contra o fim da escala 6x1, mas apoiariam se não tivesse redução de salário;
- 6% não são nem a favor nem contra o fim da escala 6x1;
- 5% são a favor do fim da escala 6x1, mas não se posicionaram quanto à redução de salário;
- 1% são contra o fim da escala 6x1, mas não se posicionou quanto à redução de salário.

Eleitores

Conforme a pesquisa, entre os entrevistados

que votaram no presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), 71% são favoráveis ao fim da escala 6x1, enquanto 15% são contrários e 15% não opinaram. Por outro lado, 53% dos eleitores do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) são a favor do fim da escala 6x1, enquanto 32% são contrários, e 15% não opinaram.

Além disso, 62% dos brasileiros entrevistados afirmaram que ouviram falar do tema, mas somente 12% disseram que entendem bem o que a proposta significa. Outros 35% nunca ouviram falar sobre as discussões sobre o fim da escala 6x1.

Segundo os realizados da pesquisa, foram en-

trevistados 2.021 cidadãos com idade a partir de 16 anos, nas 27 unidades da Federação, de 30 de janeiro a 5 de fevereiro. A margem de erro no total da amostra é de 2 pontos porcentuais, com intervalo de confiança de 95%.

■ Pesquisa da Nexus aponta que a possibilidade de a mudança resultar em diminuição do salário preocupa 40% dos entrevistados

Foto: Tomaz Silva/Agência Brasil

Foto: Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil

ESPECIALIZAÇÃO

Paleontologia fortalece a formação científica

Curso é um novo passo na interiorização e valorização do patrimônio

A criação do Curso de Especialização em Paleontologia e Conservação do Patrimônio na Paraíba representa um novo passo na interiorização da ciência e na valorização do patrimônio natural e arqueológico do estado. Desenvolvida pelo Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Setcies), da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq) e da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a formação está sendo realizada no Campus IV da (UEPB), Unidade Acadêmica de Sousa, com oportunidades para 30 estudantes.

Voltado a profissionais das áreas de Paleontologia, Arqueologia, História, Geografia, Biologia e áreas afins, o curso tem como objetivo qualificar especialistas para atuar na pesquisa, conservação e divulgação do patrimônio paleontológico e arqueológico, com atenção especial aos sítios da Bacia do Rio do Peixe, incluindo o Monumento Natural Vale dos Dinossauros. A iniciativa integra as ações do Complexo Científico do Sertão e reforça a estratégia de descentralização do Ensino Superior no estado.

Para o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Setcies), Claudio Furtado, investir na qualificação científica no Sertão representa transformar o potencial natural em conhecimento, inovação e proteção do patrimônio. “Quando o Estado investe em formação científica no interior, ele não está apenas criando um curso, está estruturando um processo de desenvolvimento. O Sertão da Paraíba já possui uma riqueza paleontológica reconhecida internacionalmente; o que estamos fazendo agora é formar pessoas daqui para pesquisar, preservar e transformar esse patrimônio em conhecimento e oportunidades. A política



Fotos: Divulgação/Setcies

Ação tem participação direta da Setcies, da UEPB e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba

pública tem esse papel de reduzir desigualdades territoriais e garantir que a ciência seja um instrumento de desenvolvimento regional sustentável”, disse.

Levar uma especialização dessa natureza para o interior foi um processo que exigiu articulação institucional e investimento público. De acordo com o coordenador do curso, o professor Juvandi Santos, a ausência histórica de financiamento para cursos de especialização no Brasil foi um dos principais desafios. “Criar esse curso no Sertão não foi simples. As especializações geralmente não contam com recursos, mas conseguimos viabilizar o apoio da Secretaria de Ciência e, Tecnologia, garantindo o pro-labore dos professores e uma bolsa de incentivo para os estudantes. Isso ampliou o acesso e aumentou o interesse pela formação”, afirmou.

A seleção reuniu cerca de 100 candidatos para as 30 vagas disponíveis, evidenciando a demanda por qualificação na

área. Atualmente, 27 alunos estão matriculados e recebem bolsa de auxílio estudantil no valor de R\$ 1 mil.

Segundo o coordenador, o perfil da turma também chama atenção pelo alto nível acadêmico. “Temos seis doutores, e a maioria dos estudantes possui mestrado ou outras especializações. Isso mostra o interesse dos profissionais do Sertão em fortalecer a própria formação e contribuir para o desenvolvimento científico da região”.

Responsabilidade local

O Sertão paraibano concentra uma grande diversidade de sítios paleontológicos, incluindo registros relacionados a dinossauros e à megafauna pleistocêni-

ca. Para Juvandi, formar especialistas na própria região contribui para ampliar a produção científica e fortalecer a preservação do patrimônio.

“Estamos falando de uma área com uma riqueza paleontológica significativa. Qualificar profissionais locais é essencial para ampliar as pesquisas, evitar a depredação dos sítios e garantir a continuidade dos estudos iniciados há décadas”, explicou.

Atualmente, já são 68 sítios paleontológicos identificados, e a expectativa é que a nova geração de especialistas contribua para ampliar esse número e consolidar o Sertão como referência em pesquisa na área.

tegrar ciência, história natural e conservação do patrimônio”, relatou.

Lucas é formado em Biomedicina (Unifip), Ciências biológicas (Unopar) e é discente do curso de Tecnologia em Sistemas para Internet (UERN). Segundo ele, a combinação entre aulas teóricas, atividades de campo e estrutura laboratorial tem contribuído para uma formação mais completa. “As aulas práticas no Vale dos Dinossauros e o acesso a um laboratório bem estruturado tornam o aprendizado mais dinâmico e preparam os estudantes para desenvolver pesquisas futuras”.

Formação cidadã

Para a estudante Maria Sarmiento, a especialização também amplia o olhar so-

bre a importância da preservação e da divulgação científica. “O que me motivou foi a curiosidade sobre o passado e o interesse pela preservação de patrimônios como as pinturas rupestres em Vieirópolis, que são muito importantes e ainda pouco valorizadas”, afirmou.

Maria é licenciada em Química com mestrado em Química (UFRPE) e doutorado em Inovação e Desenvolvimento de Medicamentos (UFRN). Ela comentou que a experiência do curso tem ampliado a sua compreensão sobre o papel da pesquisa científica. “A pós-graduação tem sido extremamente positiva e tem ampliado minha visão sobre a importância da conservação e da divulgação do conhecimento”.

Ecos do Universo

Claudio Furtado
claudiofurtado@setcies.pb.gov.br

Avaliar para avançar: o lugar da Paraíba na excelência acadêmica

Recentemente, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) divulgou o resultado da avaliação quadrienal da pós-graduação brasileira. Ao longo das últimas décadas, a Capes desenvolveu uma metodologia que avalia todos os programas de pós-graduação *stricto sensu* do país, em nível de mestrado e doutorado, incluindo também suas modalidades profissionalizantes. Esse sistema acompanha a formação acadêmica, a produção científica e o desempenho institucional dos programas.

Dentro desse processo, existe a Plataforma Sucupira, onde os programas de pós-graduação, ao final de cada ano, inserem informações detalhadas sobre suas atividades. É a partir desses dados que a Capes avalia tudo aquilo que é produzido do ponto de vista científico, tecnológico e inovador por um programa de pós-graduação.

Do ponto de vista legal e institucional, essa avaliação é fundamental para o credenciamento dos programas e foi decisiva para fortalecer e dar visibilidade à pós-graduação brasileira nas últimas décadas, impactando diretamente o desenvolvimento científico e tecnológico e a formação de recursos humanos altamente qualificados para o país.

Hoje, o Brasil forma doutores em todas as regiões, o que é essencial tanto para o desenvolvimento das universidades quanto para a formação de profissionais estratégicos para a indústria e o setor produtivo, contribuindo para tornar a nação mais competitiva.

Quando olhamos para os resultados do último quadriênio nas instituições públicas e privadas da Paraíba, observamos uma evolução significativa da pós-graduação no estado, com inserção nacional e internacional que consolida um sistema acadêmico cada vez mais maduro.

Um dado importante é que hoje temos três programas com nota 7 na Paraíba, que representa o nível máximo de excelência na avaliação da Capes. São os programas de Engenharia Elétrica da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Ciência e Engenharia de Materiais da UFCG e Modelos de Decisão e Saúde da Universidade Federal da Paraíba (UEPB), que demonstram alto nível de inserção internacional, publicações em revistas de grande impacto científico, formação qualificada, produção de patentes e, quando pertinente, forte aproximação com o setor produtivo. Este é o maior número da história da Paraíba em programas com nota máxima. Também merece destaque a evolução institucional: na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), oito cursos ascenderam de nível; na UFCG, outros oito programas avançaram; e, no Instituto Federal da Paraíba (IFPB), dois cursos melhoraram sua classificação.

Tudo isso mostra uma evolução muito forte do sistema de pós-graduação da Paraíba, fruto do trabalho diário de estudantes, professores orientadores e equipes acadêmicas que fazem esse sistema funcionar.

Também é importante destacar a visão do governador João Azevêdo em apoiar os programas de pós-graduação e as universidades por meio de bolsas de mestrado, doutorado, pós-doutorado e iniciação científica, que somam mais de R\$ 170 milhões no período correspondente a essa avaliação. Vale salientar que nesses números ainda não estão incluídos investimentos como o programa Paraíba Sem Fronteiras (PBsF), apoio a laboratórios de pesquisa, financiamento a pesquisadores e participação em eventos científicos. Somadas, essas iniciativas fazem com que a Paraíba ultrapasse R\$ 700 milhões investidos até dezembro de 2025, recursos fundamentais em um momento nacional desafiador, marcado inclusive por episódios de negacionismo científico, enquanto o Estado fez a escolha clara pela ciência, pelo desenvolvimento tecnológico e pela inovação.

É João Azevêdo mostrando que a Paraíba é, cada vez mais, o estado do conhecimento.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB

Columnista colaborador



Integração dos estudantes é parte importante no processo



LITERATURA DE CORDEL

Ciência é contada de forma lúdica

Folhetos podem ser usados na conscientização ambiental ao trazer dados científicos em linguagem acessível

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Utilizando rimas e xilografuras para tratar de temas cotidianos do universo nordestino, a literatura de cordel é uma expressão popular reconhecida como patrimônio cultural imaterial brasileiro. Mas, para além de retratar cenas costumeiras, romances e críticas sociais, o folheto pode ser utilizado na conscientização de temáticas ambientais, pois consegue aproximar os leitores ao trazer informações científicas em uma linguagem acessível e familiar.

Para a educadora ambiental Maria Christina, a diversificação de metodologias para a promoção da conscientização ambiental é primordial para incentivar processos críticos e transformadores. “A aprendizagem socioambiental exige abordagens interdisciplinares, dialógicas e culturalmente contextualizadas, capazes de mobilizar não apenas o aspecto cognitivo, mas também as dimensões afetiva e identitária dos sujeitos. Nesse sentido, a utilização do cordel não representa apenas uma estratégia didática, mas um recurso capaz de ativar o pertencimento, a memória cultural e a sensibilidade”, destacou.

Os biólogos Fabiano Gumier e Cíntia Moreira perceberam as potencialidades do cordel como forma de valorizar a cultura e propagar os conhecimentos sobre o meio ambiente de maneira lúdica.

Caminho para o ensino

Cíntia, a professora que não queria ser professora, diz que a educação chegou até ela

quase como destino. “Eu sempre amei biologia, natureza, mas vivi um grande impasse durante a minha graduação: eu não queria ser professora; eu queria ser exploradora”, lembra. O caminho, no entanto, conduziu-a à licenciatura e, posteriormente, à atuação em projetos de educação ambiental, na Secretaria de Educação de João Pessoa, onde hoje desenvolve iniciativas voltadas às escolas.

Foi durante o curso de Biologia, ainda no período da pandemia, que o folheto surgiu como possibilidade concreta de unir ciência e linguagem popular. Impedida de realizar atividades de campo, Cíntia decidiu adaptar conteúdos biológicos para o formato de cordel como parte do trabalho de conclusão de curso (TCC). “O cordel veio em forma de intuição e deu tudo certo. Eu fiz quatro cordeis sobre borboletas, que é o meu assunto favorito”.

Após a experiência do TCC e o término da graduação, ela utilizou o tempo livre para investir nessa modalidade de literatura. A dedicação deu frutos, ou melhor, cogumelos. Cíntia foi convidada para realizar a adaptação para cordel do livro “Brilhos na Floresta”, da pesquisadora Noemi Ishikawa, que estuda cogumelos há mais de 30 anos. O folheto, intitulado “Brilhos na Floresta em Cordel”, foi lançado em 2022. A produção foi selecionada para a exposição “Simbiose – A conexão pelos fungos”, no Centro Cultural Oi Futuro, no Rio de Janeiro, em 2023. Outra parceria que a bióloga

construiu resultou na adaptação do livro “A vida escondida que sustenta as florestas do Rio Negro”, de Bill Magnusson (e outros autores), também cientista do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). O cordel intitulado “A vida escondida na floresta do Rio Negro”, produzido em conjunto com o ilustrador Pedro Henrique Carvalho dos Santos, trata da fauna e da flora amazônica nos entornos do Rio Negro.

O cordel já levou Cíntia longe. Ela esteve em alguns dos eventos mais importantes do calendário ambiental nos últimos anos, como a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima de 2025 (COP30), em Belém do Pará.

Para Cíntia, o diferencial do folheto está justamente na capacidade de adaptação. “O trabalho que estamos fazendo é trazer uma cultura popular ancestral para dentro da nossa realidade, que é extremamente tecnológica. Então as coisas têm que ser adaptadas. Fazemos cordeis com xilografuras digitais, QR Code. Precisa ser atrativo para os alunos”. Segundo ela, quando bem trabalhado, o cordel deixa de ser apenas texto e passa a funcionar como recurso pedagógico, contação de histórias, atividade experimental e instrumento de educação ambiental.

Por essas características, a receptividade a essa ferramenta costuma ser imediata. “Eles adoram. Não só os alunos, mas os professores também”, relata Cíntia, que já utilizou o cordel em oficinas, aulas de campo, caça-tesouros educativos e atividades interdisciplinares envolvendo ciência e arte. A proposta, segundo ela, favorece um aprendizado mais lúdico e participativo.

A jovem Nadryelle Lacerda, ex-aluna de Cíntia, relatou que o cordel trouxe experiências novas para a sala de aula. “Por meio do cordel, pude conhecer uma forma de leitura e escrita que usa rimas e fala sobre a cultura e o dia a dia das

pessoas. Achei interessante a maneira como as palavras se organizam e como a história fica mais fácil de entender e até mais divertida. Foi uma experiência positiva e que contribuiu para o meu aprendizado”, comentou.

A dimensão afetiva é um dos pontos-chave dessa estratégia. Embora muitos estudantes tenham pouco contato prévio com o cordel, a familiaridade com a linguagem e com os elementos culturais regionais contribui para a aceitação. “O cordel cria um universo. Quando a gente explica direitinho, eles se encantam”, diz Cíntia, ressaltando a necessidade de resgatar essa tradição dentro da própria região onde ela nasceu.

Mineiro paraibano

Trazendo a mesma experiência de expressão por meio da literatura de cordel, o biólogo, cordelista e escritor Fabiano Gumier, analista ambiental do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres (Cemave), vê no cordel uma linguagem forte para dialogar com temas ambientais. Mineiro de origem e radicado na Paraíba há quase 15 anos, Fabiano teve contato com o gênero ainda na infância, na sala de aula, por meio de livros didáticos e da obra do cearense Patativa do Assaré.

“Para mim, o cordel é um gênero muito potente, dada sua história, universo temático aberto, popularidade e musicalidade. A diversidade temática do cordel é outro ponto que me atrai: fantasia, romance, fatos históricos, anedota, educação, filosofia, biografia, política, meio ambiente... Dá para escrever sobre tudo em Cordel, porque ele ajuda a decodificar o Universo e torná-lo compreensível”, define.

Com formação técnica na área ambiental há mais de 20 anos, Fabiano encontrou no folheto uma maneira natural de unir seus dois universos: a ciência e a poesia. “Falar e escrever sobre meio ambiente é inevitável para mim. Fazer versos também. Obviamente, minhas crenças, experiências de vida, minha visão da sociedade e da política são partes dos elementos que definem meus posicionamentos, levando-me a priorizar um assunto ou outro”, afirmou.

Para ele, o cordel cumpre sua função de transmitir conhecimento justamente pelo uso da lingua-



Fabiano Gumier é biólogo, cordelista e analista ambiental

gem cotidiana. “O cordel, seja exaltando ou instruindo sobre a natureza, precisa ser agradável, gostoso de ouvir. É preciso trazer conteúdo e também lirismo. Afinal é poesia — essa força que nos conecta ou reconecta com o mundo, com as coisas e pessoas usando a sensibilidade. A poesia popular, especialmente, não deve ser reduzida a uma ‘ferramenta didática’. Há que ser bonita e encantar!”.

Mais uma vez, a dimensão afetiva, de olhar para o cordel e reconhecer elementos do cotidiano e da própria fala, é apontada como ponto que favorece a compreensão e a aproximação do público. Conforme explicou Fabiano, esse é um dos motivos, inclusive, para essa modalidade literária estar ainda viva e forte. “Mesmo com o advento do rádio e da televisão, o folheto não desapareceu. Ainda agora, em tempos de computador, *smartphone*, livros digitais e redes sociais, o número de novos cordelistas não para de crescer. Eu, que não sou Nordestino, fico encantado quando encontro um declamador nas feiras ou um autor vendendo seus folhetos — adoraria ter vivido essa experiência na infância!”, co-

mentou.

Ao unir ciência, arte e identidade cultural, o cordel se consolida como um caminho eficaz para ampliar o diálogo sobre o meio ambiente. Entre rimas e versos, ele não apenas informa, mas cria vínculos, desperta curiosidade e reforça a ideia de que cuidar da natureza também passa por reconhecer e valorizar as próprias raízes culturais.

Educação ambiental

A educação ambiental constitui-se como um processo contínuo de repasse de conteúdos técnicos. Portanto, utilizar diferentes linguagens para alcançar seus objetivos é essencial. “A conscientização também se constrói por meio da cultura e da conexão com a realidade das pessoas. O cordel, ao traduzir temas complexos, como conservação da biodiversidade, sustentabilidade e justiça socioambiental, em narrativas acessíveis, fortalece o engajamento tanto na educação formal quanto na não formal, ampliando o alcance das discussões e tornando o conhecimento ambiental mais democrático e socialmente relevante”, finalizou Maria Christina.

Na corda da internet

Como era vendido nas feiras, pendurado em barbantes, para despertar a curiosidade do público, o cordel tem aí a origem do seu nome. Deriva de “corda”. Atualmente, apesar da contínua produção, não é comum encontrar os folhetos sendo comercializados dessa maneira. Para permanecer atraindo leitores, a tradição juntou-se à inovação tecnológica e, hoje, os novos cordelistas utilizam a internet para divulgar e vender os folhetos. Tanto Fabiano quanto Cíntia aproveitam essa ferramenta para aproximar novos admiradores da literatura de cordel, além de manter o público já existente.



Use o QR Code para acessar o site do biólogo



Use o QR Code para acessar o Instagram da professora



Cíntia Moreira percebeu o potencial do cordel como forma de valorizar a cultura e propagar conhecimento



Foto: Reprodução/Instagram @serrabranca.ec

Jogadores e membros da comissão técnica do Serra Branca, clube que vai fazer história na Copa do Brasil

COPA DO BRASIL

Serra Branca debuta no próximo dia 18

Equipe paraibana estreia contra o Porto-BA; Botafogo e Sousa são os outros representantes da Paraíba

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

A primeira fase da Copa do Brasil 2026 começa na próxima terça-feira (17), inicialmente com 28 clubes envolvidos. Para sua 38ª edição, a competição saltou de 92 para 126 times, o maior número de participantes da história, e de 122 para 155 partidas. A partir deste ano, a final acontecerá em partida única. Além disso, agora, tanto o campeão quanto o vice garantirão vaga na Libertadores do ano seguinte, na fase de grupos e na fase anterior à de grupos, respectivamente. Botafogo, Sousa e Serra Branca (debutante), o primeiro a estreiar, são os representantes da Paraíba na competição.

A Copa do Brasil será encerrada apenas no dia 6 de dezembro. Da primeira até a quarta fase, as partidas serão em jogos únicos. Os 20 times da Série A entram somente na quinta fase, quando, com exceção da final, todos os duelos passam a ser em ida e volta. A cidade-sede da grande decisão ainda será divulgada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

O Serra Branca fará sua primeira partida na história do torneio mata-mata. A equipe do Cariri conquistou a vaga após as mudanças no calendário nacional anunciadas pela CBF, em outubro de 2025, devido à boa campanha no Campeonato Paraibano do ano passado. O

Carcará joga na próxima quarta-feira (18), às 16h, contra o Porto-BA, em Porto Seguro (BA). Em caso de classificação, a equipe enfrentará o CRB, em Maceió, pela segunda fase. O time paraibano e os outros 27 clubes integrantes da primeira fase receberão R\$ 400 mil, referentes a cotas de participação.

Botafogo e Sousa, finalistas do Campeonato Paraibano 2025, estreiarão apenas na segunda fase. O Belo enfrentará o Mixto-MT (fora de casa), e o Dino duelará contra o Santa Cruz-PE, em Recife. Essas partidas deverão ocorrer nas semanas de 25 e 26 de fevereiro ou 4 e 5 de março.

Esses dois paraibanos, que disputam juntos o torneio pelo segundo ano seguido, receberão inicialmente R\$ 830 mil, conforme divulgado pela CBF.

Ascensão do Serra Branca

Fazendo o primeiro jogo de sua história na Copa do Brasil, o Carcará vive ascensão meteórica no estado da Paraíba. Herdeiro da história do Paraíba Sport Clube, o hoje Serra Branca é Sociedade Anônima de Futebol (SAF) desde 2022, ano em que fixou residência em Campina Grande. Mesmo atuando longe da cidade do Cariri que leva seu nome, seus dirigentes buscam manter laços com a região promovendo o traslado e incentivando torcedores a estar nos

jogos dentro do Amigão.

Em 2023, inaugurou, em Campina Grande, o Centro de Treinamento Erasmo Alves Ribeiro. Com 30 mil m², o espaço conta com academia, área de fisioterapia, campos com dimensões oficiais e um espaço moderno de alojamento para atletas e comissão técnica.

Naquele ano, o Serra disputou a Primeira Divisão do estado pela primeira vez, sendo o oitavo colocado. Nas edições seguintes, o desempenho, por conta dos investimentos, melhorou e a equipe fez grandes campanhas.

Em 2024 e 2025, foi semifinalista do certame local. A boa campanha do ano passado rendeu também a classificação para sua primeira participação na Série D do Campeonato Brasileiro, de 2026. Na atual temporada, o clube tem como objetivo principal chegar à final do Estadual e ter um desempenho digno nos torneios nacionais. O clube tem Enzo Ribeiro como seu presidente e Rafael Farias como *chief executive office* (CEO).

Botafogo

Na edição de 2025 da Copa do Brasil, o Belo arrecadou R\$ 4,1 milhões, parando na terceira fase após a eliminação para o Flamengo. Na sua trajetória, o Alvinegro da Maravilha do Contorno eliminou a Portuguesa-SP no tradicional Estádio Pacaembu e bateu, facilmente, o Concórdia-SC. Conforme o pesquisador Raimundo Nóbrega, entusiasta da história botafoguense, a equipe fez sua primeira aparição na Copa do Brasil em 1989, na primeira edição. Neste ano, o clube fará sua 20ª participação.

Em 2016, ocorreu a melhor participação alvinegra no torneio nacional. A equipe chegou às oitavas de final, quando foi eliminado pelo Palmeiras. Na primeira fase, eliminou o Linense-SP depois de dois empates por 1 a 1 e vitória nos pênaltis. Em seguida, passou pelo River-PI com duas vitórias por 1 a 0. Na terceira fase, eliminou o Ceará com um 3 a 0 em casa e um 0 a 0 no Estádio Presidente Vargas, em Fortaleza. Até que parou no Alverde paulista, ao perder por 3 a 0 no Allianz Parque, em São Paulo,

e ganhar no Almeidão por 1 a 0.

Sousa

Em 2025, o Dino não passou da primeira fase da competição, sendo eliminado pelo Bragantino depois de perder nos pênaltis por 5 a 4, por consequência do empate de 1 a 1 no tempo normal. Em 2026, o clube paraibano fará sua nona participação no torneio mais democrático do país, sendo sua quarta aparição consecutiva. A melhor participação do clube do Sertão no torneio mata-mata ocorreu em 2024, em que chegou à terceira fase. Ao todo, naquele ano, a equipe arrecadou R\$ 3,9 milhões após se classificar em duas fases.

O Sousa eliminou o Cruzeiro, maior campeão da Copa do Brasil, e o Petrolina. A vitória contra os mineiros (2 a 0), hexacampeões do certame, ainda na primeira fase, está na galeria de maiores jogos da história do futebol paraibano. A eliminação veio contra o Bragantino, após um empate e uma derrota. Na terceira fase, no jogo de volta, o Dino foi para Bragança Paulista (SP) com a ideia de se defender e contra-atacar; no entanto, pouco criou chances claras de gols. O Massa Bruta abriu o placar aos 25 minutos da primeira etapa, com Juninho Capixaba, de cabeça. Aos 14 minutos da etapa complementar, Gustavo Neves ampliou a vantagem e Henry Mosquera fez o terceiro aos 26 minutos, dando números finais à partida: 3 a 0. Na ida, no Marizão, os times haviam empatado por 1 a 1. No placar agregado, ficou 4 a 1 para os paulistas.

O melhor resultado

O Treze, segundo clube paraibano com o maior número de participações na Copa do Brasil, com 15 aparições, ficando atrás apenas do Botafogo, que disputou a competição 19 vezes, é o time do estado a chegar mais longe na história do torneio. Na edição de 2005, o Galo da Borborema chegou até as quartas de final. A equipe passou por Ulbra-RS, São Caetano-SP e Coritiba. O algoz do time de Campina Grande foi o Fluminense. Após um empate no placar agregado dos dois jogos, o Tricolor carioca venceu por 9 a 8, nos pênaltis.

Cotas de premiação

- 1ª fase (28 clubes) — R\$ 400 mil para o Grupo III
- 2ª fase (88 clubes) — R\$ 1,38 milhão para o Grupo II e R\$ 830 mil para o Grupo III
- 3ª fase (48 clubes) — R\$ 1,53 milhão para o Grupo II e R\$ 950 mil para o Grupo III
- 4ª fase (24 clubes) — R\$ 1,68 milhão para o Grupo II e R\$ 1,07 milhão para o Grupo III

- 5ª fase (32 clubes) — R\$ 2 milhões para os clubes participantes
- Oitavas de final (16 clubes) — R\$ 3 milhões para os clubes participantes
- Quartas de final (8 clubes) — R\$ 4 milhões para os clubes participantes
- Semifinal (4 clubes) — R\$ 9 milhões para os clubes participantes
- Final (2 clubes) — R\$ 34 milhões para o vice — campeão e R\$ 78 milhões para o campeão)

O Grupo I diz respeito a clubes da Série A do Campeonato Brasileiro 2026; o Grupo II, a clubes da Série B 2026; e o Grupo III, a clubes das séries C e D e aos oriundos de competições estaduais.



Foto: Divulgação/Botafogo-PB

Sousa e Botafogo ainda não têm data definida para a estreia na Copa do Brasil 2026

MUNDIAL FEMININO 2027

Lendas do futebol falam sobre a Copa

Formiga demonstra muito otimismo e até sonha com uma revanche contra a Alemanha, a sua final preferida

Faltando menos de 500 dias para o início da Copa do Mundo Feminina Brasil 2027, o *site* da Fifa perguntou às lendas do futebol o que elas esperam do torneio que vai reunir 32 seleções e será disputado de 24 de junho a 25 de julho em oito cidades-sedes espalhadas pelo Brasil. O megaevento no ano que vem será realizado em Belo Horizonte, Brasília, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

A Fifa planeja realizar uma série de eventos ao longo deste ano para promover a próxima Copa do Mundo Feminina, que acontecerá no Brasil pela primeira vez na história. O país foi sede da Copa do Mundo Masculina em 1950 e 2014.

Planos

Fifa ainda pretende organizar vários eventos nas cidades-sedes para a promoção da competição, que vai reunir 32 seleções em oito cidades brasileiras no próximo ano

Uma das maiores jogadoras da história do futebol brasileiro, Formiga se arriscou até mesmo a “sugerir” uma final, escolhendo uma revanche contra a Alemanha como sua decisão preferida para o Mundial. Cafu, por outro lado, preferiu a rivalidade entre Brasil e Argentina, enquanto Cristiane e Jill Ellis, diretora de futebol da Fifa, analisaram o contexto geral da competição. Confira o que eles disseram:



Jill Ellis acredita que o Mundial 2027 no Brasil será épico



Fotos: Divulgação/Fifa

Formiga lembra a decisão de 2007 quando o Brasil perdeu o título para a Alemanha, mas diz também ser interessante ter os Estados Unidos no caminho

■ *Para quem vai sua torcida e qual é o seu palpite para a final da Copa do Mundo de 2027?*

Brasil, é claro. Minha torcida fica com o Brasil. Eu vinha até pensando sobre essa pergunta. Acho que, quando se chega na final, você não escolhe adversário, tem que encarar quem vier. Mas é lógico que o desejo que a gente tem é de fazer meio que uma revanche, contra os Estados Unidos ou a própria Alemanha. Ou, não sei, uma Espanha pela frente... Mas queria resgatar um pouco do que foi 2007, quando perdemos o título para a Alemanha. Poderia ser. Mas, se for falar da final de dois anos atrás,

acho que seria o ideal. Ou Estados Unidos ou Espanha.

Formiga

■ *O quanto pronto você acha que está o Brasil?*

Acho que o Brasil está muito preparado. É uma Seleção que está muito pronta. Vem fazendo jogos importantes, trazendo vitórias, subindo no *ranking* da Fifa. Agora são mais os detalhes finos para nos prepararmos para a Copa do Mundo.

■ *Qual a importância de receber uma competição como essa no momento atual do futebol feminino do Brasil?*

A gente vive um momento muito importante com a Seleção Brasileira. Conseguimos voltar entre os primeiros no *ranking* da Fifa; é algo que a gente esteve um pouco distante por um tempo. Trazer isso de novo é importante para o mundo entender que não vai chegar aqui, abrir a nossa geladeira e pegar qualquer coisa, não [risos]. Está sendo importante essa mudança, e temos essa chance de poder brigar e ganhar um título no nosso país.

Cristiane

■ *O que podemos esperar da Copa do Mundo de 2027?*



Cafu imagina uma final entre Brasil e Argentina na Copa do Mundo Feminina de 2027

A Copa do Mundo Feminina de 2027 vai ser épica. Quer dizer, não tem outra palavra. É parte da nossa marca, até. Cada vez que temos uma nova edição da Copa do Mundo Feminina da Fifa, aumentamos o nível.

Essa será certamente a melhor. Será recebido por um país que é maluco por futebol. Eles amam isso. Está nas ruas, na vida aqui. Você está combinando um produto incrível, com talento, competitividade e habilidade com uma sede incrível. Então vai ser extraordinário. É um evento imperdível.

■ *Qual a sua expectativa?*

Já estamos contratando as pessoas, estamos presentes. É uma marca importante. Quanto mais perto estivermos, maior a temperatura e a energia que come-

“

Acho que o Brasil está muito preparado para essa Copa

Cristiane

ça a emanar. Mas ouça: eu acho que o Brasil está sinceramente animado por ter outra Copa do Mundo no país e que vai apoiar, promover e tudo vai ser espetacular.

Jill Ellis, diretora de futebol da Fifa

■ *Para quem vai sua torcida e qual é o seu palpite para a final da Copa?*

Brasil sempre campeão. Já imaginou uma final com Brasil e Argentina jogando aqui? No Brasil, no continente sul-americano, e o Brasil sendo campeão do mundo? Isso seria fantástico.

■ *Qual o significado de ganhar essa Copa do Mundo para o Brasil?*

Receber a Copa do Mundo Feminina em nosso país tem um significado importante. Primeiro, para fomentar o futebol feminino, fomentar as meninas e fazer com que elas sejam reconhecidas mundialmente. Segundo, o Brasil nunca foi campeão da Copa do Mundo Feminina. Ser campeão da Copa do Mundo Feminina da Fifa e fazer isso no nosso país, para nós vai ser de suma importância.

Cafu

SELEÇÃO BRASILEIRA

Casemiro é a peça-chave de Ancelotti

Volante, aos 23 anos e em grande fase pelo Manchester United, mostra que classe é algo que não se perde

Há um ano, tudo indicava que os dias de Casemiro nos maiores palcos do futebol estavam contados. Ele ficou no banco em cinco jogos consecutivos do Manchester United na Premier League e também esteve fora dos planos do Brasil, sem ser convocado desde 2023. Diante de uma trajetória marcada por excelência consistente e de um currículo repleto de conquistas, o legado de Casemiro já parecia assegurado. Mas a história desse grande jogador ainda estava longe de terminar.

O brasileiro conta com sua perseverança e seu espírito competitivo para voltar a se afirmar como peça central no clube e na Seleção. Casemiro vive grande fase no United nesta temporada e tudo indica que será um dos pilares do Brasil de Carlo Ancelotti na Copa do Mundo da Fifa.

Domingo, 1º de fevereiro de 2026. O Old Trafford pulsa após a dramática vitória do Manchester United por 3 a 2 sobre o Fulham, decidida com um gol de Benjamin Sesko nos acréscimos.

No entanto, é o nome de Casemiro que ecoa nas arquibancadas do lendário estádio do United, entoado em uníssono por milhares de torcedores após mais uma grande atuação do brasileiro.

Diante desse cenário de festa, os companheiros de equipe abraçam calorosa e livremente o meio-campista, com Sesko resumindo mais tarde o carinho que o elenco tem por ele. “Ele é um jogador inacreditável, uma lenda”, afirmou o atacante esloveno. “É muito bom jogar ao lado dele e também ouvir seus conselhos. A intensidade com que ele trabalha é inacreditável, e ele dá um impulso a todas as equipes pelas quais passa”.

Antes do gol decisivo de Sesko no apagar das luzes, Casemiro havia marcado o primeiro gol do United, de cabeça, e servido o compatriota Matheus Cunha com um passe ousado, sem olhar, na jogada do segundo. Ele foi eleito o melhor jogador da partida, seu



Foto: Rafael Ribeiro/CBF

Casemiro não tem boas lembranças das Copas que disputou, devido às eliminações do Brasil

segundo prêmio em três jogos, depois de também ser reconhecido pela atuação dominante na vitória do United no clássico de Manchester, duas semanas antes.

A boa fase de Casemiro, no entanto, não é algo recente. Aos 33 anos, ele figura entre os principais destaques do United ao longo de toda a temporada.

Na campanha da Premier League 2025-2026, é o jogador do elenco com mais desarmes (52) e mais bloqueios (12), além de ocupar a segunda posição em duelos vencidos (107) e intercepções (16). Casemiro também tem contribuído no ataque. O gol marcado contra o Fulham foi o seu quinto na elite do futebol inglês nesta temporada.

Sua presença no terço final foi uma marca de sua passagem

pela Inglaterra. Ao todo, ele já balançou as redes 22 vezes pelo United, com média de um gol a cada 6,7 partidas, um aumento significativo em relação à média de um gol a cada 10,8 jogos registrados durante sua passagem pelo Real Madrid.

Ainda assim, reduzir a contribuição do jogador, nascido em São José dos Campos (SP), a números seria injusto. A experiência, o conhecimento tático e a liderança de Casemiro destacaram-se em um período turbulento para o clube, que se despediu do técnico Ruben Amorim no início do ano.

Amorim tratou o meio-campista de forma pontual em seus primeiros meses no clube, mas mais tarde exaltou o profissionalismo de Casemiro e o destacou como um “gran-

de exemplo” após o jogador recuperar seu espaço na equipe.

Michael Carrick, que assumiu o comando do United no lugar do português, também descreveu Casemiro como um atleta por quem tem “enorme respeito”.

E, embora Casemiro já tenha confirmado que deixará o United no fim da temporada, com o término de seu contrato, Carrick não tem dúvidas quanto ao comprometimento do brasileiro.

“O ‘caso’ tem sido uma presença muito forte desde que cheguei”, acrescentou. “Dá para ver o quanto ele é motivado e determinado. Você só conquistou tudo o que ele conquistou tendo isso, e ele está totalmente focado em terminar a tempora-

da em alto nível”.

De volta ao Brasil

A ausência de Casemiro na Copa América de 2024 marcou o momento mais difícil de sua passagem pela Seleção. Embora o técnico Dorival Júnior insistisse que se tratava de um jogador que ainda merecia “consideração, carinho e respeito”, sua convocação não foi significativa e não sinalizava boas perspectivas para uma eventual participação na Copa do Mundo da Fifa 2026.

De fato, Casemiro não voltou a atuar pelo Brasil durante a passagem de Dorival Júnior, mas a demissão do técnico, em março de 2025, e a chegada de Carlo Ancelotti, representaram um ponto de virada.

Casemiro e Ancelotti tiveram grande sucesso juntos no Real Madrid, com duas das cinco conquistas do meio-campista na Liga dos Campeões da Uefa ocorrendo sob o comando do lendário treinador italiano.

Ancelotti convocou Casemiro em sua primeira lista à frente da Seleção e o escalou como titular em sete das oito partidas disputadas desde que assumiu o cargo, aos 66 anos. A única ausência de Casemiro, em um jogo contra a Bolívia pelas Eliminatórias, ocorreu por lesão.

“Ele é o jogador mais importante para dar equilíbrio ao tempo quando temos a bola”, afirmou Ancelotti. “Ele é muito inteligente do ponto de vista tático e exerce uma liderança extremamente importante dentro do grupo”.

A importância de Casemiro na época de Ancelotti ficou ainda mais evidente quando ele foi escolhido capitão nos amistosos contra a Coreia do Sul e o Japão, em outubro. Embora Ancelotti ainda não tenha confirmado quem será o capitão fixo da equipe, com Marquinhos usando a braçadeira nos dois jogos mais recentes do Brasil, o treinador explicou como Casemiro liderou pelo exemplo.

“Ele conhece a exigência do mais alto nível, sabe lidar com os momentos difíceis e motivar os companheiros”, acres-

centou Ancelotti. “Casemiro é um jogador exemplar, respeitado por todos”.

A admiração é mútua. Casemiro deu uma dimensão dessa relação ao relembrar os momentos vívidos quando deixou o Real Madrid pelo United.

“Só tive dúvidas sobre a ida para Manchester uma única vez”, revelou em entrevista o El Chiringuito de Jugones em 2024. “Lembro que era uma sexta-feira à tarde e a transferência estava praticamente fechada, faltava apenas a minha assinatura. Ele me respondeu: ‘Caso, não sei por que estou chorando, mas gosto muito de você e não quero que você vá embora’. Foi nesse momento [que eu tive dúvidas]... Percebi quantas pessoas me amavam ali”.

Quem sabe dessa vez?

A Copa do Mundo será a terceira de Casemiro. Embora tenha estreado pela Seleção em 2011, aos 19 anos, ele não se firmou imediatamente como titular e ficou fora do elenco que disputou o torneio em casa, em 2014.

Na Rússia 2018, Casemiro já havia se consolidado como um dos melhores meio-campistas do mundo e foi peça importante da equipe brasileira. Ele começou como titular nas quatro primeiras partidas da Seleção no torneio, mas foi suspenso para o confronto das quartas de final contra a Bélgica após receber cartões contra Suíça e México.

A ausência de Casemiro foi sentida de forma evidente na derrota por 2 a 1 para a equipe comandada por Roberto Martínez.

Casemiro voltou a ser um nome central quando chegou para o Catar 2022. Ele marcou seu primeiro gol em uma Copa ao balançar as redes com um belo chute nos minutos finais da partida da fase de grupos contra a Suíça.

O Brasil voltou a alcançar as quartas de final, mas acabou eliminado de forma dramática pela Croácia. O jogo foi decidido nos pênaltis e, embora Casemiro tenha convertido sua cobrança, a seleção europeia levou a melhor.

FEMININO

Arthur Elias destaca a importância dos jogos amistosos

O treinador Arthur Elias exaltou a importância dos amistosos que a Seleção Brasileira feminina fará contra Costa Rica, México e Venezuela neste início do ano. Em entrevista coletiva após o anúncio das convocadas para as partidas, na última quinta-feira (11), ele explicou que os rivais acertados foram os melhores possíveis para este momento da temporada e analisou cada adversário.

“Temos uma dificuldade porque as seleções europeias e asiáticas jogam competições oficiais neste período do ano. Fomos atrás dos melhores adversários que a gente poderia. A Costa Rica é uma equipe em que vimos uma evolução, teve uma troca de treinadora para uma brasileira... A Venezuela foi um confronto muito duro na Copa América e, no terceiro jogo, o México é uma equipe que vem em franca evolução e

com um trabalho já mais consolidado”, destacou o técnico.

“É uma convocação que é importante não só pelas diferentes formas de jogo dos adversários, mas também para que a gente consiga aproveitar o momento de cada jogadora da temporada e dar oportunidade a algumas novas jogadoras e a jogadoras que vão retornar na Seleção”, completou.

Retorno de Luana

Entre as 26 jogadoras selecionadas, está a meio-campista Luana Bertolucci, do Orlando Pride. Campeã da Copa América de 2022 e uma das convocadas para a Copa do Mundo de 2023, ela anunciou, em abril de 2024, que havia sido diagnosticada com um linfoma de Hodgkin, tipo de câncer que ataca o sistema linfático.

Após um ano e meio de tratamento, voltou aos gramados em setembro de 2025. Arthur



Foto: Rafael Ribeiro/CBF

AGENDA DA AMARELINHA

■ Brasil x Costa Rica — 27/2 — Estadio Alejandro Morera Soto, em Alajuela — 22h

■ Brasil x Venezuela — 04/3 — Centro de Treinamento da Federação Mexicana de Futebol, em Toluca — 18h

■ Brasil x México — 7/03 — Estádio Ciudad de los Deportes, na Cidade do México — 20h

O técnico Arthur Elias durante o anúncio das convocadas para os três amistosos

Jogadores do Botafogo concentram-se, antes de a bola rolar, para o jogo contra o Fluminense, pelo Brasileiro

Foto: Vitor Silva/Botafogo



BOTAFOGO X FLAMENGO

Decisão vale uma vaga na semifinal

Clubes, que vivem momentos de instabilidade na temporada, jogam a partir das 17h30, no Estádio Nilton Santos

Da Redação

Uma das grandes decepções da primeira fase do Campeonato Carioca, válido pela Taça Guanabara, o Flamengo, que conseguiu a classificação às quartas de final devido a uma série de combinações de resultados na penúltima e na última rodada, enfrenta, hoje, a partir das 17h30, o Botafogo, no Estádio Nilton Santos, valendo vaga nas semifinais. O adversário, apesar da melhor campanha, vive também momento de instabilidade e vem de derrotas consecutivas — no domingo passado (8), para o Vasco, por 2 a 0 e na última quinta-feira, agora pelo Brasileiro, de 1 a 0, para o Fluminense.

A equipe comandada pelo argentino Martin Anselmi ficou na liderança do Grupo B, com nove pontos em sua conta: três vitórias e três derrotas. O Flamengo, por sua vez, ficou na quarta posição do Grupo B, tendo somado sete pontos com duas vitórias, um empate e três derrotas. Vale lembrar que o time disputou as primeiras três rodadas do Carioca com a equipe Sub-20. No Brasileiro, conseguiu o primeiro triunfo em Salvador, com uma pífia atuação, no Barradão, ao fazer 2 a 1 no Vitória, na última quarta-feira (11).

O vencedor de Botafogo contra Flamengo encara Madureira ou Boavista na semifinal do Campeonato Carioca, que será disputada em jogos de ida e volta. Já o eliminado garante vaga na semifinal da Taça Rio. Na próxima semana, as equipes têm compromissos ainda mais importantes. O Alvinegro enfrenta o Nacional Potosí, na Bo-



Foto: Rubens Chiri/São Paulo FC

O São Paulo, de Lucas Moura, ainda não está classificado, mas tem boas chances de confirmar a vaga contra a Ponte

livia, pela segunda fase da Libertadores. Já o campeão da Libertadores começa a disputa da Recopa contra o Lanús. O primeiro confronto acontece no próximo dia 19, na Argentina. Botafogo x Flamengo será transmitido ao vivo pelo Premiere.

Campeão da Taça Guanabara com a melhor campanha, tendo somado 15 pontos com cinco vitórias e uma derrota, o Fluminense só estreia nas quartas de final do Campeonato Carioca

amanhã, às 18h, no Maracanã, contra o Bangu, o quarto colocado do Grupo A com 10 pontos, fruto de três vitórias, um empate e uma derrota. SporTV e Premiere vão transmitir ao vivo a partida entre Fluminense e Bangu.

Campeonato Paulista

Novorizontino, Palmeiras, Bragantino e Portuguesa já estão classificados para as quartas de final e as outras quatro vagas serão

definidas na rodada deste domingo, com os jogos sendo realizados a partir das 20h30. Atualmente, Corinthians (5º), Guarani (6º), Botafogo-SP (7º) e São Paulo (8º) completam o G8, mas precisam vencer para não ter surpresas.

Na luta contra o rebaixamento, a Ponte Preta, lanterna com um ponto, é o primeiro time com queda decretada para a Série A2 de 2027. Resta uma vaga, por enquanto, é do

Velo Clube, mas a última rodada ainda tem três times buscando fugir do Z2. Neste ano, o campeonato tem novo formato de disputa. São oito rodadas na primeira fase. Os times foram separados em potes e, além de enfrentar as equipes do próprio pote, encaram outras cinco, definidas por sorteio. Os oito melhores avançam para as quartas de final e os dois últimos caem para a Série A2.

Jogos de hoje

- CARIOCA**
17h30
Botafogo x Flamengo
- CATARINENSE**
17h
Camboriú x Barra
- CEARENSE**
16h
Floresta x Ceará
- GAÚCHO**
17h30
Grêmio x Juventude
20h30
Ypiranga-RS x Internacional
- PARAENSE**
15h30
Águia de Marabá x Cametá
Bragantino-PA x Tuna Luso
Remo x Amazônia
Capitão Poço x Castanhal
Santa Rosa x Paysandu
S. Raimundo x S. Francisco
- PARANAENSE**
18h30
Londrina x Athletico
- PAULISTA**
20h30
Botafogo x Capivariano
Primavera x Noroeste
Mirassol x Portuguesa
Palmeiras x Guarani
Ponte Preta x São Paulo
Bragantino x Novorizontino
Santos x Velo Clube
São Bernardo x Corinthians

REMINISCÊNCIAS

Funeral de José Américo foi o maior da Paraíba

No começo da década de 1980, como foi a repercussão e cobertura da morte do ilustre político, humanista e escritor, também conhecido como “O Homem de Areia”

Fátima Farias
Especial para A União

Se o funeral do ilustre político, humanista e escritor paraibano José Américo de Almeida não foi o maior, certamente foi um dos maiores da Paraíba. Quem atesta o fato marcante é uma cobertura completa e extensa da edição do jornal **A União**, do dia 11 de março de 1980, data seguinte de sua morte, aos 93 anos de idade, ainda com toda lucidez, de tempo e espaço. O óbito aconteceu às 6h25.

Segundo sua fiel secretária, Lourdinha Luna, antes das 5h, ele dissera: “Eu sei que vou morrer” e perguntou a que horas seu filho, o general Reynaldo Almeida, chegaria. Certa vez, ele revelou a Lourdinha o desejo de ser sepultado na Paraíba e não no mausoléu dos imortais da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Fotografias da época repercutem a Praça João Pessoa, conhecida como a Praça dos Três Poderes, na capital paraibana, superlotada, além do trajeto fúnebre do Palácio da Redenção até o Cemitério Senhor da Boa Sentença. Homens da Polícia Militar e do Exército estavam a postos ao longo de todo o trajeto para controlar o percurso do caixão.

Conforme uma cobertura expressiva de **A União**, distribuída em várias páginas, centenas de pessoas formadas por um diversificado público fora se despedir do “político e homem das letras”. Tanto autoridades, vindas de diversos estados, como cidadãos comuns que o admiravam. O Governo do Estado recebeu mensagens de pêsames, de todos os recantos do país.

A comoção foi grande. Houve choros, lamentações, desmaios e muitas flores. Foi sepultado com honras de ministro de Estado. A manchete de capa registrou: “Brasil lamenta a morte de José Américo”. O então presidente, general João Figueiredo, decretou luto oficial no país e enviou mensagem, para o filho, Reynaldo Almeida, destacando que José Américo ficaria na memória do povo brasileiro, “pelo exemplo de civismo que deu à nação”.

Já o vice-presidente Aureliano Chaves destacou a perda para o país, pelos relevantes serviços prestados, ao longo dos importantes cargos exercidos. No Senado Federal, alguns senadores choraram. Primeiro a falar, o senador Humberto Lucena disse que “José Américo, com suas inequívocas demonstrações de civismo e de amor à democracia, tornou-se uma lenda, um paradigma que influenciou muitas gerações de políticos”. Também na Câmara dos Deputados, líderes de governos e oposição prestaram homenagem ao ministro, por meio de mensagens, solidarizando-se com a dor da Paraíba. Uma matéria da já citada edição de **A União**, na página 7, destaca: “Senadores choram em plenário lembrando o velho companheiro”.

Adversário político, o então senador Argemiro de Figueiredo expressou: “A Paraíba acaba de perder

o maior de seus filhos”, acrescentando: “Sou dos que pensam que a velhice e a morte extinguem todas as querelas. Falo de alma limpa sem quaisquer ressentimentos e associo-me ao sentimento geral da Paraíba, de dor e profundo pesar”.

Representando o então presidente da Academia Paraibana de Letras (APL), Austregésilo de Athayde, nos funerais, o escritor Mauro Mota resumiu: “Ele matou a morte”. E justificou: “Por mais triste que seja o sentimento da sua ausência, o homem continuará cada vez mais permanente, através de suas obras literárias. Foi grande na vida política e na vida administrativa. Era um líder dos mais autênticos e representativos. Consegui, através de sua vida, matar a morte”.

O escritor Gilberto Freyre, ao enaltecer a dimensão do “Homem de Areia” assim se expressou: “José Américo representou no Brasil uma vigorosa presença renovadora, tanto nas letras como na ação política. Esse homem de Letras, um dos maiores que tem tido o Brasil, foi também um incisivo homem de ação. Passou pela política brasileira de modo, ao mesmo tempo, vulcânico e construtivo. É pena para o Brasil não ter ele chegado, como esteve para chegar à presidência da República. Teria sido, neste posto, renovador. Acima de burocratismos e politicismos”.

O superintendente da Sudene, também representando o ministro do Interior, Mário Andreazza, ao lamentar o falecimento, destacou: “O ministro José Américo foi um dos homens que mais con-



Páginas e manchetes da edição do jornal A União, de 11 de março de 1980, data seguinte à morte de Zé Américo

José Américo de Almeida tornou-se símbolo e ídolo

Brasil fica sem grande estadista



Morte de José Américo encerra sessão na AL que só reabre quinta

Governo do Estado recebe mensagens de todo o Brasil

Morte causa pesar no Congresso



Câmara decreta luto oficial por 3 dias

Academia fará sessão da saudade

tribuíram para o equacionamento dos problemas do Nordeste, não só com estudos sociológicos como também científicos, que estão registrados em seus livros”.

Já o arcebispo Dom José Maria Pires, que comandou a celebração da missa, no Palácio da Redenção, disse que “o ministro estava acima de partidos e que, mesmo sem estar mais entre os vivos, a sua obra e o seu exemplo devem continuar animando as gerações futuras”.

O ex-governador João Agripino Filho afirmou que José Américo foi “um símbolo e ídolo de gerações”.

Quem atesta é o escritor paraibano Edilberto Coutinho: “Não apenas considero José Américo de Almeida o pai do romance moderno, mas uma das figuras mais importantes da literatura de ficção do século 20. Estive nos Estados Unidos da América fazendo conferências sobre a literatura brasileira, recentemente, e em todas as 15 universidades em que estive, os livros de José Américo são adotados. É um nome que a Paraíba ofereceu não só ao Brasil, mas à literatura universal. Para mim, José Américo pensa que morreu, porque sua obra continuará, e continuará mais viva” (**A União**, 11/3/1980, página 5, manchete: “José Américo pensa que morreu”).

De residência a fundação

Com o falecimento de José Américo de Almeida, surgiu a semente da fundação. A ideia da residência ser museu aconteceu já no funeral, além da inspiração para immortalizar o seu nome e sua história. Uma história digna de reflexos exemplares para dar continuidade à divulgação da cultura paraibana. Morria ali o corpo físico de um ser, para emergir a imortalidade do brasileiro-paraibano para história nacional, em várias vertentes: humanista, cultural e política.

Segundo a edição de **A União**, do dia 12 de março de 1980, essa iniciativa foi anunciada pelo então governador da Paraíba, Tarcísio Burity: “A residência do ex-ministro José Américo de Almeida, que serviu de refúgio, durante vários anos, na Praia de Tambaú, será transformada em museu”, anunciou Burity, acrescentando que os trabalhos de instalação do equipamento começariam ainda naquele ano, com a execução de obras e serviços, para adaptação do imóvel.

“Haverá um local destinado à leitura, onde os frequentadores terão acesso à documentação histórica, arquivada há várias décadas pelo ministro. Trata-se de uma homenagem das mais justas, a um homem que sempre procurou servir ao seu povo com dedicação e projetou a Paraíba da melhor forma no cenário político e cultural da nação”, afirmou Burity.

O acervo de fotos da Fundação Casa de José Américo (FCJA) documenta que, dois dias depois do falecimento (12/3/1980), o governador Tarcísio Burity já começou a acertar a compra da casa com o general Reynaldo Almeida, filho de José Américo.

Na sequência, legendas de fotos de uma solenidade no Palácio da Redenção indicam que, em 18 de dezembro de 1980, Burity e Reynaldo Almeida inauguram a Fundação Casa de José Américo. E, coincidindo com o primeiro aniversário de morte, no dia 10 de março de 1981, o governador assina o ato constitutivo da FCJA, na então residência, localizada na Av. Cabo Branco, nº 3.336, na orla do Cabo Branco (detalhe: na época, o bairro era conhecido como Tambaú, e Cabo Branco era a referência apenas da falésia).

A edição de **A União**, do dia seguinte, 11 de março de 1981, destaca: “Governo cria a Casa de José Américo de Almeida”. Segundo o ato, eis as diretrizes: “A Fundação Casa de José Américo de Almeida, que funcionará na antiga residência do ministro, em Tambaú, tendo como objetivo principal preservar o nome e todo acervo cultural deixado pelo ‘Homem de Areia’. A fundação será presidida pelo professor Milton Piva e, em breve, o fabuloso arquivo, contando os principais fatos históricos dos últimos 50 anos estaria à disposição de estudantes e intelectuais para pesquisas”.

Na sequência dos preparativos, chega-se à apoteose: inauguração da FCJA, com a presença do então vice-presidente da República, Aureliano Chaves. O fato aconteceu no dia 10 de janeiro de 1982, numa solenidade bastante prestigiada por um público diversificado, com supremacia de políticos e intelectuais.

Versátil

Polivalente na literatura e na política, José Américo de Almeida foi também uma das mais expressivas figuras paraibanas e nacionais. Enveredou por diversos cargos, inclusive “quase” presidente e vice-presidente da República, porém destacou-se ao ocupar importantes cargos: deputado, senador, governador (dois mandatos), ministro, além de fundador e reitor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Ficou conhecido como o “ministro das Águas”, ao ser ministro de Viação e Obras Públicas e por transformar a cruel realidade de seca no Nordeste. Daí, pavimentou os caminhos para reverter a situação, investindo na construção de açudes e outros recursos hídricos.

Renomado literata, o currículo indica que José Américo é imortal da ABL e APL. Escreveu 18 livros, de várias tendências literárias: romance (*A Bagaceira* é a sua obra-prima), contos, poesias, crônicas, entre outras formas de expressão.

Se José Américo consagrou seu nome nacionalmente, também ultrapassou fronteiras. Até hoje, suas ações e obras inspiram muitos projetos de pesquisas. E, assim, segue sua “imortalidade” pelo mundo afora.

Brasil lamenta a morte de José Américo

José Alberto Kaplan

Um verdadeiro *hermano* da música na Paraíba

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Um argentino que se “paraibanzou”. Como toda tentativa de síntese, a busca por resumir a trajetória do compositor e maestro José Alberto Kaplan nessa sentença certamente carrega simplificação. As palavras do jornalista Luiz Augusto Crispim na apresentação do livro de memórias do músico seguramente ampliam o sentido dessa relação de um homem com esta terra: “A Paraíba locou a alma de Kaplan tantas vezes e tão sinfonicamente o envolveu, que ele, por certo, já não sabe mais contar. Resto-lhe devolver em acordes o toque suave da brisa marinha, o harpejar dos coqueiros e o marulhar das ondas solistas de Tambáú”.

A chegada às terras paraibanas partiu do convite da amiga pianista e educadora musical Berenice Menegale, que, depois de uma turnê pelo Norte e pelo Nordeste, escreveu a Kaplan noticiando sobre uma vaga para professor de piano na Associação Campinense Pró-Arte. A garantia de um salário fixo em comparação às incertezas econômicas das aulas particulares e dos alunos que, abruptamente, abandonavam os estudos sem maiores justificativas seduziu o pianista, que desembarcou com a família em Campina Grande em julho de 1961.

“Depois disso, ele foi convidado, em 1964, para assumir um posto no recém-criado Setor de Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Foi quando ele trocou Campina Grande por João Pessoa. Não existia ainda um departamento de Música. Eram cursos livres na área de artes, de maneira geral, dentre eles o de piano, que eram oferecidos pela universidade”, explica o pianista e professor José Henrique Martins, do Departamento de Música da UFPB.

Na bagagem, o argentino nascido em 16 de julho de 1935, em Rosário, Província de Santa Fé, trazia uma formação intensa de teoria e harmonia musical, com passagens pela Europa, onde participou de competições internacionais e realizou parte dos estudos, e também fez amizade com músicos brasileiros. De família judaica, o argentino contou que teve na mãe, Lidia Novick de Kaplan, sua principal incentivadora. Segundo narra em seu livro de memórias, vendo a mãe que o filho de apenas três anos costumava “tocar piano” na mesa ou cadeira enquanto ouvia o rádio, achou interessante que o filho mais velho aprendesse piano para animar as festas familiares.

Como diretor do Setor de Artes da UFPB, cargo que assumiu em 1972, José Alberto Kaplan foi um dos principais incentivadores do Festival de Verão de Areia (posteriormente chamado “Festival de Artes de Areia”), atendendo a um

projeto de interiorização das atividades universitárias. A primeira tentativa, inspirada no Festival de Inverno, em Ouro Preto, do qual o pianista participava desde 1968, foi preparada com esmero, mas suspensa por ordens do Serviço Nacional de Informação (SNI), órgão de espionagem e inteligência da Ditadura Militar brasileira (1964-1985). O sonho do pianista só se concretizou quatro anos depois, alcançando grande sucesso. Kaplan esteve ainda na organização da segunda edição do evento.

No ensino de piano, Martins destaca a contribuição de Kaplan como o desenvolvimento de uma metodologia inovadora, que inclusive o atraiu para João Pessoa, na década de 1980. “A técnica pianística requer movimentos dos dedos e dos braços. Quando esses movimentos são feitos de maneira inadequada, toda a execução pianística fica sem fluidez e pode, inclusive, ocasionar lesões, que foi o meu caso.

Eu tive uma lesão em 1975 e não queria que essa tendinite ficasse crônica, justamente por isso eu decidi vir para a Paraíba. Kaplan fazia um diagnóstico dos movimentos que estavam sendo realizados de maneira equivocada ou os excessos de tensão muscular e desenvolveu também uma metodologia para desfazer isso e tornar essa movimentação de dedos e braços ao piano mais natural, mais condizente com a anatomia”, explica o professor, ressaltando que outros estudantes também migraram para a capital paraibana a fim de fazer essa reestruturação técnica pianística.

A atuação de Kaplan na música não se reduzia ao ensino. Destacou-se também na regência e na composição, atividade que afirmou levar a sério a partir dos 43 anos de idade, quando decidiu enviar uma de suas criações para o 1º Concurso Brasileiro de Composição de Música Erudita para Piano ou Violão, no qual conseguiu o primeiro lugar. Apesar do sucesso, o músico afirmou se sentir “profundamente infeliz” e até “supérfluo e sem sentido” com tudo que fazia, quando olhava a realidade e via miséria, mortalidade infantil, doença, analfabetismo. Foi então que conheceu dom José Maria Pires, primeiro com seu pensamento expresso no livro *Do centro para a margem*, depois pessoalmente, a partir de concertos sacros, até que foi convidado pelo bispo para visitar a Fazenda Alagamar, situada entre os municípios de Itabaiana e Salgado de São Félix, no Agreste paraibano, envolvida em disputas de camponeses e latifundiários.

Na volta da visita, pensativo, anunciou a dom Pelé que escreveria uma obra sobre a luta épica contra a injustiça vivenciada no local, ao que o religioso agradeceu, dizendo que estava esperando por aquilo. Para compor a “Cantata para Alagamar”,



Foto: Reprodução/Facebook

Atuação de Kaplan na música destacou-se na regência, na composição e no ensino



Ilustração: Bruno Chiozzi

Argentina foi um dos principais incentivadores do Festival de Artes de Areia; uma das suas mais conhecidas composições é a “Cantata para Alagamar”, parceria com o escritor e dramaturgo W. J. Solha

Quando decidiu cursar Bacharelado em Música na UFPB, o arquiteto Germano Romero conseguiu — por meio do pai, Carlos Romero — que Kaplan o preparasse para o exame oficial. Foram 11 meses de aulas intensas, duas ou três horas por semana, na sua casa, quando era estimulado a valorizar tanto a técnica pianística correta quanto o talento e a vocação. “Foram anos de aprendizado não só pianístico, mas muito humano. Sua conduta como pessoa, simples, correta, justa, e a sagacidade de suas observações e ensinamentos ofereciam aos alunos muito mais do que um aprendizado acadêmico. Sua

dedicação ao magistério, que exercia com imenso prazer e emoção, era uma grande lição para os que tiveram o privilégio de sua convivência”, destaca.

José Alberto Kaplan faleceu em 29 de junho de 2009. Teve dois filhos de sua primeira união, que vieram com ele para a Paraíba, mas logo voltaram com a mãe para a Argentina. Divorciado, casou-se novamente, com a produtora cultural e professora Márcia Steinbach Silva Kaplan. Professores do Departamento de Música vêm pleiteando que o novo prédio dos cursos receba o nome de José Alberto Kaplan como forma de homenagem-lhe.

Angélica Lúcio

Conexão, protagonismo e informação de relevância são essenciais para engajar o público interno

A comunicação interna é algo que sempre me interessa. Vez ou outra busco saber mais sobre o tema. Há poucos dias, assisti ao webinar “Cortando o Ruído: o Hub Central do Sírio-Libanês para 11.000 Colaboradores”. A transmissão online contou com a presença da jornalista Liliane Simeão, gerente de Comunicação e Engajamento do ecossistema de saúde, e mediação de Mariana Assis, gerente regional de Experiência do Cliente e Crescimento, da plataforma Work Vivo.

No Sírio-Libanês desde 2017, Liliane assumiu a empresa com a missão de reestruturar a comunicação interna. Entre os aprendizados compartilhados no seminário, ela destacou algumas iniciativas que tomou ao assumir tal desafio: a primeira delas foi buscar conhecer bem o público, entender as particularidades de cada função e a realidade de cada trabalho em todos os níveis.

“Na época, a instituição já contava com uma comunicação multicanal, porém ainda muito analógica, baseada em murais e revistas impressas. Havia uma intranet, mas era estática e oferecia pouca interação com o público interno. Era como se a gente passasse o crachá na catraca e viajasse no tempo. Se da porta para fora eu me atualizo, busco as redes sociais, os canais de *streaming*, porque, quando eu entro na empresa, eu preciso olhar papel na parede?”, Liliane se questionava.

Com a equipe, refletiram e perceberam que o telefone celular era um espaço nobre e era para lá que a comunicação precisava migrar.



Imagem: Reprodução/Work Vivo

Claro que isso não ocorreu em um estalar de dedos, numa transição do dia para a noite. A grande mudança veio com a pandemia da Covid-19, quando a interação digital se tornou imperativa e o time de comunicação conseguiu levar praticamente todo o mundo para a plataforma.

Um ponto essencial no relato de Liliane é que, ao aderir a esse tipo de plataforma, valoriza-se a voz do outro. Em todas as instituições — não se engane —, os colaboradores querem e precisam ser ouvidos. E isso foi bem trabalhado no Sírio-Libanês. Com um detalhe, ressaltado por ela: “Uma vez que você dá espaço para ouvir, você precisa estar atento para responder. Também é preciso entender que nem tudo que vem é positivo, mas tudo o que vem é, em suma, para aprimorar a gestão e a própria comunicação”.

Nessa trajetória de interação com os colaboradores e aprendizagem cotidiana, ainda é preciso destacar que “não existe receita de bolo”, como revelou Liliane. “A gente sempre tem a sensação de que não está pronto; é sempre um trabalho contínuo, mas a própria ferramenta ajuda muito a compreender este cenário”.

No Sírio-Libanês, a comunicação atingiu 90% de adesão à plataforma Work Vivo em apenas seis meses. A ferramenta foi batizada de “Tudo Aqui”, pois a ideia era que os funcionários encontrassem nela tudo o que precisavam para desempenhar suas atividades. “É um grande *hub*, a parte *hard*. A outra parte é o colaborador se enxergar na ferramenta, entender que a linguagem faz sentido para ele, que o conteúdo é relevante para o desempenho da sua função

e, principalmente, que ele precisa ser parte ativa da produção de conteúdo”.

Para isso, também foi criado um grupo de agentes de comunicação. Dada a complexidade do negócio, as áreas foram mapeadas para identificar representantes que pudessem colaborar de forma mais ativa. A função é voluntária, e os participantes realizam reuniões periódicas com a equipe de comunicação para trocar informações, tornando-se disseminadores de dados estratégicos em suas áreas de atuação.

Após assistir ao webinar promovido pela Work Vivo, tenho ainda mais certeza de que a informação deve estar a serviço de quem a recebe. Como bem lembrou Liliane: para que funcione e gere o engajamento pretendido, a informação precisa ser relevante para o colaborador, e não refém da ansiedade alheia ou, como sempre vejo por aí, do ego de alguém.

Tocando em Frente

“Ó abre alas!” — para Chiquinha Gonzaga (conclusão)

Desde o reconhecido sucesso de “Átraente”, a que nos referimos antes, bem como a partir de assumir a identidade de professora particular de piano, o nome de Chiquinha Gonzaga começou a tomar conta do meio artístico, passando ela, então, a ser a primeira mulher a participar ativamente de um “grupo de choro”, até então restrito a homens.

A relação dela com a não muito bem vista música popular da época e com os espaços sociais que ela ia conquistando fez o seu nome voltar a dominar ambientes polêmicos. 1895 foi o ano em que ela compôs a canção “Gaúcho” e transcreveu como maxixe, em “Corta Jaca”, que integrava a partitura da opereta “Zizinha Maxixe” (Gravação do Grupo Chiquinha Gonzaga, em 1908).

Tempos depois, em 1914, a composição voltou ao centro de controvérsias políticas, quando a lendária primeira-dama do Brasil, Nair de Teffé, esposa do então presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca, levou-a, como convidada, ao Palácio do Catete, onde, em meio a um sarau, Chiquinha executou ao violão a referida canção: “Neste mundo de miséria que impera / é quem é mais folgazão / É que sabe corta jacá no requebro / de suprema perfeição...”.

Era a música popular ganhando espaço, o que levou setores conservadores a interpretar o ato como uma verdadeira afronta às convenções sociais de então. Severas críticas foram levadas aos espaços de poder, inclusive ensejando ao senador Rui Barbosa,



Gonzaga ao lado do seu companheiro, o piano, em outubro de 1932, no Rio de Janeiro

adversário do então presidente, condenar publicamente a execução da música, acusando-a, inclusive, “como um exemplo de ‘vulgarização’ dos costumes”.

Isso, no entanto, não impediu que Chiquinha fosse reconhecida como figura

ímpar da introdução do choro em nossa MPB, bem como o único nome de mulher a participar de grupos de chorões.

Já no final de 1899, a composição de “Ó abre alas!” levou Chiquinha Gonzaga a tornar-se pioneira em composições dire-

cionadas aos festejos de Carnaval. Tanto é que a música, feita a pedido do bloco Cordão Rosa de Ouro, foi executada, com sucesso absoluto por quase dez anos e permanece, ainda hoje, na memória afetiva de carnavaleiros mais adeptos dos festejos momecos:

“Ó abre alas! / que eu quero passar / Eu sou da Lira / não posso negar / Ó abre alas! / que eu quero passar / Rosa Ouro / é que vai ganhar”. A este propósito, o sucesso “ganhou o mundo”, levando a autora a Portugal, Espanha, Itália, França, Alemanha, Bélgica, Inglaterra e Escócia...

Quando de sua estada em Portugal, onde se demorou mais, chegou a musicar várias peças de operetas, sempre conquistando a aplauso esperado.

O fato é que, entre 1885 e 1933, no Brasil, há registros de, pelo menos, 77 peças teatrais musicadas por ela.

Outro fato relevante nas suas relações com a música nos leva ao ano de 1917, quando, sob a liderança e determinação dela, foi fundada a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (Sbat).

Para os mais românticos, deve-se destacar a composição “Lua Branca” (1912), uma de suas mais famosas e hoje ainda gravada e destinada a um público mais exigente: “Ó, lua branca / de fulgores e de encantos / Se é verdade que ao amor tu dás abrigo / vem tirar dos olhos meus o pranto...”.

Antes mesmo do seu desenlace, aos 87/8 anos, Chiquinha Gonzaga já havia conquistado “a aura de mito, como musicista e ícone da transgressão social”.

angelicallucio@gmail.com



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

SEGURANÇA

Produções audiovisuais
abordam riscos virtuais

Seleção de filmes e séries ajuda a compreender os perigos para jovens e crianças

Eduarda Menina
Agência Estado

Celebrado em 10 de fevereiro, o Dia da Internet Segura (Safer Internet Day) propõe uma reflexão sobre o uso ético, responsável e seguro da *internet*. A campanha mobiliza mais de 180 países, com foco na proteção de crianças, adolescentes e jovens no ambiente digital.

Na 18ª edição no Brasil, a iniciativa destaca o combate ao *cyberbullying*, a promoção da cidadania digital e a construção de uma cultura de paz *on-line*. No país, a ação é liderada pela SaferNet Brasil, com apoio do NIC.br, do CGL.br e da ANPD, envolvendo escolas, ONGs, empresas e usuários da rede.

Além de alertar sobre riscos, a data reforça a importância do diálogo em família. Veja uma seleção de filmes e séries preparada pelo *Estadão* que ajudam a compreender os perigos do ambiente digital e servem como ponto de partida para discussões sobre segurança na *internet*. Confira:

Adolescência
Adolescência é uma minissérie britânica, com quatro episódios, que acompanha o impacto da prisão de Jamie (Owen Cooper), um garoto de 13 anos acusado de assassinar uma colega de escola. A produção aborda temas como *cyberbullying*, radicalização *on-line*, machismo estrutural e a influência da chamada “machosfera” sobre adolescentes isolados. Disponível na Netflix.

Bully
O documentário acompanha a rotina de cinco fa

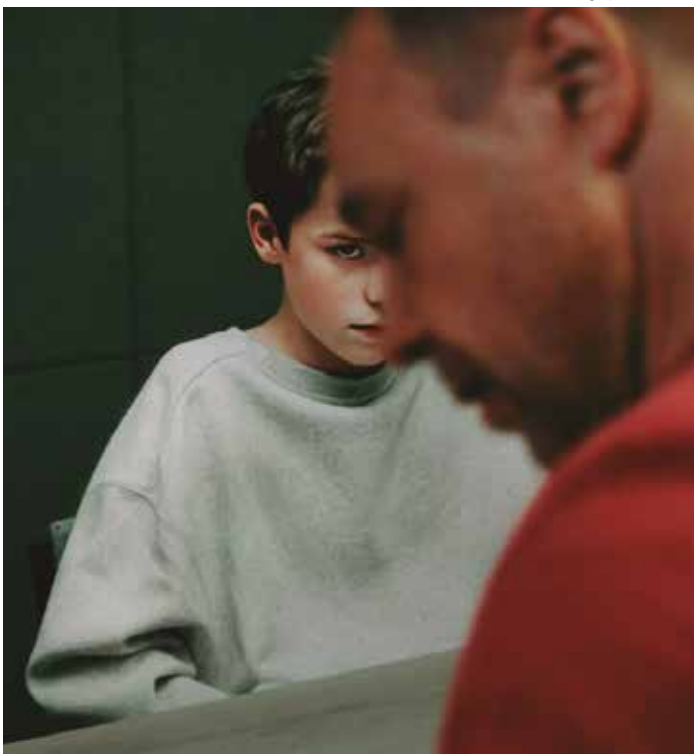


Foto: Divulgação/Netflix

“Adolescência” mostra a influência da chamada “machosfera” mílias cujos filhos enfrentam situações graves de assédio na escola. Ao mostrar as dificuldades das vítimas para se defenderem e a atuação limitada das instituições, o documentário evidencia como o *bullying*, muitas vezes ampliado pelo ambiente digital, pode gerar impactos profundos na saúde emocional de crianças e adolescentes, além de afetar toda a estrutura familiar. Disponível no Prime Video.

Fake Famous
Fake Famous apresenta um experimento que revela os mecanismos por trás da fama nas redes sociais. Ao acompanhar três pessoas comuns tentando se tornar influenciadores digitais, o documentário mostra como curtidas, seguidores e estilos de vida luxuosos podem ser encenados, levantando reflexões sobre autenticidade, consumo e validação no ambiente *on-line*. Disponível na HBO Max.

ações fora da *internet*. Disponível na Netflix.

O Dilema das Redes
O documentário investiga como redes sociais e aplicativos utilizam algoritmos e a coleta de dados para influenciar decisões e comportamentos dos usuários. A partir de entrevistas com ex-funcionários de empresas de tecnologia e especialistas, o documentário discute os efeitos desse modelo sobre a privacidade, a saúde mental e o uso consciente da *internet*, especialmente entre jovens. Disponível na Netflix.

Amizade Desfeita
O filme acompanha um grupo de adolescentes reunidos em uma videochamada, assombrados por uma presença misteriosa ligada ao suicídio de uma colega vítima de *cyberbullying*. Contado inteiramente pela tela do computador, o filme expõe segredos, mentiras e a responsabilidade coletiva por ataques virtuais, ao discutir as consequências do comportamento *on-line* e da violência digital. Disponível no Prime Video.

Charada

Resposta da semana anterior: Vaso de fogo simbólico (2) = pira + está (1) = tá + ache graça (2) = ria. **Solução:** contrabando (5) = pirataria.

Charada de hoje: O que já foi (1) pôr do sol (3) hoje é só um atributo notável (4).

Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiossi



Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

Eita!!!!

História do Carnaval no Brasil
A origem do Carnaval é antiga, com influência de antigas festas pagãs e, posteriormente, relacionada também a preceitos da Igreja Católica, com misturas de costumes, a exemplo do uso das fantasias para celebrar a festa, como já se fazia na época do Império Romano. Apesar de ser celebrada em diversos lugares do mundo 40 dias antes da Quaresma (período em que os cristãos se abstêm de carne e outros prazeres considerados mundanos), foi no Brasil que essa manifestação popular ganhou contornos de patrimônio cultural. Por isso, segundo informações da *National Geographic Brasil*, elencamos algumas curiosidades sobre a história do Carnaval no país.

Origem dos primeiros blocos
Segundo o artigo “A Origem do Carnaval”, disponível na biblioteca do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), os blocos de rua surgiram de comemorações populares decorrentes de procissões e outras manifestações católicas dias anteriores ao período da Quaresma. No Brasil, mais especificamente, o ato de celebrar o Carnaval nas ruas descende dos chamados “entrudos” portugueses. Os entrudos chegaram ao país por volta do século 17. Eram comemorações bastante populares nas quais as pessoas brincavam jogando água, ovos, farinha, frutas podres e restos de comida umas nas outras.

Samba não, marchinhas sim
Foi ainda no século 19, quando as manifestações carnavalescas iam se popularizando nas diversas camadas da sociedade que as marchinhas eram o ritmo oficial do Carnaval, como informa o artigo “A Origem do Carnaval”, publicado no site oficial da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O ritmo descendia das marchas populares portuguesas, reproduzindo algumas de suas características como o compasso binário e cadência militar. O samba, por sua vez, teria se colado à festividade apenas na década de 1910, com a música “Pelo telefone”, de autoria de Donga e Mauro de Almeida, lançada em 1916.

Importância dos afoxés
A presença da cultura africana no Carnaval brasileiro é o que fez dele uma manifestação cultural única, ainda que suas origens remontem a tradições católicas e europeias. Uma das melhores mostras de como essa influência é rica e essencial à festa rítmica da atualidade está na música e no ritmo dos afoxés (foto acima) — cortejos de manifestação afro-brasileira ligados à religiosidade do Candomblé, cujas roupas, cantoria e instrumentos musicais carregam a cultura iorubá. Os afoxés surgiram na Bahia, cujo primeiro grupo surgiu em 1885, em Salvador, na capital baiana. “Os primeiros afoxés foram o Embaixada Africana e os Pândegos da África. Por volta do mesmo período, o frevo passou a ser praticado no Recife, e o maracatu ganhou as ruas de Olinda”, descreve o artigo “A Origem do Carnaval”.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução
1 – balão de látex (“ati”/“ui”/“u”); 2 – catapêlas; 3 – quadros; 4 – cabelo de médico; 5 – cruz; 6 – chapéu; 7 – óculos; 8 – gaveta; e 9 – costela.

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

